



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ANA ANDREIA EDMOND REIS DA SILVA AUGUSTO

O Mistério de Deus, Uno e Trino, antes da criação
Reflexão Teológico-Espiritual a partir dos Tratados
Espirituais de Isabel da Trindade e do Tratado Teológico *De*
***Trinitate* (Livros I-IV) de Agostinho de Hipona**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto
2015

DEDICATÓRIA

Ao Verdadeiro Deus,
Uno e Trino,
Trindade Santíssima,
Pai e Filho e Espírito Santo.

SIGLAS E ABREVIATURAS

- Relativas aos escritos de Isabel da Trindade:

CT O Céu na Terra

DA Deixa-te Amar

GV A Grandeza da nossa Vocação

UR Último Retiro

- Relativas aos escritos de Agostinho de Hipona:

Trin *Trindade De Trinitate*

- Relativas à Sagrada Escritura:

- Antigo Testamento

Gen Génesis

Ex Éxodo

Lev Levítico

Dt Deuterónimo

Sl Salmos

Prov Provérbios

Sab Sabedoria

Sir Ben-Sira

Dan Daniel

- Novo Testamento

Mt Mateus

Lc Lucas

Jo	João
Act	Actos dos Apóstolos
Rom	Romanos
1Cor	1 Coríntios
Gal	Gálatas
Ef	Efésios
Flp	Filipenses
Col	Colossenses
1Tes	1 Tessalonicenses
1Tim	1 Timóteo
Heb	Hebreus
Tg	Tiago
1Ped	1 Pedro
2Ped	2 Pedro
1Jo	1 João
Ap	Apocalipse

- Outras:

cf. confrontar

p. página

ss. seguintes

vol. volume

et al. e outros

org. organizado por

dir. dirigido por

INTRODUÇÃO GERAL

Com este trabalho, pretendemos abordar o Mistério de Deus, que é Uno e Trino, explorando as suas noções básicas e essenciais, através de uma linguagem simples e acessível, para que Deus, Uno e Trino, seja, na medida do possível, conhecido e compreendido por todos os seres humanos, cultos e incultos, consagrados e leigos, crentes (cristãos e de outras religiões) e não crentes.

Sublinhe-se, no entanto, que simplicidade na linguagem não significa de todo falta de profundidade na abordagem do tema, tendo nós a preocupação de dar “passadas” lentas (isto é, bem explicadas), passando, gradualmente, do fácil e básico para o mais complicado e complexo, de forma a que o leitor nos acompanhe, até ao fim, neste caminhar rumo a Deus, Uno e Trino.

Mas porque razão nos vamos debruçar sobre o Mistério de Deus, Uno e Trino?

Em primeiro lugar, porque «a difundida e “moderna” tendência para se considerar todo o *mistério* como *misterioso* (na sua acepção secundária de obscuro e confuso) contribuiu para que o mistério trinitário [...] tenha sido progressivamente relegado para a lista dos objectos e conceitos [...] inúteis para a prática da vida cristã»¹. Pretendemos nós mostrar, com este trabalho, que a difundida e “moderna” tendência de considerar o Mistério Trinitário como obscuro e confuso está erradíssima!

Em segundo lugar, porque não há assunto mais urgente, do que este, para os tempos actuais – em que a sociedade, de uma forma geral, anda insatisfeita e infeliz – uma vez que o conhecimento de Deus (não só em termos de saber – intelectual – mas também em termos de

¹ PANIKKAR, Raimon – *A Trindade: Uma experiência humana primordial*. Tradução de Maria Irene Bigotte de Carvalho. Lisboa: Editorial Notícias, 1999, p. 80. Religiões. De notar que dizer “mistério trinitário” é o mesmo que dizer “mistério de Deus, Uno e Trino”, porque, conforme teremos oportunidade de ver, a Unidade é Trina e a Trindade é Una.

experiência – vivencial) é, conforme veremos, a condição que garante a realização pessoal e eterna de cada ser humano².

Em terceiro lugar, porque há sempre a curiosidade humana (e nós também a temos) de conhecer Deus, Uno e Trino, em termos da Sua Vida Interna – denominada «Imanente»³ – isto é, a Vida que Ele tem em Si mesmo (como é? Quem é? Que relação tem Consigo mesmo? Como vive? Etc.), bem como de conhecer Deus, Uno e Trino, em termos da Sua Vida Externa – denominada «Económica»⁴ – isto é, a Sua Vida no mundo e no ser humano (como age? Que relação tem com o mundo e com o ser humano? Etc.).

Em quarto lugar, porque, sendo Deus, Uno e Trino, a Pedra Fundamental do Cristianismo⁵ (quer como base teórica – onde todas as áreas do saber teológico acentam – quer como base prática e concreta da vida cristã), nós, como cristãos que somos, queremos debruçar-nos sobre o Fundamento da religião que professamos, celebramos e vivenciamos.

Em quinto e último lugar, porque, ao trabalharmos sobre este tema, além de podermos conhecer melhor Deus (possibilitando-nos a amá-l’O cada vez mais), também O podemos dar a conhecer aos outros (para que também estes O amem cada vez mais).

Em quem nos iremos fundamentar para abordar o Mistério de Deus, Uno e Trino?

Em Agostinho de Hipona e em Isabel da Trindade.

Mas porque razão iremos optar por estes dois autores?

Em primeiro lugar, porque ambos buscaram Deus, incessantemente e de forma apaixonada, quer em termos teóricos (de forma a que o entendimento compreenda), quer em termos práticos (de forma a viver por Deus, com Deus e em Deus).

Em segundo lugar, porque a vida de cada um deles – quer em termos históricos, quer em termos de pensamento e de obras – prova, de forma evidente, que está errada a tendência “moderna” de considerar o Mistério Trinitário como obscuro e confuso (e, como tal,

² Cf. SOUSA, João A. – Prefácio do tradutor. In CAETANI, Francesco M. – *Deus*. Tradução de João A. de Sousa. Lisboa: Livraria Sampedro Editora, 1961, p. 7. Ecclesia; 5.

³ PANIKKAR – *A Trindade*, p. 26.

⁴ PANIKKAR – *A Trindade*, p. 26.

⁵ Cf. PANIKKAR – *A Trindade*, p. 80.

completamente incompreensível) e que Deus, Uno e Trino, não só é útil para a teoria e para a prática da vida cristã, como é a condição que garante a realização pessoal e eterna de cada ser humano. Daí que iremos dedicar um capítulo deste trabalho – o primeiro – à exposição das suas vidas (quer em termos históricos, quer em termos de pensamento e de obras), tendo em conta o nosso tema.

Em terceiro e último lugar, porque Agostinho – por ter sido, com enormíssima qualidade, um intelectual, um filósofo, um teólogo, um homem de acção, um orador, um escritor, um pastor, um místico, um homem interior, um poeta, um homem de oração e de meditação – é considerado, pela Igreja Católica, um dos seus maiores doutores⁶ e Isabel – por ter tido uma das experiências mais fortes que se conhecem com Deus, Uno e Trino, e por ter meditado e reflectido nessa experiência, à luz da *Sagrada Escritura*, utilizando conceitos espirituais e teológicos (revelando possuir uma límpida veia teológica e uma cristalina pureza de pensamento) – é considerada, pela Igreja Católica, uma das suas melhores mestras de intimidade com Deus, Uno e Trino⁷.

Desta forma podemos afirmar que, para nós, Agostinho de Hipona e Isabel da Trindade são ideais para atingirmos os objectivos que nos propusemos alcançar com este trabalho.

E uma vez que tanto Agostinho, como Isabel relacionaram a Teologia com a Mística – ao ponto de ambos poderem ser considerados místicos (no sentido de serem conhecedores de Deus por experiência, tendo lá chegado mediante uma união amorosa com Deus⁸) e teólogos (no sentido de serem conhecedores de Deus por meditação e reflexão, mediante o uso da

⁶ Cf. BERTRAND, Luís – *Santo Agostinho*. Tradução de A. Cardoso. Porto: Apostolado da Imprensa, 1930, p. XII; TRAPÈ, A. – Agostino di Ippona. In *DIZIONARIO patristico e di antichità cristiane*. Dir. Angelo Di Berardino. Genova: Casa Editrice Marietti, 1983, vol. 1, p. 97-98.

⁷ Cf. SAGRADA FAMÍLIA, Simeão da – Apresentação. In ARDENS – *Mergulho no Divino: Vida e pensamento da Irmã Isabel da Trindade*. Tradução de Jerónimo de Jesus Correia. Oeiras: Edições Carmelo, 1986, p. 9.13.15. Retratos do Carmelo; 2; ANCILLI, Ermanno – Prefazione. In ANCILLI, Ermanno [et al.] – *“Ho creduto al Dio presente”*: *Saggi sulla spiritualità di Sr. Elisabetta della Trinità*. Torino: Marietti Editori, 1971, p. 5. Aggiornamento.

⁸ Cf. WRIGHT, Robert – *Misticismo*. In *DICCIONARIO de San Agustín: San Agustín a traves del tiempo*. Dir. Allan D. Fitzgerald; traducción de Constantino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001, p. 905.

razão em colaboração com a fé) – a nossa reflexão, sobre o tema em questão, será teológico-espiritual, recorrendo quer à síntese, quer à análise.

Como Agostinho possui um reportório vastíssimo de obras, resolvemos debruçar-nos unicamente sobre o Tratado Teológico *De Trinitate*⁹ (na língua portuguesa, *Sobre a Trindade*), por tratar directamente do assunto que pretendemos abordar. Além disso, no *De Trinitate*, «a investigação teológica é indissociável do desejo místico: toda a obra por completo é uma busca ardente da face de Deus»¹⁰, correspondendo aos nossos anseios, no que concerne a este trabalho.

Em relação às obras de Isabel, resolvemos debruçar-nos sobre os seus quatro Tratados Espirituais¹¹ – *O Céu na Terra*, *Deixa-te Amar*, *A Grandeza da nossa Vocação* e *Último Retiro* – porque, no que concerne ao tema em questão, além de serem as obras que mais conteúdos teológico-espirituais apresentam, também são as que melhor revelam a densidade e a consistência da sua espiritualidade e do seu pensamento teológico¹².

Após a leitura das obras em questão, apercebemo-nos de que a junção dos conteúdos teológico-espirituais, de ambos os autores, seria mais enriquecedora do que uma simples comparação entre ambos. No entanto, com menos intensidade, também focaremos esta, embora mais de forma indirecta e subtil – com a utilização de quadros, com as notas de rodapé, com a indicação dos respectivos nomes dos autores no texto principal, etc. – do que propriamente directa, a não ser em casos que, por alguma razão, consideremos ser oportuno.

Tendo em conta que é nossa intenção investigarmos o Mistério de Deus, Uno e Trino – quer em termos da Sua Vida Interna (Imanente), quer em termos da Sua Vida Externa (Económica) – e tendo em conta o conteúdo teológico-espiritual das obras de Agostinho e de

⁹ Utilizaremos a seguinte edição: AGOSTINHO [DE HIPONA], Santo – *Trindade De Trinitate*. Edição bilingue. Coordenação de Arnaldo do Espírito Santo; introdução e notas de José Maria da Silva Rosa; tradução de Arnaldo do Espírito Santo [et al.]. Prior Velho: Paulinas, 2007.

¹⁰ BOCHET, Isabelle – *Saint Augustin et le désir de Dieu*. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1982, p. 20. *Études Augustiniennes*; 95.

¹¹ Contidos na seguinte edição: ISABEL DA TRINDADE, Beata – *Obras completas*. Edição crítica de Conrad De Meester; tradução e anotações complementares de Carlos H. do C. Silva. Avessadas: Edições Carmelo, 2008.

¹² Cf. BALTHASAR, Hans Urs Von – *Elisabeth de la Trinité et sa mission spirituelle*. Liminaire de François de Sainte-Marie; traduction de Jeanne Ancelet-Hustache. Paris: Éditions du Seuil, 1959, p. 24.

Isabel, consideramos que seria interessante dividir a investigação em três “fases” ou “períodos” (se é que lhe podemos chamar assim): Antes da criação (ou seja, na eternidade antes do tempo); da criação até ao fim do mundo (ou seja, quando a eternidade se “entrelaça” com o tempo); após o fim do mundo (ou seja, na eternidade depois do tempo).

Contudo, devido ao tempo disponível para a elaboração deste trabalho, bem como a extensão e a complexidade do tema, só nos debruçaremos sobre o Mistério de Deus, Uno e Trino, antes da criação, ficando os outros “períodos” para trabalhos futuros.

Conforme a designação “antes da criação” indica, nesse “período” não há qualquer criatura, pelo que o cerne do trabalho será o Mistério de Deus, Uno e Trino, em Si mesmo ou, por outras palavras, na Sua Vida Interna (Imanente).

Mas como havemos de conhecer Deus, Uno e Trino, antes de qualquer criatura existir, se nenhuma de nós – criaturas – existíamos nesse “período”?

Só o podemos fazer através do que o próprio Deus revelou de Si mesmo às criaturas humanas, no “período” em que as criaturas já existem. Assim sendo, teremos de ir a este “período”. Contudo, será unicamente para encontrar dados sobre o “período” que nos interessa e não para nos debruçarmos sobre ele.

Como «muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho» (Heb 1,1-2a). E como a *Sagrada Escritura* contém muitas dessas “falas” de Deus (cf. 1Tes 2,13; 2Ped 1,20), através das quais Deus Se dá a conhecer ao ser humano, então a *Sagrada Escritura* é um excelente meio para conhecermos o que Deus revelou de Si mesmo, quer através do Antigo Testamento – por meio dos profetas – quer através do Novo Testamento – por meio do Seu Filho Incarnado. Reflectindo sobre esses dados revelados – através do uso da razão – conseguiremos compreendê-los e aprofundá-los, alcançando, na medida do possível, o “período” que nos propusemos abordar.

Sendo a *Sagrada Escritura* essencial para este nosso trabalho e tendo em conta que Agostinho reflectiu sobre Deus, Uno e Trino, à luz da *Sagrada Escritura*, fazendo exegese bíblica, sobretudo nos quatro primeiros Livros do *De Trinitate*¹³, então decidimos debruçarmo-nos, para este trabalho, unicamente nesses Livros.

Também Isabel, para conhecer melhor Deus, a quem tanto amou, utilizou a *Sagrada Escritura*, fazendo também ela exegese bíblica, sobretudo nos quatro Tratados Espirituais, reforçando assim a nossa opção por estas obras.

De notar que as citações bíblicas que forem sendo apresentadas, ao longo do trabalho, serão tal e qual as citadas por Agostinho e por Isabel, nas suas obras, salvo algumas excepções, que, propositadamente, forem colocadas por nós (porque o contexto assim o exige). Para distinguir as que serão citadas pelos autores daquelas que serão citadas por nós, bastará reparar que as deles têm nota de rodapé.

Como estruturaremos o nosso trabalho?

Após o primeiro capítulo – o das biografias dos dois autores (com o título *Isabel e Agostinho*) – desenvolveremos o tema a tratar ao longo de mais dois capítulos:

- Um (o segundo do trabalho) que se debruçará sobre quem é Deus, na sua Unicidade, originando, por isso, o título *Deus Uno*, sendo o capítulo dividido em cinco partes (sem contar com a conclusão), consoante os atributos de Deus que se vão revelando, por dedução, a partir de uma única premissa: «Eu sou Aquele que Sou» (Ex 3,14);
- Outro (o terceiro e último do trabalho) que se debruçará sobre como a Unicidade de Deus é Trina, originando o título *Deus Trino*, sendo o capítulo dividido em *Deus é a Trindade* e *A Trindade é Deus* (sem contar com a conclusão), de forma a mostrar que a Unidade é Trina e que a Trindade é Una, ligando e relacionando, desta forma, este capítulo com o capítulo anterior.

¹³ Cf. ROSA, José M. da Silva – Introdução. In AGOSTINHO – *Trin*, p. XXII.

Nos dois capítulos, iremos juntar os conteúdos teológico-espirituais, de ambos os autores, no que concerne ao tema do Mistério de Deus, Uno e Trino, antes da criação, agrupando o que, de alguma forma, anda disperso pelas obras de Agostinho e de Isabel, unindo, num texto único, e explicando (sempre que Agostinho e Isabel o não façam e sempre que achemos oportuno) através dos nossos conhecimentos e das nossas capacidades de reflexão, bem como através de Estudos, de Dicionários e de Enciclopédias, de forma a que nenhuma dúvida ou incompreensão permaneça na mente do leitor. Novamente será fácil notar quem é o autor da explicação: sem nota de rodapé, somos nós que estamos a explicar; com nota de rodapé, ou é Agostinho ou é Isabel ou é algum autor de um Estudo, de um Dicionário ou de uma Enciclopédia.

1. Isabel e Agostinho

Conta a lenda que Agostinho, estando a caminhar, num certo dia, sobre a areia da praia de Hipona, meditando sobre o Mistério de Deus-Trindade, avistou um menino que depois de encher o balde, que tinha na mão, com a água do mar, esvaziou-o numa pequena cova do areal, para, logo de seguida, ir encher, de novo, o balde ao mar e voltar a envaziá-lo na cova. O menino, neste vai-e-vem, entre o mar e a pequena cova, não parava um segundo.

Agostinho, intrigado, aproximou-se dele. Perguntando Agostinho o que andava a fazer, o menino respondeu que andava a transportar toda a água do mar para aquela cova. Com paciência e paternal bondade, Agostinho explicou-lhe que tal tarefa era impossível, porque o mar era imenso e a cova era pequenina, ao que o menino respondeu que era mais fácil colocar toda a água do mar naquela pequena cova do que Agostinho colocar todo o Mistério de Deus-Trindade na cabeça. E, tendo dito isto, desapareceu. Agostinho logo se apercebeu de que se tratava do Menino Jesus¹.

Não interessando, para o âmbito deste trabalho, discutir a veracidade desta lenda, interessa-nos, contudo, o fundo de verdade em que ela acenta: A busca incessante de Deus, por parte de Agostinho. Busca esta que Isabel – ao seu jeito, segundo o seu próprio carisma e o seu modo de vida – imitou.

Mas é possível encontrar Deus-Trindade, se – tal como a lenda dá a entender – Ele é tão imenso (como o mar) que não cabe na cabeça (mente) do homem (que é pequeno como a cova na areia)?

E porque razão Isabel e Agostinho procuraram Deus-Trindade?

Que meios utilizaram para O procurar?

Procuraram-n'O desde que nasceram ou foi só a partir de uma certa altura da sua vida?

¹ Cf. AGOSTINHO de Hipona. In TAVARES, Jorge – *Dicionário de Santos: hagiológico, iconográfico, de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores de música religiosa*. 3ª edição revista. Porto: Lello Editores, 2004, p. 14; PAPINI, Giovanni – *Santo Agostinho*. Tradução de M. G. da Costa. Braga: Livraria Cruz, 1949, p. 6. Critério; 21; ROSA – Introdução, p. XI.

Quando começaram a procurá-l'O, chegaram a encontrá-l'O? E se O encontraram, o que aconteceu e o que dizem eles de Deus-Trindade?

Debrucemo-nos, um pouco, sobre as suas vidas (não só em termos históricos, mas também em termos de pensamento e de obras), para podermos responder a estas e outras questões que se relacionem com Deus-Trindade e que sejam pertinentes para o âmbito deste trabalho.

1.1. O teólogo místico

Aurélio Agostinho nasceu no dia 13 de Novembro de 354 (um Domingo), na cidade de Tagaste, na província de Numídia, no Norte de África².

Quando Agostinho nasceu, Tagaste pertencia ao Império Romano (e isso já desde há três séculos), sendo um município em cuja administração o seu pai, de nome Patrício, trabalhava, gozando, por isso mesmo, de certa importância na cidade. Patrício também possuía uma pequena propriedade rural, da qual ia tirando algum rendimento. Pagão e de costumes relaxados – principalmente no que concerne «aos prazeres carnis até ao ponto de ser muitas vezes adúltero»³ – este homem tinha, por vezes, ataques de cólera, sendo violento principalmente com a sua esposa Mónica (331-387)⁴, a qual, sendo cristã e piíssima, o tentava moderar, com dignidade e mansidão⁵.

² Cf. MARKUS, Robert A. – *Vida, cultura y controversias de Agustín*. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 1319; PAPINI – *Santo*, p. 17.

³ PAPINI – *Santo*, p. 19.

⁴ Mónica nasceu de uma família católica de Tagaste, tendo sido criada por uma servente já idosa. Apesar de ter sido educada num ambiente de pureza e de temperança, Mónica começou, desde cedo, a beber vinho às escondidas. Tendo sido apanhada por uma das serventes da casa e logo chamada de “borrachona”, Mónica prontamente corrigiu esse vício (cf. DI BERARDINO, Angelo – Mónica. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 911).

⁵ Cf. FERRIER, Francis – *Santo Agostinho*. Tradução de Isabel Maio Gonçalves. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1993, p. 31. Saber; 225; BERTRAND – *Santo*, p. 7-9; TRAPÉ – Agostino, p. 91.

Agostinho teve pelo menos um irmão, de nome Navígio, e uma irmã, da qual nunca se soube o nome, sendo muito provável que Agostinho fosse o mais velho dos filhos de Patrício e de Mónica⁶.

Mónica tinha cerca de vinte e dois anos quando deu à luz Agostinho. Como era uma católica fervorosa e como Patrício, apesar de pagão, respeitava a fé de sua esposa, não colocando qualquer entrave à transmissão da fé católica aos seus filhos, Mónica nunca deixou de transmitir, com zelo, a sua fé ao seu filho, chegando mesmo a introduzi-lo na Igreja, logo após o seu nascimento, através dos primeiros ritos de catecumenato⁷: com o sinal da cruz e com o sal. Agostinho não chegou a ser baptizado em criança, porque não era o costume seguido na época⁸.

Apesar de africano, Agostinho foi crescendo e desenvolvendo-se como «romano de língua, de cultura e de coração»⁹, pensando e escrevendo em latim¹⁰, embora inicialmente os estudos lhe fossem repugnáveis. Com efeito, os primeiros estudos, iniciados no ano 361 (tendo Agostinho sete anos), em Tagaste, marcaram-no de forma negativa. Provavelmente devido às vergastadas que levou do mestre – e que devem ter sido muito penosas, pois Agostinho, quarenta anos depois, ainda as denuncia como abomináveis – começou a detestar quer a escola, quer aquilo que nela se ensinava¹¹.

De notar que «este rapaz que se tornaria em breve um discípulo aplaudido, mais tarde um professor excelente e por fim um mestre infatigável e venerado, começou por odiar os livros e a escola»¹².

⁶ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 91; FERRIER – *Santo*, p. 32.

⁷ «Um catecúmeno é uma pessoa que se prepara para o baptismo. Na Igreja antiga, a preparação dos catecúmenos implicava muito mais que a instrução dos mesmos na doutrina; supunha todo um conjunto de exercícios ascéticos e rituais que serviam para iniciar o recém convertido no caminho cristão da vida» (HARMLESS, William – *Catecúmenos, catecumenado*. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 241-242). Neste caso em que Agostinho ainda é um recém-nascido, Mónica faz-lhe simplesmente os primeiros rituais. Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 11; FERRIER – *Santo*, p. 31-32; PAPINI – *Santo*, p. 18.

⁸ Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 11; FERRIER – *Santo*, p. 31-32; PAPINI – *Santo*, p. 18.

⁹ TRAPÈ – Agostino, p. 91.

¹⁰ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 32.

¹¹ Cf. JIMÉNEZ DUQUE, B. – Agustín de Hipona. In *DICCIONARIO de los Santos*. Dir. C. Leonardi; A. Riccardi; G. Zari. Madrid: San Pablo, 2000, vol. 1, p. 84; PAPINI – *Santo*, p. 18.27.289; BERTRAND – *Santo*, p. 27-28.

¹² PAPINI – *Santo*, p. 27.

Só os jogos, de todas as espécies, com as outras crianças, bem como as mímicas e as comédias (quer como espectador, quer como recitador) o fascinavam. Contudo, rapidamente começou a incorrer em dois pecados: mentira e furto. Nos jogos, sempre que reparava que ia perder, recorria à fraude para sair vencedor (nem que fosse subornando os colegas com produtos roubados da casa de seus pais). Nas mímicas e nas comédias, arranjava assistência e cumplicidade também à base de subornos com produtos roubados da casa de seus pais. No meio destas trifulhices, andavam inumeráveis mentiras que ele pregava quer ao seu mestre, quer aos seus pais¹³.

A relutância pelos estudos foi diminuindo à medida que Agostinho foi crescendo, tendo contribuído muito para isso a leitura da *Eneida*, de Virgílio (70-19 a.C.)¹⁴. Com efeito, a partir desta obra, ele não só começou a tomar gosto pela leitura, como descobriu – quer ao receber um prémio por parafrasear uma parte dela, quer ao receber grandes aplausos pelas restantes declamações que fez, perante discípulos e coetâneos – que possuía as qualidades necessárias para ter sucesso no mundo das letras: boa memória e facilidade de expressão¹⁵.

A *Eneida* de Virgílio marcou de tal maneira Agostinho que ele não só a leu e releu até a saber de cor, como os seus futuros escritos – incluindo os últimos da sua longa vida – conterão passagens completas dela¹⁶.

Mas não foi só Agostinho quem reparou nas qualidades que possuía. Seu pai também reparou e, desejando fazer dele um professor famoso, mandou-o para Madaura, a fim de que continuasse os estudos (nomeadamente em gramática)¹⁷.

Em 367, Agostinho, com treze anos, chega a Madaura¹⁸, sendo-lhe ministrado «um ensino tódo impregnado de paganismo, do qual, segundo o seu costume, êle escolhia apenas o que lhe agradava»¹⁹.

¹³ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 28-29.

¹⁴ Virgílio foi um dos mais nobres poetas da antiguidade (cf. MACCORMACK, Sabine – *Virgilio*. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 1332)

¹⁵ Cf. MACCORMACK – *Virgilio*, p. 1330; PAPINI – *Santo*, p. 28.31.

¹⁶ BERTRAND – *Santo*, p. 40.

¹⁷ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – *Agustín*, p. 84; PAPINI – *Santo*, p. 31-32.

Perante o sucesso de Madaura, Patrício começou a encarar a hipótese de enviar Agostinho para Cartago, para que este prosseguisse os estudos numa escola melhor (e mais famosa) e numa cidade maior. Contudo, os seus fundos não só não deram para reencaminhar o filho para Cartago, como também não deram para mantê-lo em Madaura por mais tempo, mandando-o regressar para Tagaste, em 370, tendo Agostinho dezasseis anos²⁰.

Enquanto Patrício procurava arranjar recursos para enviar seu filho para Cartago, Agostinho, durante esse tempo (que acabaria por perfazer cerca de um ano), andou a vagabundear por Tagaste, na companhia de camaradas da sua idade, deixando-se levar pela insurreição da puberdade e pelas tentações quotidianas da liberdade²¹.

Terminado esse ano, «encontramos em Agostinho um escolar indócil, um jogador desleal, um comediante ferrenho, um mentiroso e um ladrão»²², destacando-se o caso do “roubo das pêras”: «com um grupo de camaradas da sua idade, Agostinho vai pilhar durante a noite o pomar de um vizinho próximo perto da vinha de seu pai»²³, sacudindo as árvores, trincando as peras que caíram e deitando-as aos animais, por as acharem medíocres. Tudo foi feito por puro divertimento e pelo prazer diabólico de infringir a lei²⁴.

A estes vícios da infância veio ainda a juntar-se a voluptuosidade. Este vício será, de todos, o mais difícil de Agostinho eliminar. Com efeito, iniciando a sua vida sexual ainda no decorrer desse ano (370), em Tagaste, tendo Agostinho dezasseis anos, só se libertará dele aos trinta e dois anos²⁵.

Apesar de tudo isto, Agostinho continuava a ter fé em Jesus Cristo. A comprovar isso está a sua reacção perante a iminência da morte, quando, ao cair de cama com febre e com dores violentas de estômago, pediu com ardor o baptismo. Mónica estava para atender aos seus rogos, quando, contrariamente a todas as expectativas, subitamente o seu filho melhorou e o

¹⁸ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 32.62.289.

¹⁹ BERTRAND – *Santo*, p. 39; PAPINI – *Santo*, p. 36.289.

²⁰ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 34; PAPINI – *Santo*, p. 36.

²¹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 36; BERTRAND – *Santo*, p. 42.

²² PAPINI – *Santo*, p. 30.

²³ FERRIER – *Santo*, p. 35.

²⁴ Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 45.

²⁵ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 36-37.39-40.

sacramento foi adiado por Mónica, esperando esta – conforme o costume da época – que Agostinho deixasse de cometer as faltas graves que andava a cometer²⁶.

No fim desse ano, Agostinho – graças ao dinheiro que o Pai conseguiu economizar, em conjunto com a promessa de um rico compatriota, de nome Romaniano, de que, em caso de necessidade, ajudaria financeiramente Agostinho até ao fim dos seus estudos – partiu para Cartago – ávido de ciência, de glória e de prazer – para estudar eloquência (retórica, filosofia, direito, estética, etc.). Sozinho naquela grande cidade – sendo uma das cinco grandes capitais do Império²⁷ e, depois de Roma, uma das mais populosas do império, onde imperavam festas e teatros, mas também muito estudo²⁸ – e trazendo já uma bagagem de vícios, Agostinho mergulha por completo no clima de sensualidade desenfreada que lá reinava²⁹.

Inscrevendo-se numa das muitas escolas de retórica que lá havia, Agostinho começou a fazer amigos entres os novos companheiros³⁰.

Em 371, Patrício, Pai de Agostinho, pouco depois de se ter convertido ao cristianismo e recebido o baptismo, morre, tendo Agostinho dezassete anos e Mónica (a quem se atribui a façanha da conversão do seu marido), quarenta anos³¹.

Ainda durante esse ano, Agostinho começou a viver em concubinato com uma mulher cartaginesa, da qual nunca se soube o nome, mantendo esta situação ao longo de quinze anos, sendo-lhe sempre fiel³².

Uma vez que Agostinho nunca se casou com ela e quando pensou em casar – conforme veremos posteriormente – não poderia ser com ela, pensa-se que a «sua parceira era uma escrava ou uma jovem liberta, ainda que se afirme também que era uma mulher livre de classe social média e baixa»³³, visto que o matrimónio, regulamentado pelo direito romano, «estava

²⁶ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 29; BERTRAND – *Santo*, p. 46; FERRIER – *Santo*, p. 32.

²⁷ Sendo as outras quatro: Roma, Constantinopla, Antioquia e Alexandria (cf. BERTRAND – *Santo*, p. 52).

²⁸ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 44.

²⁹ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 84; FERRIER – *Santo*, p. 36-37; BERTRAND – *Santo*, p. 48.52.

³⁰ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 44.

³¹ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 32; PAPINI – *Santo*, p. 17-19.

³² Cf. FITZGERALD, Allan D. – Adeodato. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 10; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 84; FERRIER – *Santo*, p. 37-38; PAPINI – *Santo*, p. 41.

³³ POWER, Kim – Concubina / concubinato. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 298.

proibido entre certas classes, e alguns grupos de pessoas não lhes era permitido em absoluto contrair matrimónio»³⁴, como, por exemplo, os escravos³⁵.

Apesar de manter este relacionamento com uma só mulher (que se mostrou duradouro), a obsessão que Agostinho tinha pela carnalidade manteve-se³⁶.

Em 372, tendo Agostinho dezoito anos, nasceu-lhe um filho, ao qual chamou Adeodato³⁷.

Mas «nem só prazeres carnis encontrava Agostinho em Cartago: a sua inteligência, tão viva e penetrante, tinha ali também assunto extraordinário para meditação»³⁸, dedicando-se Agostinho de tal forma aos estudos, que se tornara «o melhor de todos, o primeiro da classe, e [...] disso se gloriava muitíssimo. Mas justamente nessa altura e em consequência da aplicação aos estudos, foi abalado por aquela que se poderia chamar a sua primeira conversão»³⁹, aos dezanove anos (no ano 373), quando leu *Hortênsio*, de Cícero (106-43 a.C.)⁴⁰, buscando, a partir daí e não descansando jamais até as encontrar, quer a sabedoria imortal (correspondendo esta ao conhecimento de Deus, que, por sua vez, corresponde à plena felicidade), quer uma vida mais elevada (por contemplação intelectual, onde importa mais as coisas ditas do que o modo como são expressas, sendo isto exactamente o oposto do que Agostinho pensava e fazia até esse momento) – que Cícero, na obra, exaltava, de forma convincente, como sendo as duas coisas que mais importavam na vida – sentindo-se Agostinho interpelado em procurá-las primeiramente na *Sagrada Escritura*, por saber que, ali, estava contido o que Deus tinha falado aos homens⁴¹.

Contudo, julgando a *Sagrada Escritura* pobre «de estilo em comparação com os escritos de Cícero, [...] simpatizou com as doutrinas dos maniqueus, que lhe pareciam

³⁴ POWER – *Concubina*, p. 297-298.

³⁵ Cf. POWER – *Concubina*, p. 298.

³⁶ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 40.

³⁷ Cf. FITZGERALD – Adeodato, p. 10.

³⁸ BERTRAND – *Santo*, p. 55.

³⁹ PAPINI – *Santo*, p. 45.

⁴⁰ Cícero foi um orador, estadista e filósofo romano. Considera-se que ele foi, para os leitores de latim, a fonte mais importante para o conhecimento da filosofia helenística (cf. CURLEY, Augustine – Cicerón, Marco Tulio. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 256)

⁴¹ Cf. CURLEY – Cicerón, p. 256; BERTRAND – *Santo*, p. 71; PAPINI – *Santo*, p. 46-48.289.

intelectualmente mais refinadas»⁴², não se baseando – como a cristã – numa «verdade revelada que é preciso aceitar por obediência, mas [n]uma verdade tangível e demonstrável, a cuja luz todos os mistérios se dissolviam»⁴³, nomeadamente o problema do mal⁴⁴.

Com efeito, a doutrina de Manés (215-275)⁴⁵ ou maniqueia⁴⁶, baseando-se unicamente na razão, sem o recurso da autoridade da fé⁴⁷, admitia «a eterna e irredutível dualidade do “Pai da Grandeza” e de Satanás, do Bem e do Mal, da Luz e das Trevas [...] [, encontrando-se] estes dois elementos, o luminoso e o tenebroso, [...] misturados e conjuntos em todas as coisas, tanto nas inanimadas como nas animadas»⁴⁸, os maniqueus responsabilizavam Satanás (o deus mau) por todos os males que afligiam os homens, desresponsabilizando os homens em relação aos seus próprios vícios (o que naturalmente agradava a Agostinho, por andar afundado em tantos e graves vícios)⁴⁹.

Mas não foi só pela resolução do problema do mal, desenvolvida pelos maniqueus, nem pelo seu racionalismo, que levou Agostinho a aderir ao maniqueísmo, como também pelo seu materialismo – afirmando que tudo ao ser matéria, nomeadamente as trevas e a luz, da qual ambos os deuses (o bom e o mau) são feitos, o Deus bom era um corpo subtil e resplandescente (não concebendo, nem podendo conceber, Deus como um espírito puro, tal

⁴² MARKUS – *Vida*, p. 1319.

⁴³ PAPINI – *Santo*, p. 51.

⁴⁴ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 92.

⁴⁵ Manés nasceu na Babilónia. Seu pai, afirmando que recebera dum anjo a ordem de abster-se de vinho, da carne e das mulheres, entrou, com Manés, numa comunidade de Mandeus (seita cristã). Aos treze anos, Manés afirmou que também ele recebera a visita de um anjo, que lhe revelara a divina verdade. Em 240, afirmou ter tido outra revelação em 240. Depois de várias peripécias para tentar anunciar a sua fé, Manés foi preso, esfolado vido e decapitado, em março de 275 (cf. PAPINI – *Santo*, p.51-52).

⁴⁶ Segundo Manés, Jesus foi um homem só na aparência, não tendo sofrido na cruz, tendo vindo ao mundo para ensinar a existência de dois mundos opostos entre si: o do bem e o do mal. Como os homens (principalmente os cristãos) o não compreenderam, Manés desceu do Céu, como Espírito Santo, para ensinar os caminhos que os homens deveriam seguir (cf. PAPINI – *Santo*, p.52). Os seguidores de Manés – os Maniqueus – constituíram uma igreja recalcada sobre moldes cristãos até na ordem hierárquica: «No alto havia um príncipe, depois doze Apóstolos ou Mestres, setenta e dois discípulos ou Bispos, denominados Filhos da Inteligência, que ordenavam sacerdotes e diáconos; vinham a seguir os Eleitos, que correspondiam aos monges e finalmente a plebe dos *nigôchak*, em latim *audientes*, ouvintes. Agostinho não passou de ouvinte e como tal permaneceu até se converter [...]. O baptismo na igreja maniqueia era com óleo e a missa sem vinho; todos os domingos os fiéis reuniam-se para recitar orações e cantar hinos; em março havia uma grande festa, *Bema*, para comemorar, à imitação da Páscoa cristã, o martírio de Manés» (PAPINI – *Santo*, p.54-55)

⁴⁷ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 92.

⁴⁸ PAPINI – *Santo*, p. 53.

⁴⁹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 57-58.

como o Deus verdadeiro é e como o Cristianismo ensina – e pela sua rejeição ao Antigo Testamento (pelas incongruências e imoralidades lá contidas, afirmando que este era inspirado pelo deus mau)⁵⁰.

Daí que, «em poucos dias [, Agostinho] se tornou num ferrenho anti-católico e num fiel maniqueu»⁵¹.

Em 374, Agostinho, com vinte anos, conclui os estudos de retórica. Romaniano, seu mecenas, chama-o, de imediato, a Tagaste, para nela abrir uma escola de gramática e ficar a leccionar nela, tendo, entre os alunos, dois dos seus filhos: Licêncio e outro irmão mais novo. Agostinho obedece a Romaniano e regressa a Tagaste, como professor de gramática⁵².

Sendo tal o fervor pela sua nova fé e aproveitando a sua eloquência, Agostinho, consegue converter ao maniqueísmo alguns dos seus amigos: Romaniano, Alípio, Honorato, entre outros⁵³.

Tentando também converter sua mãe, «esta sentiu-se de tal modo horrorizada com a vergonhosa deserção do filho, que o expulsou de casa, obrigando-o a ir recolher-se, por algum tempo, em casa do seu grande amigo Romaniano. Mónica chorava dia e noite pelos erros de Agostinho»⁵⁴. Contudo, as suas lágrimas não «lograram, ao menos por então, arrancá-lo àquela fascinação do erro. Querendo a todo o transe salvar o filho, Mónica foi pedir a um bispo [, provavelmente o de Madaura], que passava por bom conhecedor das Escrituras, que disputasse com Agostinho e o reconduzisse à Igreja»⁵⁵. Recusando-se este, de forma obstinada, Mónica, chorando sem cessar, também não parou de insistir, até que aquele, perdendo a paciência, a mandou embora, afirmando que era impossível que percesse o filho de tantas lágrimas⁵⁶.

⁵⁰ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 92; PAPINI – *Santo*, p. 56-57.

⁵¹ TRAPÈ – Agostino, p. 92.

⁵² Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 78-79. 94; PAPINI – *Santo*, p. 62.289.

⁵³ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 59.

⁵⁴ PAPINI – *Santo*, p. 59.

⁵⁵ PAPINI – *Santo*, p. 60.

⁵⁶ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 60-61.

Por esta altura, nasce em Agostinho a paixão pela astrologia, aprendendo ele a tirar horóscopos⁵⁷.

Em 375, um dos seus amigos recém-convertidos ao maniqueísmo adoeceu gravemente. Como provinha de uma família cristã, esta, ao vê-lo sem sentidos, imediatamente o mandou baptizar. Inesperadamente, o jovem melhorou. Agostinho, dirigindo-se ao jovem, gracejou a respeito da água baptismal que havia sido derramada sobre o seu corpo insensível, esperando que o amigo gracejasse também. Contudo, este, mostrando um semblante sério, pediu a Agostinho que parasse de vez com semelhantes discursos, se queria que ele continuasse a ser seu amigo. Poucos dias depois, o jovem teve uma recaída e morreu⁵⁸.

Deveras incomodado com tais acontecimentos e entrando numa crise de pessimismo, Agostinho, confidenciando unicamente com Romaniano, deseja ardentemente sair de Tagaste. Romaniano oferece-lhe o dinheiro necessário para que Agostinho saia de Tagaste, vá para Cartago e abra uma escola de eloquência. Agostinho, às ocultas e banhado em lágrimas, sai de Tagaste⁵⁹.

Em 376, Agostinho, com vinte e dois anos, chega a Cartago e procede conforme havia combinado com Romaniano, retomando também os estudos filosóficos, mas agora com mais ardor⁶⁰.

Em 380, Agostinho, com vinte e seis anos, escreve o seu primeiro livro, de nome *De pulchro et apto* (na língua portuguesa, *Sobre o belo e o conveniente*), tentando ele responder às perguntas: O que é o Belo? O que é a Beleza? Estando ele impregnado das doutrinas maniqueias, este pequeno tratado apresenta uma estética completamente empírica e materialista e, como tal, anos mais tarde – nomeadamente quando ele reconhecer a existência e o primado do espírito – deste tratado, só conservará o princípio da harmonia, vindo a expôr

⁵⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 64.

⁵⁸ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 66.

⁵⁹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 66.68.289.

⁶⁰ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 45-46; PAPINI – *Santo*, p. 69.

ideias muito mais profundas quando escrever o *De musica* (na língua portuguesa, *Sobre a música*) e o *De Trinitate* (na língua portuguesa, *Sobre a Trindade*)⁶¹.

Para além da filosofia, Agostinho também estudou música, geometria, teoria dos números e astronomia, tendo descoberto, com esta última, que os escritos de Manés sobre os planetas e as estrelas estavam errados, pondo em causa a infalibilidade de Manés (que se considerava o Espírito Santo em pessoa que havia descido à terra), proclamada pelos maniqueus e que Agostinho, ao se converter, acreditava. Este foi o primeiro abanão na fé maniqueia de Agostinho⁶².

Procurando obter respostas, não encontrou alguém «em Cartago [...] capaz de resolver-lhe as dúvidas e provar-lhe, com sólidos argumentos, a infalibilidade de Manés. Respondiam-lhe que viria dentro em breve, a Cartago, um bispo maniqueu, famoso em doutrina [...], o qual o satisfaria plenamente»⁶³.

Decorria o ano 383, quando chegou, a Cartago, o esperado bispo maniqueu, de nome Fausto de Mileve⁶⁴ que «falava bem, muito melhor que qualquer dos oradores que Agostinho tinha escutado até àquele momento, mas não acrescentava nada ao que já tinha lido, ou ouvido milhares de vezes»⁶⁵. Confrontado com as dúvidas de Agostinho, Fausto confessou que, «sobre o assunto, não sabia, nem compreendia nada»⁶⁶.

Perante esta confissão de incompetência, feita por um dos chefes mais célebres do Maniqueísmo, Agostinho sentiu mais um rasgão na sua fé maniqueia. Apesar de não deixar de ser maniqueu, a dedicação já começava a não ser a mesma⁶⁷.

Ambicionando lucro e fama, Agostinho resolve deixar Cartago e ir para Roma. Mas, em 383, estando prestes a cumprir o seu sonho, sua mãe chega a Cartago. Mónica, ficando a saber da resolução de seu filho, pede-lhe, entre gemidos e lágrimas, que não vá. Agostinho,

⁶¹ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 47; PAPINI – *Santo*, p. 69-70.289.

⁶² Cf. PAPINI – *Santo*, p. 72.

⁶³ PAPINI – *Santo*, p. 72-73.

⁶⁴ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 73.289.

⁶⁵ PAPINI – *Santo*, p. 73.

⁶⁶ PAPINI – *Santo*, p. 73.

⁶⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 74-75.

persuadindo-a a ir rezar para uma igreja, enquanto ele se despedia de um amigo que ia partir, embarcou, sem o seu consentimento, para Roma. Quando Mónica deu conta, já Agostinho estava longe de Cartago⁶⁸.

Chegado a Roma, Agostinho hospeda-se em casa de um maniqueu⁶⁹.

Acabado de se instalar, «foi assaltado duma terrível febre, [...] que o pôs em perigo de vida e era tal a confusão do seu espírito, que não sentiu sequer o desejo do baptismo que em criança tinha pedido tão insistentemente, em semelhante conjuntura»⁷⁰.

Refeito da doença, Agostinho abriu uma escola de retórica, não lhe faltando alunos⁷¹. Porém, os alunos enganaram-no, uma vez que «ouviam as lições do mestre até ao momento de pagar as propinas, desertando então em massa para outra escola. Bem amarga foi essa experiência para Agostinho [...], tanto que começou a odiar aqueles alunos trapaceiros e a sentir aversão por Roma, antes tão desejada»⁷².

No ano seguinte, em 384, Agostinho, com trinta anos, ganhou a cátedra de eloquência, em Milão, graças à intervenção do prefeito de Roma, de nome Quinto Aurélio Símaco (345-402)⁷³. Com efeito, Símaco, durante uma estadia em Milão, ficou encarregado de enviar, de Roma, um bom mestre de retórica. Os maniqueus, ao saberem disso, recomendaram-lhe Agostinho. Símaco, após examinar o candidato, aprovou-o⁷⁴.

Apesar de menos populosa do que Roma, Milão era, naquela altura, mais importante do que Roma, por ser onde habitualmente se fixava a corte imperial. Além disso, o seu bispo, de nome Ambrósio (340-397)⁷⁵, além de ser «o homem de maior influência na cidade»⁷⁶,

⁶⁸ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 85; FERRIER – *Santo*, p. 47; PAPINI – *Santo*, p. 75-77.289.

⁶⁹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 78.

⁷⁰ PAPINI – *Santo*, p. 78-79.

⁷¹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 81.

⁷² PAPINI – *Santo*, p. 81-82.

⁷³ Símaco, prefeito e elemento da aristocracia, era famoso pela sua literatura, tendo publicado uma selecção de discursos e um volume com a sua correspondência. Tinha uma excelente eloquência, ao ponto de ser comparado com Cícero (cf. MCLYNN, Neil – Símaco. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 1236).

⁷⁴ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 85; PAPINI – *Santo*, p. 82.

⁷⁵ Ambrósio foi considerado um dos quatro grandes doutores da igreja latina. Tendo saído de uma nobre família romana, foi governador da Ligúria e da Emília, tendo sido designado, por aclamação popular, bispo de Milão. Depois de baptizado, foi ordenado em 374. Ambrósio tornou-se célebre pelas sua luta em defesa dos direiros da Igreja contra as ingerências do poder, bem como pelas suas lutas contra o arianismo, que, a seu tempo, explicaremos o que foi. Todas as suas obras são fruto das suas preocupações pastorais (cf.

também era «um dos homens mais poderosos do império, conselheiro e até protector dos Césares e dos Augustos, o prelado mais famoso do Ocidente»⁷⁷. Daí que, mal chegou a Milão, Agostinho, por motivos de conveniência e de interesse, foi visitar Ambrósio. Sendo acolhido de forma paternal por Ambrósio, Agostinho, desde logo, ficou a venerá-lo como a um pai⁷⁸.

Ouvindo, aos Domingos, os sermões de Ambrósio, na Basílica de Milão, repleta de uma multidão de gente atenta e comovida, Agostinho toma consciência de que os maniqueus o haviam enganado, de modo fraudulento, mais do que ele podia supor⁷⁹. Através da pregação de Ambrósio, Agostinho aprofunda, compreende e passa a confiar «no ensinamento católico acerca da interpretação da Escritura [...] [,] acolhendo a autoridade da igreja, [como] garante e intérprete da Escritura»⁸⁰.

Contudo, Ambrósio ainda não conseguira fazê-lo compreender a espiritualidade de Deus, nem ainda o deixara satisfeito com a explicação que dera sobre a natureza e a origem do mal. Agostinho sente que já se libertou do erro, mas que ainda não alcançou a verdade⁸¹.

Além de se afastar do Maniqueísmo, Agostinho também se afastou da astrologia. Isso aconteceu quando descobriu que um amigo seu, de nome Firmino, nascera no mesmo dia e minuto que o filho de uma escrava de um amigo de seu pai, Patrício. Uma vez que o horóscopo de ambos era necessariamente idêntico, os destinos de ambos também deveriam ser idênticos, o que não acontecera: um era livre, culto e rico; o outro era escravo, ignorante e pobre⁸².

Entretanto, sua mãe chega a Milão, em 385, acompanhada de Navígio, irmão de Agostinho, dando-lhes Agostinho a alegre notícia do seu definitivo afastamento do Maniqueísmo e do seu retorno à fé católica. Pouco a pouco, foram-se juntando à sua volta os

AMBRÓSIO. In *DICIONÁRIO de termos da fé*. Dir. Olivier de la Brosse; Antonin-Marie Henry; Philippe Rouillard. Tradução de A. Maia da Rocha. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1989, p. 46).

⁷⁶ PAPINI – *Santo*, p. 87.

⁷⁷ PAPINI – *Santo*, p. 86-87.

⁷⁸ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 87.290.

⁷⁹ Cf. MARKUS – *Vida*, p. 1320; PAPINI – *Santo*, p. 94.

⁸⁰ TRAPÈ – *Agostino*, p. 92.

⁸¹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 98.121.

⁸² Cf. PAPINI – *Santo*, p. 121-122.

seus fiéis amigos Alípio e Nebrídio, bem como o filho de Romaniano, Licêncio, que o pai enviou para Milão, com a finalidade deste voltar a estudar com o seu antigo mestre. Além disso, Agostinho continuava a viver em concubinato, com a sua “quase-esposa” e com o seu filho Adeotado, que, por esta altura, tinha já treze anos⁸³.

Aparentemente, Agostinho, com trinta e um anos, alcançara já tudo quanto desejava para ser feliz: realização profissional, triunfos académicos, braços de uma mulher, paternidade, amigos e família à sua volta. Contudo, Agostinho não estava satisfeito, nem tranquilo, começando a compreender que nada do que tinha alcançado lhe dava a plena felicidade⁸⁴.

Por esta altura, o seu aluno Licêncio afirmou que é feliz aquele que busca a verdade, ao que Agostinho retorquiu que não é só aquele que busca a verdade, mas, e sobretudo, aquele que a encontra; além disso, encontrar a verdade é o mesmo que encontrar Deus, pelo que é feliz aquele que encontra Deus⁸⁵.

Aproveitando a forma como Agostinho actualmente pensa, Mónica começa a fazer pressão para que Agostinho se separe da concubina, alegando que esta situação o impedirá de alcançar a verdade⁸⁶.

Não estando ainda morta, em Agostinho, a obsessão sexual, não lhe agradava nada a ideia de se separar da concubina. Além disso, ele também a amava e a separação seria dolorosa⁸⁷.

Vendo Mónica que o filho não conseguia viver sem mulher e querendo ela livrá-lo do concubinato que só o prejudicava (a ascensão profissional de Agostinho exigia-lhe, como companheira, uma mulher legítima), Mónica propôs-lhe que deixasse a concubina e se casasse com uma rapariga que já havia sido aprovada pela família, bem como pelos amigos. Agostinho deu o seu consentimento⁸⁸.

⁸³ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 98-100.290.

⁸⁴ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 101.

⁸⁵ Cf. CARY, Phillip – Escépticos, escepticismo. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 493.

⁸⁶ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 52.

⁸⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 111.113.

⁸⁸ Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 149; PAPINI – *Santo*, p. 107.113-114.

Informada da decisão de Agostinho, a concubina resolveu voltar para África e entrar num mosteiro, deixando Adeodato com o pai⁸⁹.

Sabendo Agostinho que só se casaria daí a dois anos – uma vez que a noiva, tendo somente doze anos, teria de aguardar mais dois para ter a idade mínima legal para se casar – e tendo a concubina acabado de partir, ele, não conseguindo viver sem uma mulher no leito, meteu em casa outra amante⁹⁰.

Se a primeira concubina «o soube, bem mais amarga lhe devia ter sido esta volta à terra natal [...]! E Mónica não terá sofrido também [...] ao ver o filho mergulhar de novo na fossa [...] da qual tinha querido tirá-lo? Mas o reinado da mulher, na vida de Agostinho, está a declinar para o fim»⁹¹.

Em 386, Agostinho, lendo as obras de autores neoplatónicos⁹² – nomeadamente de Plotino (204-270)⁹³ e de Porfírio (234-301)⁹⁴ – resolve as suas duas questões pendentes: a espiritualidade de Deus e o problema do mal. Com efeito, graças às obras destes autores, Agostinho consegue finalmente elevar-se a uma ideia superior de Deus, concebendo-O como Unidade, Espírito e Perfeição Infinita. Compreendendo que na alma humana há a intersecção do Divino (Perfeito) com a matéria (imperfeito), Agostinho aprende que é possível atingir a Verdade Absoluta (que é Deus e para O qual todas as coisas convergem), desde que não fique preso à experiência sensível e desde que concentre todo o esforço da mente – através da

⁸⁹ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 37-38; BERTRAND – *Santo*, p. 149.

⁹⁰ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 52-53; BERTRAND – *Santo*, p. 149-150; PAPINI – *Santo*, p. 114.117.

⁹¹ PAPINI – *Santo*, p. 117.

⁹² Sendo o Platonismo o sistema filosófico de Platão (427-347 a.C.) que se caracteriza pela prática da dialéctica, postulando que o espírito humano, capaz do absoluto, deve ultrapassar o sensível – que, posteriormente, veremos o que é – para atingir as Ideias, sendo estas as únicas realidades verdadeiras. O Neoplatonismo surgiu na Escola de Alexandria, no século III, sendo uma renovação do Platonismo, no sentido em que fez a “ponte” entre o pensamento platónico e os pensamentos egípcios, judaicos e persas. Plotino e Porfírio são dois dos seus expoentes máximos (cf. PLATONISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 597; NEOPLATONISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 597).

⁹³ Plotino nasceu no Egipto, formando-se em Alexandria. Estudou Platão, Aristóteles, os Pitagóricos e os Estóicos. Em 243, Plotino alistou-se no regimento militar para combater os Persas, na Mesopotâmia. Correndo mal esse combate, Plotino fugiu para Antioquia. Em 245, abriu uma escola, em Roma, ensinando aspectos de Platonismo, entre outras filosofias gregas. Plotino sonhava em fundar uma Platonópolis – uma cidade baseada nas ideias de Platão – mas nunca o conseguiu fazer. Em 268, a peste atacou Plotino, falecendo este dois anos depois (cf. BOWERY, Anne-Marie – Plotino, *Las Enéadas*. In *DICIONÁRIO de San Agustín*, p. 1064).

⁹⁴ Porfírio foi um célebre discípulo de Plotino, tendo sido o editor da famosa obra *Enéadas* de Plotino (cf. FLETEREN, Frederick Van – Porfírio. In *DICIONÁRIO de San Agustín*, p. 1075).

meditação⁹⁵ e do êxtase⁹⁶ – nas realidades interiores e espirituais. Além disso, se Deus é Perfeito e todas as coisas são criadas por Deus, então todas as coisas são boas. E se todas as coisas são boas, então o mal não é substância – como pensavam os maniqueus – mas simples privação do bem. O que acontece é que as coisas, porque criadas, tendem a mudar e, por vezes, essa mudança é corrupção. E porque todas as coisas concorrem para a harmonia do mundo, a desarmonia que possa existir não decorre das coisas em si mesmas, mas da discordância das relações entre as coisas⁹⁷.

É nos neoplatónicos que Agostinho «encontra algumas verdades do Cristianismo, expressas com um relevo e força literária que não soubera descobrir na Bíblia; mas não encontra Cristo. [...] Para alcançar Cristo [...] faltava-lhe a humildade»⁹⁸. Com efeito, os neoplatónicos «tinham-no levado pela mão quase até à presença do verdadeiro Deus, mas agravaram-lhe também o seu orgulho intelectual. Parecia-lhe que se tinha alçado ao pináculo da sabedoria»⁹⁹.

Além disso, Agostinho considerava Jesus Cristo como um simples «sábio (tal era nesse tempo a sua ignorância do dogma católico), um homem superior a todos os outros homens, devido a uma assitência especial de Deus, mas não Deus por si mesmo»¹⁰⁰.

Essa descoberta, bem como a confirmação e o esclarecimento das verdades neoplatónicas acabadas de descobrir, acontecerá quando ler as obras de Paulo de Tarso (séc. I)¹⁰¹, ainda no decurso deste ano (386)¹⁰².

⁹⁵ A meditação consiste num «trabalho de assimilação do que o olho leu, do que o ouvido escutou, do que a memória guardou; trata-se de “mastigar” e de ruminar as ideias, a fim de impregnar-se delas completamente» (BERNARD, Ch. A. – Meditação. In *DICIONÁRIO de Espiritualidade*. Dir. Stefano de Fiore; Tullo Goffi. Tradução da edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra e Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p. 737).

⁹⁶ O êxtase é uma «forma extraordinária da união mística caracterizada pela absorção das faculdades superiores da alma na consciência amorosa muito intensa da presença de Deus, e que é acompanhada de fenómenos corporais diversos» (ÊXTASE. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 302).

⁹⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 123-124.

⁹⁸ PAPINI – *Santo*, p. 125.

⁹⁹ PAPINI – *Santo*, p. 125.

¹⁰⁰ PAPINI – *Santo*, p. 125.

¹⁰¹ Paulo (nome romano que traduz o nome hebreu Saulo) nasceu em Tarso (na actual Turquia), nos começos da era cristã, de uma família de estrita observância judaica, tendo adquirido, graças a seu pai (por herança), a cidadania romana. Na adolescência, mudou-se para Jerusalém, tendo assistido às aulas do grande rabino Gamaliel, o Velho, através do qual adquiriu um profundo conhecimento da *Sagrada Escritura* (mas segundo

Sentindo necessidade de falar com alguém sobre tudo quanto havia descoberto no decorrer de tão poucos meses¹⁰³, Agostinho foi ter com «um velho sacerdote romano que Ambrósio tinha escolhido para seu mestre e iniciador da doutrina católica quando, contra vontade e sem preparação de sorte alguma, foi eleito [...] bispo»¹⁰⁴, de nome Simpliciano (séc. IV)¹⁰⁵.

Simpliciano, congratulando-se por Agostinho ter lido as obras dos neoplatónicos (por serem aquelas que mais se aproximavam da verdade cristã), narrou-lhe a conversão ao Cristianismo do tradutor, para latim, das obras neoplatónicas, Mário Vitorino (séc. III–IV)¹⁰⁶. Declaradamente pagão, iniciado nos mistérios egípcios e detestando o Cristianismo, Vitorino – com cinquenta anos e uma carreira invejável de professor de retórica em Roma – resolveu ler a *Sagrada Escritura*, para a rebater. O resultado, porém, foi muito diferente do que ele esperava: Tendo penetrado na *Sagrada Escritura* para a destruir, era ela que destruía, no seu espírito, quer o paganismo, quer as ciências secretas egípcias. Sentindo receio dos escárnios dos amigos, quando estes viessem a saber, bem como medo de criar inimigos, Vitorino, por uns tempos, acobardou-se. Mas tomando consciência de que nunca se havia acobardado com o culto dos demónios, como poderia agora acobardar-se com o culto dos cristãos, que era o culto ao Deus Verdadeiro? Tomando coragem, dirigiu-se a Simpliciano e afirmou que queria fazer-se cristão. Ainda mal aprendera os rudimentos da doutrina e já se inscrevia entre os aspirantes ao baptismo na noite de Páscoa seguinte. Tendo em conta a situação delicada de

os ensinamentos dos fariseus). Em Jerusalém, Paulo, ouvindo a pregação dos cristãos, ficou tão chocado com o que ouviu (por ser fariseu) que os começou a perseguir. Contudo, numa dessas perseguições, indo ele de Jerusalém para Damasco, foi arrebatado por uma experiência mística de tal forma marcante, que ele, de perseguidor, passou a cristão devoto, empenhando-se muito na divulgação da fé cristã, sobretudo entre os povos não judaicos (valendo-lhe, por isso, o título de “Apóstolo dos gentios”, embora nunca tenha feito parte do grupo dos doze Apóstolos). As viagens que efectuou, para pregar, terminaram em Roma, com a sua morte (por volta do ano 64), provavelmente por decapitação, por ser cidadão romano (cf. PENNA, R. – Pablo. In *DICCIONARIO de los Santos*, vol. 2, p. 1801-1807; PAULO de Tarso. In TAVARES – *Dicionário de Santos*, p. 120).

¹⁰² Cf. PAPINI – *Santo*, p. 126.290.

¹⁰³ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 126.

¹⁰⁴ PAPINI – *Santo*, p. 129-130.

¹⁰⁵ Simpliciano sucedeu a Ambrósio como bispo de Milão, no ano 397, tendo morrido pouco tempo depois, cerca do ano 400. Conservaram-se as cartas que Ambrósio escreveu a Simpliciano, mas nenhuma carta de Simpliciano chegou até aos dias de hoje (cf. FITZGERALD, Allan D. – Simpliciano, bispo de Milão. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 1233).

¹⁰⁶ «Caio Mário Vitorino [...] nasceu nos fins do século III e sob o imperador Constanço, isto é, cerca de 340 emigrou para Roma em busca de fortuna, como faria mais tarde Agostinho» (PAPINI – *Santo*, p. 131).

Vitorino, os sacerdotes propuseram-lhe que, em vez de recitar, antes da cerimónia, diante do povo, de um ponto alto da Basílica, a fórmula ou profissão de fé (como era costume fazerem todos aqueles que se iam baptizar), recitasse o formulário, em privado. Vitorino prontamente recusou, alegando que, tendo ele dito, em público, tantas palavras falsas e vãs, jamais se esconderia para reconhecer a verdade. Assim foi. E a partir daquele momento, toda a sua vida foi dedicada a explicar e a defender a fé cristã. De notar que quando o Imperador Juliano, o Apóstata (331-363), em 362, publicou um édito proibindo os cristãos de ensinar retórica, Vitorino preferiu fechar a sua escola, florescente e próspera, a renegar a fé¹⁰⁷.

Impressionadíssimo com o que acabara de ouvir, Agostinho «ardia no desejo de imitá-lo»¹⁰⁸. Tendo em conta as semelhanças entre a vida dos dois – «ambos africanos, ambos professores de retórica, ambos ávidos de glória, ambos iniciados no catolicismo por meio dos livros neoplatónicos»¹⁰⁹ – Agostinho sabia que só lhe faltava o baptismo, que, na verdade, com o exemplo de Vitorino, já o desejava ardentemente, mas ainda não se sentia apto em recebê-lo, devido aos vícios que ainda possuía e que, por hábito, ainda não abandonara¹¹⁰.

Também ainda no decorrer desse ano (386), mais precisamente em Julho, Agostinho, estando na companhia de Alípio, recebeu uma visita dum dignatário da corte imperial, de nome Ponticiano. Este, ao reparar que Agostinho andava a ler as *Cartas* de Paulo de Tarso, exultou de alegria, pois era cristão. Ao ver o entusiasmo com que Agostinho falava dessas *Cartas*, Ponticiano resolveu discorrer sobre a vida e os prodígios do eremita egípcio Antão (251-356)¹¹¹. Tendo nascido numa família rica, Antão, ficando órfão aos vinte anos, distribuiu tudo aos pobres e retirou-se, sozinho, para o deserto, para viver uma vida de penitente, como, por exemplo, a dormir sobre uma esteira àspere ou simplesmente sobre a terra, viver a pão e água, jejuar até quatro dias seguidos. Por dez longos anos, Antão teve de suportar uma

¹⁰⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 130-134.

¹⁰⁸ PAPINI – *Santo*, p. 134.

¹⁰⁹ PAPINI – *Santo*, p. 135.

¹¹⁰ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 135.

¹¹¹ Antão, o Grande (ou António do Egipto) nasceu em Coma (Egipto), numa família rica, tendo-se tornado anacoreta ou, por outras palavras, eremita. Faleceu em 356, dois anos após o nascimento de Agostinho (cf. PAPINI – *Santo*, p.137-138; CARRIKER, Anne P. – Antonio de Egipto. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 82).

tremenda luta contra as tentações da carne. Com efeito, o demónio, aparecendo-lhe durante a noite, tentava-o com a representação de mulheres belíssimas e impúdicas. Mas Antão sempre resistiu, saindo vencedor. Um dia, um sábio foi visitá-lo e, constatando que ele não frequentara escolas, nem conhecia outra língua senão a copta, perguntou-lhe como é que ele conseguia suportar, sem livros, aquela solidão, ao que Antão respondeu que o seu livro era a natureza das coisas criadas por Deus, bastando ela para ele evidenciar, quando quisesse, os livros divinos¹¹².

Tendo acabado de falar e depois de regulados os negócios que ali o trouxeram, Ponticiano partiu. Agostinho, cheio de vergonha e completamente transtornado, precipita-se para Alípio, gritando que os ignorantes arrebatam o céu e que eles, com toda a sua doutrina, se afundam na carne e no sangue. Também o questionava pelas razões que os levavam a não segui-los: por vergonha de os seguir ou por vergonha de nem sequer terem préstimo para os seguir? Sem esperar que Alípio respondesse às perguntas, Agostinho correu ao jardim anexo à casa, para estar só. Reconhecendo as suas próprias misérias, Agostinho chorou¹¹³.

Estava ele neste pranto, quando, de repente, ouviu «uma voz de criança numa casa vizinha: - toma e lê – dizia a doce voz infantil – toma e lê!»¹¹⁴. Retendo as lágrimas, Agostinho correu ao local onde havia deixado as *Cartas* de Paulo. Agarrando-as, abriu-as ao acaso e saiu-lhe esta passagem¹¹⁵: «Nada de comezainas e bebedeiras, nada de devassidão e libertinagens, nada de discórdias e invejas. Pelo contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não vos entregeis às coisas da carne, satisfazendo os seus desejos» (Rom 13,13-14).

Lendo a passagem, o seu coração se apaziguou, porque finalmente entendeu como ele conseguiria chegar a Deus: repudiando a luxúria. Depois de dezasseis anos, a sua alma

¹¹² Cf. PAPINI – *Santo*, p. 137-138.140.290.

¹¹³ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 141.143-145.

¹¹⁴ PAPINI – *Santo*, p. 146.

¹¹⁵ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 147.

finalmente se libertou do vício da carne, que ele julgava invencível. Agostinho sentia-se vencedor¹¹⁶.

Depois de contar a Alípio tudo aquilo que ele ainda não sabia, foram os dois dar a boa notícia a Mónica, que, evidentemente, se regozijou e agradeceu a Deus, por ter ouvido as suas preces e as suas lágrimas. Mas Agostinho não só iria renunciar à luxúria (mandando embora a segunda concubina), como tinha o propósito de renunciar, para sempre, a qualquer ligação com mulheres (desfazendo o noivado com a rapariga com quem estava comprometido) e com o mundo (abandonando definitivamente a escola para se entregar todo a Deus, já não se importando nem com a fama, nem com o dinheiro)¹¹⁷.

Convém notar que «desde há muito que a inteligência de Agostinho era cristã; agora era-o também seu coração e no futuro seria cristã toda a sua vida»¹¹⁸.

De forma a não prejudicar os alunos, Agostinho esperou pelo início das férias das vindimas (Setembro de 386), para se demitir das suas funções. Uma vez que a sua saúde, já havia algum tempo, não andava bem – sentindo dificuldade em respirar e uma opressão nos pulmões que lhe tornava custoso falar longamente – Agostinho aproveitou este facto para, em primeiro lugar, se justificar perante a escola e, em segundo lugar, se retirar para uma casa de campo – oferecida por um amigo de nome Verecundo – em Cassiciaco (na Brianza), a uns 35 quilómetros de Milão, quer para tratar a sua saúde, quer para se preparar para o baptismo que desejava ardentemente receber¹¹⁹.

Agostinho conseguiu convencer os seus amigos mais íntimos a retirarem-se com ele para Cassiciaco, a fim de levarem, por uns tempos, uma vida filosófica e cenobítica, nomeadamente a sua mãe Mónica (ficando esta com as funções de dispenseira e de cozinheira), o seu filho Adeodato, o seu irmão Navígio, os seus primos Rústico e Lastidiano, o seu inseparável amigo e discípulo Alípio, o seu discípulo Trigésio e, por fim, o seu

¹¹⁶ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 147.

¹¹⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 147-148.151-153.290.

¹¹⁸ PAPINI – *Santo*, p. 148.

¹¹⁹ Cf. DI BERARDINO, Angelo – Casiciaco. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 234; FERRIER – *Santo*, p. 61; BERTRAND – *Santo*, p. 171-172; PAPINI – *Santo*, p. 152.290.

discípulo Licêncio, filho de Romaniano. De notar que faltavam, neste grupo, dois grande amigos de Agostinho: Verecundo que, por estar casado, estava impossibilitado de enveredar na mesma vida; Nebrídio que, apesar de se ter tornado cristão, conservava ainda alguns erros do maniqueísmo¹²⁰. Ao todo, eram «nove [...] bocas a alimentar, sem que ninguém ganhasse nada»¹²¹, pelo que se julga que, novamente, Romaniano veio em auxílio, se não no todo, pelo menos numa grande parte das despesas. Contudo também se considera que quer Agostinho, com aquilo que havia amealhado nos quase dois anos de ensino em Milão, quer Mónica, com as rendas que recebia da sua propriedade de Tagaste, contribuíram para as despesas¹²².

Mal se curou da doença pulmonar, por volta de Novembro, Agostinho, em conjunto com os seus amigos, começou os diálogos que viriam a formar os seus primeiros escritos, enquanto cristão: *Contra academicos* (na língua portuguesa, *Contra os académicos*), *De vita beata* (na língua portuguesa, *Sobre a vida feliz*) e *De ordine* (na língua portuguesa, *Sobre a ordem*). Nos inícios de 387, Agostinho redige *Soliloquia* (na língua portuguesa, *Solilóquios*)¹²³.

De notar que o Cristianismo «despertou a fecundidade de Agostinho. Até aos trinta e dois anos compôs apenas um livro, o *De pulchro et apto* e de 380 a 386 não escreveu, que se saiba, uma única página. Agora, em brevíssimo tempo, compõe, um após outro, quatro pequenas obras que formam, ao todo, oito livros»¹²⁴. E apesar dos três diálogos parecerem «amigáveis conversações acerca de questões filosóficas, no género das de Cícero, [...] [sendo] mais especulativos que pròpriamente religiosos, é preciso não esquecer, que sob a linguagem platónica, existe um pensamento substancialmente cristão», abundando citações e reminiscências de textos sagrados – principalmente dos Salmos, do Evangelista Mateus (séc.

¹²⁰ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 153-155.157.290.

¹²¹ PAPINI – *Santo*, p. 157.

¹²² Cf. PAPINI – *Santo*, p. 157-158.

¹²³ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 62-63.65; PAPINI – *Santo*, p. 160.164.290.

¹²⁴ PAPINI – *Santo*, p. 170.

D)¹²⁵, de João Evangelista (séc. I)¹²⁶ e de Paulo de Tarso – tal como abunda nos *Soliloquia*¹²⁷, sendo estes «uma espécie de auto-retrato que antecipa as *Confissões*»¹²⁸.

No início de Março de 387, todos regressaram a Milão, uma vez que Agostinho, Adeodato e Alípio já se tinham inscrito no catecumenato¹²⁹ e, como tal, deviam participar, desde o início da Quaresma, nas reuniões e nas celebrações previstas para tal. Nos tempos livres, Agostinho compôs o tratado *De immortalitate animae* (na língua portuguesa, *Sobre a imortalidade da alma*), chegando também a compôr *De Grammatica* (na língua portuguesa, *Sobre a gramática*), que depois desapareceu das suas obras. Também nesta época iniciou o tratado *De musica* (na língua portuguesa, *Sobre a música*). Na noite de 24 (Sábado Santo) para 25 de Abril (Domingo de Páscoa), os três receberam o Baptismo, pelas mãos de Ambrósio. Mas não só receberam o Baptismo, como também os Sacramentos do Crisma e da Comunhão, que então se administravam no decurso da Vigília Pascal. Agostinho tinha trinta e três anos¹³⁰.

¹²⁵ Mateus foi «apóstolo e evangelista [...] [tendo sido antes] colector de impostos para o governo romano em Cafarnaum e Cristo chamou-o [...] para ser apóstolo [...]; Os Evangelhos de Marcos e Lucas chamam-no Levi e pode bem ter tido ambos os nomes» (MATEUS. In ATTWATER, Donald – *Dicionário de Santos*. Tradução de Jorge Pinheiro. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1983, p. 289).

¹²⁶ João era filho de Zebedeu e irmão de Tiago (Maior), tendo sido chamado, por Jesus, para formar o grupo dos doze apóstolos. Tendo João aceitado seguir Jesus, abandonou o pai e o ofício de pescador. João, juntamente com Pedro e Tiago (Maior) viveram momentos privilegiados com Jesus. Foi o único apóstolo que esteve presente no Calvário. Conforme indicação de Jesus, João toma Maria (Mãe de Jesus) como sua mãe, levando-a para sua casa. Por tradição, o Quarto Evangelho é-lhe atribuído, sendo ele identificado como o “discípulo amado”. Também algumas Cartas lhe são atribuídas, bem como o Apocalipse. Contudo, em relação a este último há quem ponha em dúvida a sua autoria (cf. VIGNOLO, R. – Juan Evangelista. In *DICCIONARIO de los Santos*, vol. 2, p. 1357-1359; JOÃO, Evangelista. In TAVARES – *Dicionário de Santos*, p. 83).

¹²⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 169.

¹²⁸ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 65.

¹²⁹ «Um catecúmeno é uma pessoa que se prepara para o baptismo. Na Igreja antiga, a preparação dos catecúmenos implicava muito mais que a instrução dos mesmos na doutrina; supunha todo um conjunto de exercícios ascéticos e rituais que serviam para iniciar o recém convertido no caminho cristão da vida» (HARMLESS, William – *Catecúmenos, catecumenado*. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 241-242). Por exercícios ascéticos entendemos aqueles «esforços mediante os quais se quer progredir na vida moral e religiosa» (BERNARD, Ch. A. – *Ascese*. In *DICCIONÁRIO de Espiritualidade*, p. 50).

¹³⁰ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 93; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 86-87; FERRIER – *Santo*, p. 64; PAPINI – *Santo*, p. 18.171.174.178.290.

Logo de seguida, «Agostinho tomou a decisão de regressar a Tagaste, para viver uma vida recolhida na oração e no estudo. Todo o grupo descansou, uns dias, em Óstia, antes de embarcarem para África»¹³¹.

Enquanto esperavam o embarque, alojaram-se numa pequena casa, junto ao Rio Tibre. Numa tarde, estando Mónica e Agostinho apoiados numa das janelas da casa, começaram a contemplar a paisagem, dialogando sobre ela e sobre o que experienciavam ao vê-la. A conversa, que cada vez mais se ía elevando até Deus, fê-los elevar a eles mesmos¹³², por um instante, até «àquela inefável posse de Deus que os neoplatónicos chamavam de êxtase e os nossos místicos união perfeita [...]. [...] [Foi um] instante de sobrenaturais delícias»¹³³. Por outras palavras, Mónica e Agostinho tiveram, em conjunto, uma experiência mística, à qual se dá o nome de “visão de Óstia”¹³⁴.

Cinco ou seis dias após a “visão”, Mónica caiu de cama com febre. Pressentindo que não mais se levantaria, pediu insistentemente que não transportassem o seu corpo para África, mas que o enterrassem ali mesmo, em Óstia. Passaram-se uns dias e Mónica morreu, tendo cinquenta e seis anos. Obedecendo ao pedido de sua mãe, Agostinho enterrou-a em Óstia¹³⁵.

Não prosseguindo viagem para África, Agostinho parte para Roma, permanecendo lá um ano. Ao longo desse ano, colhe informações (principalmente escândalos recentes) sobre os maniqueus (de forma a elaborar um volumoso processo contra eles), aprofunda a doutrina maniqueia (para a refutar melhor), aprofunda a doutrina cristã e visita os mosteiros romanos (estudando as suas regras e organizações, de forma a encontrar um modelo para o mosteiro que continuava a projectar para Tagaste)¹³⁶.

¹³¹ JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 87.

¹³² Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 192; PAPINI – *Santo*, p. 181-182; FERRIER – *Santo*, p. 66.

¹³³ PAPINI – *Santo*, p. 182.

¹³⁴ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 65-66.

¹³⁵ Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 195; FERRIER – *Santo*, p. 68; PAPINI – *Santo*, p. 183; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 88. Por um feliz acaso, em 1945, foi encontrado, em Óstia, uma parte do epitáfio de Mónica, comprovando que ela realmente foi lá enterrada. Posteriormente, os seus restos mortais foram trasladados para Roma, para a igreja de Santo Agostinho (cf. FERRIER – *Santo*, p. 68).

¹³⁶ Cf. TRAPÉ – Agostino, p. 93; BERTRAND – *Santo*, p. 198-199; PAPINI – *Santo*, p. 188.

Durante esse ano que passa em Roma (provavelmente entre Junho de 387 e Agosto de 388), Agostinho escreveu as seguintes obras: *De moribus Ecclesiae Catholicae* (na língua portuguesa, *Sobre os costumes da Igreja Católica*), *De moribus manichaeorum* (na língua portuguesa, *Sobre os costumes dos maniqueus*), *De Genesi contra manichaeos* (na língua portuguesa, *Sobre os Génesis contra os maniqueus*) e *De quantitate animae* (na língua portuguesa, *Sobre a quantidade da alma*). Ainda iniciou a composição da obra *De Libero Arbitrio* (na língua portuguesa, *Sobre o livre arbítrio*)¹³⁷.

A obra *De quantitate animae* «contém [...] o primeiro esboço da mística agostiniana, isto é, a teoria dos graus que, da vida vegetativa comum aos homens e às plantas, se elevam até à vida contemplativa que nos une a Deus, teoria que serviu de modelo aos itinerários místicos, tão difundidos na Idade Média»¹³⁸. Segundo Agostinho, esses degraus são sete:

«O primeiro é a alma vegetativa ou vivificação, comum aos animais e à plantas; o segundo é a alma sensitiva ou sensação, comum aos animais; o terceiro é a vida prática ou arte, que compreende todas as nossas actividades, desde a agricultura à poesia e é só própria dos homens; o quarto é a bondade ou virtude, concedido somente aos que antepõem a alma ao corpo e as coisas do espírito às coisas do mundo; o quinto é a permanência na pureza, alegria e tranquilidade; o sexto é a entrada ou visão, isto é, o transportar-nos inteiramente à luz eterna, depois de nos despojarmos de todo o vestígio da concupiscência; o sétimo e último não é um grau, mas sim um permanecer na altura alcançada, quer dizer, na pura contemplação e gosto de Deus»¹³⁹.

Esta espiritualidade será, mais tarde, aprofundada e enriquecida pelo próprio Agostinho. Contudo, ela conservará sempre os delineamentos traçados em Roma¹⁴⁰.

Ainda durante o ano 388, Verecundo adoeceu gravemente e, recebendo ainda a tempo o baptismo, faleceu¹⁴¹.

¹³⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 191.290-291.

¹³⁸ PAPINI – *Santo*, p. 194.

¹³⁹ PAPINI – *Santo*, p. 195.

¹⁴⁰ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 195.

¹⁴¹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 154.

Deixando Roma, Agostinho parte para África, acompanhado de Alípio e Adeodato. Mal chegam a Cartago, hospedam-se, por uns dias, em casa do cristão Inocência. Retomando viagem, chegam a Tagaste antes do final do ano de 388¹⁴².

Em Tagaste, Agostinho, «depois de repartir todos os seus bens pelos pobres, criou um mosteiro para nele viver com os seus amigos, [...] não se regendo por constituições rígidas e detalhadas»¹⁴³. Apesar desta casa ainda não ser «um convento pròpriamente dito [...] [, ela] tinha mais semelhança com um mosteiro do que a vila de Verecundo. Existia, com certeza, desde o começo, uma certa disciplina de vida, se bem que Agostinho só mais tarde redigisse as regras principais dos monges, sem contudo compor um verdadeiro código»¹⁴⁴. O dia em Tagaste estava repartido entre a oração, o estudo (principalmente para a defesa da fé) e a conversação, estando o pequeno número de solitários debaixo dum único superior. Este cenóbio tagastense foi o gérmen da futura Ordem Agostiniana¹⁴⁵.

Navígio, irmão de Agostinho, não estava entre o pequeno grupo de Tagaste, porque, entretanto, casara. Contudo, virá a ter filhas que, mais tarde, se tornarão todas freiras¹⁴⁶.

Finalizando *De musica*, iniciado em Milão, Agostinho, em 389, compõe *De magistro* (na língua portuguesa, *Sobre o mestre*) – onde Adeodato é o interlocutor – e *De vera religione* (na língua portuguesa, *Sobre a verdadeira religião*), sendo esta uma das suas obras primas¹⁴⁷.

Não parando mais Agostinho de escrever e não podendo nós colocar, aqui, todo o seu reportório (pois é extensíssimo)¹⁴⁸, destacaremos unicamente, quando for altura disso, as suas três obras mais célebres: *Confessiones* (na língua portuguesa, *Confissões*), *De Trinitate* (na língua portuguesa, *Sobre a Trindade*) e *De Civitate Dei* (na língua portuguesa, *Sobre a cidade de Deus*)¹⁴⁹. Contudo, podemos dizer que, em relação a todo o seu reportório, «qualquer que

¹⁴² Cf. FERRIER – *Santo*, p. 75; PAPINI – *Santo*, p. 196-197.

¹⁴³ JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 88.

¹⁴⁴ PAPINI – *Santo*, p. 199-200.

¹⁴⁵ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 76; PAPINI – *Santo*, p. 199-200.

¹⁴⁶ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 199.

¹⁴⁷ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 76; PAPINI – *Santo*, p. 201-290.

¹⁴⁸ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 94; PAPINI – *Santo*, p. 291-294.

¹⁴⁹ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 96; Papini – *Santo*, p. 292-294; FLETEREN, Frederick Van – *Confessiones*. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 306.

fosse o tema que tratasse, Agostinho, depois de percorrer os mais diversos caminhos, chegava sempre àquela “luz intelectual cheia de amor” que tudo ilumina, da qual tudo procede e à qual tudo aspira»¹⁵⁰ ou, por outras palavras, chegava sempre a Deus.

No fim do ano de 389, quase em simultâneo, Adeodato (com dezassete anos) e Nebrídio (ainda jovem e que, apesar de cristão, manteve, por algum tempo, resquícios de maniqueísmo, tendo sido, mais tarde, convertido por Agostinho, arrastando, depois, toda a sua família para o Cristianismo), morreram¹⁵¹.

Em 391, Agostinho desloca-se a Hipona, a pedido de um alto funcionário, cristão e rico, que, após ter ficado a saber sobre a conversão e a sabedoria de Agostinho, afirmara que só ele o convenceria a dar tudo aos pobres e a ingressar no seu mosteiro. Constatando a hesitação deste cristão rico em abandonar tudo e conhecendo, por experiência própria, a lentidão das pessoas quando se trata de mudar de vida, Agostinho não se deu por vencido e permaneceu em Hipona por alguns dias, passando lá o Domingo. Como qualquer fiel, no Domingo, participou da Eucaristia. Durante a homilia, o bispo Valério mostrou a grande necessidade que tinha em ordenar um sacerdote que o ajudasse nas suas funções, sobretudo homiléticas, porque além de já estar velho, também não tinha grande eloquência no latim, por ser grego. Os fiéis, tendo já notado a presença de Agostinho no meio deles e conhecendo-o bem, começaram a aclamá-lo sacerdote¹⁵². Agostinho, com relutância, aceitou, deixando bem claro que só aceitava por ser a Vontade de Deus¹⁵³.

Valério, ratificando com agrado a designação aclamatória do povo (pois sabia bem quem era Agostinho), ordenou-o sacerdote, ainda no decorrer desse ano (391), tendo ele trinta e sete anos. Agostinho, vendo que já não regressaria a Tagaste, fundou um mosteiro em Hipona, onde começou a viver, juntamente com Alípio e outros amigos (quer antigos, quer novos que

¹⁵⁰ PAPINI – *Santo*, p. 205.

¹⁵¹ Cf. FITZGERALD – Adeodato, p. 10; FERRIER – *Santo*, p. 52.76; PAPINI – *Santo*, p. 155.202-203.

¹⁵² Cf. PAPINI – *Santo*, p. 209-211.

¹⁵³ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 93.

se lhe foram juntando, vindo a ser, muitos deles, futuros bispos de cidades africanas)¹⁵⁴, como «sacerdote e monge, no ascetismo e no estudo, “segundo a maneira e a regra estabelecida no tempo dos Apóstolos”»¹⁵⁵ ou, por outras palavras, segundo o estilo de vida relatado no Livro dos Actos dos Apóstolos¹⁵⁶:

«A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. Com grande poder os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e uma grande graça operava em todos eles. Entre eles não havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, traziam o produto da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse» (Act 4,32-35).

Também em Hipona, Agostinho fundará o primeiro mosteiro de monjas, ficando sua irmã como Superiora¹⁵⁷. A este grupo de mulheres Agostinho «dirigiu a sua carta 211, denominada “Regra para monjas” [,] [...] na qual faz referência a uma disputa que introduziu a divisão na comunidade monástica de mulheres em Hipona, depois da morte de sua irmã»¹⁵⁸. A adaptação, para homens, da *Carta 211* dará origem à chamada “Regra de Santo Agostinho”, pela qual se regerá a Ordem Agostiniana¹⁵⁹.

A partir da Páscoa de 391, Agostinho iniciou a série de homilias que só a morte viria interromper. Contudo, a acção pastoral de Agostinho não se limitou às homilias. Com efeito, em Agosto de 392, Agostinho defrontou publicamente um dos sacerdotes maniqueus residentes em Hipona e que tinha grande aceitação local, de nome Fortunato, não conseguindo este nem refutar a doutrina católica, nem provar a verdade da doutrina maniqueia, deixando muitas perguntas sem resposta, acabando por abandonar, para sempre, Hipona. Graças a este episódio, muitos maniqueus regressaram à Igreja Católica. Também em 393, mais

¹⁵⁴ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 211.

¹⁵⁵ TRAPÈ – Agostino, p. 93.

¹⁵⁶ LAWLESS, George – Reglas monásticas. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 1130.

¹⁵⁷ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 32.76; PAPINI – *Santo*, p. 199.

¹⁵⁸ CLARK, Elizabeth A. – Ascetismo. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 128-129.

¹⁵⁹ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 88.

precisamente em Outubro, reunindo-se, em Hipona, um Sínodo Geral, onde estavam presentes quase todos os bispos de África, nenhum deles foi convidado para falar sobre a Fé e o Símbolo, mas Agostinho, um simples clérigo, que discursou com admirável profundidade. Outro facto notável da acção pastoral de Agostinho foi o combate que ele travou (usando, como arma, os sermões, cheios de sentimentos, que levavam os fiéis às lágrimas) contra os banquetes transformados em orgias, em embriaguezes e em canções obscenas, nos cemitérios e nas igrejas de Hipona, em dias de festa dos mártires e dos santos¹⁶⁰.

Em 394, Alípio é eleito bispo de Tagaste, tendo de abandonar o mosteiro de Hipona, bem como, depois de tantos anos juntos, a companhia de Agostinho¹⁶¹.

Em 396, por pedido de Valério ao primaz de África – de nome Aurélio – Agostinho é nomeado bispo coadjutor de Hipona, sendo sagrado bispo pelo primaz da Numídia – de nome Megálio. Nesse mesmo ano, Valério morre e Agostinho, com quarenta e dois anos, sucede-lhe como bispo de Hipona. Saindo do mosteiro onde vivia, Agostinho mudou-se para a casa episcopal de Hipona, onde começou a viver com os seus clérigos, numa comunidade semelhante às que havia já fundado. Querendo completar a sua formação teológica, que considerava imperfeita, Agostinho emergiu-se no estudo da *Sagrada Escritura* e dos Padres da Igreja. Entretanto, outros mosteiros, em África, foram-se construindo, imitando o seu modo de viver¹⁶².

Percorrendo os escritos de Agostinho, até ao momento em que ele é consagrado bispo, facilmente se constata o doutor e o santo que ele já era. Na verdade, os escritos revelam-nos, «imediatamente, uma inteligência clara, uma alma puríssima, tôda inflamada no amor divino. [...] Agostinho esquece tudo. Já não pensa em si, já não se pertence a si: se aceita o episcopado, é para se consagrar todo à Igreja, para ser todo para todos»¹⁶³.

¹⁶⁰ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 212-214.291.

¹⁶¹ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 214.

¹⁶² Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 88; TRAPÈ – Agostino, p. 94; PAPINI – *Santo*, p. 215.

¹⁶³ BERTRAND – *Santo*, p. 224.

E, por isso mesmo, ao longo dos trinta e quatro anos que lhe restam de vida, a sua vida será muito atormentada, disputando publicamente contra os inimigos da ortodoxia católica, fazendo incessantes viagens (deslocando-se quase todos os anos a Cartago), intervindo em Concílios, dedicando-se ao povo de Hipona, prestando assistência aos pobres, protegendo os fracos, meditando nos problemas mais difíceis da Teologia, compondo livros e escrevendo cartas (muitas vezes durante a noite) – que ultrapassarão a centena (sendo alguns extensíssimos, como, por exemplo, *De civitate Dei*, que ocupa vários volumes, e outros que se arrastarão durante anos, como, por exemplo, *De Trinitate*) – orando sempre muito e colocando-se, cada vez mais, num maior abandono nas mãos de Deus¹⁶⁴.

A excelente inteligência de Agostinho, que resolvia os problemas mais difíceis, tornou-se famosa não só em África como no resto do mundo cristão e, por isso, Agostinho não só era solicitado para a resolução de lutas doutrinárias em África, como no resto do mundo cristão, principalmente e fundamentalmente aquelas que estavam a dilacerar a Igreja como, por exemplo, o Paganismo¹⁶⁵, o Arianismo¹⁶⁶, o Maniqueísmo, o Donatismo¹⁶⁷ e o Pelagianismo¹⁶⁸. Porém, e apesar de toda esta actividade e de nunca desistir de lutar pela fé,

¹⁶⁴ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 79; PAPINI – *Santo*, p. 215-216; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 88.

¹⁶⁵ Pagão deriva do «latim *paganus*, habitante do campo, evangelizado mais tardiamente do que as cidades» (PAGANISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 560), dando origem à noção de que pagão é todo aquele que vive sem ter em conta o Evangelho (por ignorância ou por opção), mais concretamente, aquele que vive de maneira muito degradada (cf. PAGANISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 560).

¹⁶⁶ O Arianismo foi uma «heresia do séc. IV, professada por Ario e pelos seus discípulos, que negava a divindade do Verbo, considerado como uma criatura secundária ou subordinada. Foi condenada com os seus partidários pelo Concílio Ecuménico (o primeiro) de Niceia, em 325. [...] [Mas] foi o segundo Concílio Ecuménico de Constantinopla, de 381, que pôde finalmente fechar oficialmente a querela restaurando a paz da Igreja à volta do Credo Niceno» (ARIANISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 74).

¹⁶⁷ O Donatismo é um «cisma que durou todo o séc. IV e dividiu a Igreja africana. Tem este nome do seu chefe Donato que recusou a jurisdição do bispo de Cartago» (DONATISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 251), ordenando, no seu lugar, um seu discípulo, de nome Majorino. Donato acabou sendo condenado e exilado, em 316, pelo Imperador Constantino. Mas quem deu o golpe final a este cisma foi Agostinho de Hipona. O Donatismo rejeitava a validade dum sacramento administrado por um ministro indigno (cf. DONATO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 251; DONATISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 251).

¹⁶⁸ O Pelagianismo é a «doutrina de Pelágio que minimiza o papel da graça; asceta que exalta o primado e a eficácia do esforço voluntário na prática da virtude, Pelágio julga que ela está sob o poder do homem; basta que Deus dê o livre arbítrio e a lei moral; a graça desempenha, quando muito, o papel de adjuvante [...]. O Pelagianismo foi [...] combatido por S. Agostinho» (PELAGIANISMO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 583), ao ponto das duas ideias serem condenadas no Ocidente (cf. PELÁGIO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 583).

pela unidade e pela paz da Igreja, a saúde de Agostinho sempre foi (e continuará a ser) débil, continuando ele a levar uma vida austera e dura, mesmo sabendo da fraca saúde que tinha¹⁶⁹.

Entre 397 e 398, tendo Agostinho aproximadamente quarenta e quatro anos, compõe *Confessiones*, querendo, com esta obra, não só reconhecer, por escrito, os próprios erros, cometidos ao longo da sua vida, mas também (e sobretudo) louvar a Misericórdia, a Graça e a Sabedoria de Deus, tratando de temas como o mal, a criação, o tempo, a graça e o itinerário da alma para Deus. Assim sendo, mais do que uma autobiografia, *Confessiones* é uma elevação a Deus, apresentando grande valor teológico, filosófico, místico e literário, além do valor autobiográfico que evidentemente possui¹⁷⁰.

Em 399, Agostinho, com quarenta e cinco anos, inicia a composição da obra *De Trinitate*, só a finalizando daí a vinte anos, em 419, quando Agostinho já tem sessenta e cinco anos¹⁷¹.

Como o nome indica, *De Trinitate* vai debruçar-se sobre a Trindade (que é Deus), entrelaçando a «tradição bíblica com a cultura filosófica clássica e com o património de quatro séculos de reflexão cristológica e trinitária»¹⁷².

Mas Agostinho não só terá em conta o que outros disseram sobre o Mistério da Trindade, como também ele contribuirá, com a sua excepcional inteligência e sabedoria, para um complemento e aprofundamento do mesmo. E esse contributo será de tal forma significativo que *De Trinitate* influenciará, de forma decisiva, a Teologia Trinitária ocidental, sobretudo com a sua exegese bíblica, com a sua teoria da relação (aplicada às Três Pessoas da Trindade) e com a sua explicação “psicológica” do homem ser imagem da Trindade¹⁷³.

E porque Agostinho, no *De Trinitate*, usa «a austeridade de uma linguagem de pendor conceptual, que nem por isso deixa de se derramar em eflúvios de místicos arrebatamentos»¹⁷⁴, a genialidade da obra está na fusão entre especulação e oração¹⁷⁵.

¹⁶⁹ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 79; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 88-89; PAPINI – *Santo*, p. 261-262.

¹⁷⁰ Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 91.96; FERRIER – *Santo*, p. 33; PAPINI – *Santo*, p. 231.292.

¹⁷¹ Cf. CURLEY – Cicerón, p. 258.

¹⁷² ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do [et al.] – Notas prévias à tradução. In AGOSTINHO – *Trin*, p. IX.

¹⁷³ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 110; TRAPÈ – Agostino, p. 96-97.

¹⁷⁴ ESPÍRITO SANTO – Notas, p. VII.

Apesar da demora na elaboração da obra, Agostinho concebeu-a «como uma totalidade e, em consequência, desgostou-se muito quando versões “piratas” dos primeiros livros (e uma versão mutilada do livro 12) começaram a distribuir-se, provavelmente cerca do ano 416»¹⁷⁶.

Que a obra, composta por quinze livros, é uma totalidade, não há qualquer dúvida, visto que «os primeiros livros e os livros posteriores mostram um enfoque consequente e harmonioso»¹⁷⁷. Contudo, também se nota que o passar do tempo «afectou o desenvolvimento do argumento, e para o momento em que se chega aos dois ou três últimos livros a ênfase mudou dramaticamente em comparação com o que aparece nas secções iniciais»¹⁷⁸.

E, por isso mesmo, a obra pode ser dividida em dois, sendo o livro VIII aquele que «divide e articula *De Trinitate* em duas abas»¹⁷⁹, de tal forma que:

- a) A primeira aba (livros I-VII) é mais do domínio teórico, dominando o saber (o conhecimento) – debruçando-se sobre a intimidade de Deus (esforçando-se Agostinho por demonstrar a igualdade e a unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, bem como demonstrar a diferença real do Pai e do Filho e do Espírito Santo, onde a união entre as três Pessoas é em termos de relação e a relação entre as três Pessoas é em termos de união, de tal forma que a Unidade é trina e a Trindade é una), através de duas vias:
 - i. Recorrendo à *Sagrada Escritura*, fazendo exegese bíblica (livros I-IV);
 - ii. Recorrendo à especulação racional (levada ao limite), pelo duro trabalho do conceito (livros V-VII).
- b) A segunda aba (livros VIII-XV) é mais do domínio prático, dominando o agir (mais concretamente, no amor) – debruçando-se sobre a interioridade do homem

¹⁷⁵ WILLIAMS, Rowan – *Trinitate, De*. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 1300.

¹⁷⁶ WILLIAMS – *Trinitate*, p. 1293.

¹⁷⁷ WILLIAMS – *Trinitate*, p. 1293.

¹⁷⁸ WILLIAMS – *Trinitate*, p. 1293.

¹⁷⁹ ROSA – Introdução, p. XXXIV.

(que é imagem da Trindade) e a sua santificação (que não é mais do que um converter-se e viver em Cristo)¹⁸⁰.

Ainda Agostinho não tinha terminado *De Trinitate*, quando, em 412, «empreendeu a colossal edificação»¹⁸¹ do tratado *De Civitate Dei*, em vinte e dois livros, escritos em catorze anos¹⁸², sendo «a mais formidável máquina de guerra que se levantou contra o paganismo, e também o mais completo arsenal de provas e refutações, em que os [...] apologetas católicos se vão abastecer»¹⁸³.

Esta obra foi iniciada por Agostinho como forma de responder aos escândalos que a conquista de Roma, por Alarico (375-410), em 410, provocou, dando Agostinho, na obra, uma visão exacta do dogma da Providência Divina¹⁸⁴.

Em 426, Agostinho, com setenta e dois anos finaliza *De Civitate Dei*¹⁸⁵, tendo confiado, logo de seguida, «as funções ordinárias e exteriores do episcopado ao seu amigo Heraclio, fazendo-o aceitar pelos outros bispos e pelo povo como seu coadjutor e sucessor»¹⁸⁶.

Apesar dos seus setenta e dois anos, Agostinho, além de não parar de escrever, continuou a fazê-lo até quase ao dia da sua morte, que seria daí a quatro anos. Nunca escreveu por fama ou por dinheiro, mas por necessidade apostólica¹⁸⁷. Com efeito, «desde há muitos anos que [Agostinho] era a coluna de fogo da Igreja, para a qual se voltavam os olhos dos católicos com serena segurança e os dos heresiarcas com temor, não só em África, como em todo o mundo cristão»¹⁸⁸. E apesar da sua frágil saúde e da idade que tinha, Agostinho «tinha óptima vista, pulso firme, inteligência lúcida e um grande coração sempre a transbordar de amor»¹⁸⁹,

¹⁸⁰ Cf. ROSA – Introdução, p. XXII.XXIV.XXVII-XXVIII.XXXIV-XXXV; ESPÍRITO SANTO – Notas, p. VIII; WILLIAMS – *Trinitate*, p. 1293.1300.

¹⁸¹ PAPINI – *Santo*, p. 246.

¹⁸² Cf. TRAPÈ – Agostino, p. 97; PAPINI – *Santo*, p. 246-247.293-294.

¹⁸³ BERTRAND – *Santo*, p. 298.

¹⁸⁴ Cf. FERRIER – *Santo*, p. 111.

¹⁸⁵ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 294.

¹⁸⁶ PAPINI – *Santo*, p. 256.

¹⁸⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 256-257.

¹⁸⁸ PAPINI – *Santo*, p. 257.

¹⁸⁹ PAPINI – *Santo*, p. 257-258.

usando-os no combate pela verdade, para que esta triunfasse e não os erros, que, devido às invasões bárbaras, se proliferavam por toda a parte¹⁹⁰.

Em 429, os Vândalos – que, em 409 (um ano antes da conquista de Roma), haviam invadido a Espanha, estabelecendo ali o seu governo – entraram em África e invadiram a Numídia, conduzidos pelo Rei Genserico (389-477). No ano seguinte (430), sitiaram Hipona¹⁹¹.

Entretanto, Agostinho adocece e passa os últimos dias da sua vida cheio de amargura e de dor, ao ver que os Vândalos não respeitavam nada (nem sequer as igrejas, que eram ou incendiadas ou interditas ao culto), ao ver os sacerdotes a desaparecerem, ao ver as virgens e as pessoas votadas à castidade a expirar entre tormentos, ao ver cristãos a perderem a fé e até a pureza do corpo e ao ver a ruína de um mundo cristianizado que ele contribuíra para manter, mediante esforços incessantes ao longo de quarenta anos¹⁹².

Proibido pelos médicos de ler ou redigir fosse o que fosse, para que não se cansasse, Agostinho «mandou escrever, sobre largas folhas de pergaminho e em grande caracteres, os salmos penitenciais de David e fê-los pregar no muro, em frente da cama, para os ter sempre diante dos olhos. E como não cessava de os percorrer, não cessava de chorar»¹⁹³.

No dia 28 de Agosto de 430, Agostinho, com setenta e seis anos, esgotado pelos anos, pelos trabalhos e pelo sofrimento, morre, em Hipona, rodeado pelos seus amigos¹⁹⁴.

Pouco meses depois da morte de Agostinho, Hipona foi completamente controlada pelos Vândalos¹⁹⁵.

Segundo reza a lenda, em 504, os restos mortais de Agostinho foram levados para Cagliari (Sardenha, Itália) e, em 722, para Pavia (Itália)¹⁹⁶.

¹⁹⁰ Cf. BERTRAND – *Santo*, p. 308.

¹⁹¹ Cf. WILLIAMS, Jeremy – Invasiones de los Bárbaros. In *DICCIONARIO de San Agustín*, p. 744; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 94.

¹⁹² Cf. FERRIER – *Santo*, p. 29; PAPINI – *Santo*, p. 260.

¹⁹³ PAPINI – *Santo*, p. 263.

¹⁹⁴ Cf. TRAPÈ – Agustino, p. 97; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 94; FERRIER – *Santo*, p. 30-31.

¹⁹⁵ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 95.

¹⁹⁶ Cf. JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 95.

Agostinho, tal como sua mãe Mónica, foram declarados santos, tendo sido Agostinho proclamado doutor da Igreja¹⁹⁷.

1.2. A mística teóloga

Maria Elisabete Catez – futura Irmã Elisabete da Trindade – nasceu num acampamento militar do campo de Avor, perto de Bourges (França), na manhã de 18 de Julho de 1880 (domingo), tendo sido baptizada quatro dias depois, a 22 de Julho (festa de Santa Maria Madalena)¹⁹⁸, na capela do campo¹⁹⁹. Mais tarde, ela realçará o quanto foi importante, para ela, ter sido baptizada no dia em que se comemora Santa Maria Madalena²⁰⁰.

Antes de avançarmos, gostaríamos de salientar que apesar de «Élisabeth»²⁰¹ ser o seu nome, na língua francesa, este, na língua portuguesa, apresenta duas possíveis traduções: Elisabete ou Isabel²⁰². Na nossa opinião, “Elisabete” assemelha-se mais ao seu nome de origem. Contudo, é por “Isabel” que ela é mais conhecida entre os portugueses e, como tal, por Isabel será ela também chamada por nós.

Mas Isabel esteve quase para não ter nascido!

Com efeito, o parto de Isabel não foi nada fácil, tendo até o seu coração deixado de bater. Contudo, tendo os médicos advertido o pai de que provavelmente seria necessário fazer o sacrifício deste filho, ele, com o consentimento da mãe, imediatamente falou com o Capelão

¹⁹⁷ Cf. PAPINI – *Santo*, p. 20; JIMÉNEZ DUQUE – Agustín, p. 83.

¹⁹⁸ Cf. VANDEUR, Eugène – *O mon Dieu. Trinité que j'adore. Élévations, Augmentés, Complétées*. 4ª edição. Wépion: Monastère de Marlagne; Louvain: Abbaye du Mont-César, 1931, p. 11; DE MEESTER, Conrad; CARMELO DE DIJON – *Isabel da Trindade: Procuro-te desde a aurora: Evocação de um rosto e de um coração*. Oeiras: Edições Carmelo, [196?], p. 24.

¹⁹⁹ Cf. SILVA, Carlos H. do C., org. – Informações diversas sobre Isabel e o seu Carmelo. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 986.

²⁰⁰ Cf. POINSENET, Marie-Dominique – *Questa presenza di Dio in te...: Elisabetta Catez, Suor Elisabetta della Trinità o.c.d. 1880-1906*. Milano: Editrice Ancora; Roma: Postulazione Generale Carmelitani Scalzi, 1971, p. 24. Spiritualità Carmelitana; 19.

²⁰¹ SAINTE-MARIE, François de – Liminaire. In BALTHASAR – *Elisabeth*, p. 8.

²⁰² Cf. ELISABETH. In DÓRIA, António A. – *Dicionário Francês-Português*. 4ª edição. Porto: Editora Educação Nacional, [194?], p. 612; ISABEL. In PINHEIRO, Eduardo; DÓRIA, António A. – *Dicionário Português-Francês*. 3ª edição. Porto: Editora Educação Nacional, 1945, p. 737.

militar, a fim de que este implorasse a Deus pelo seu filho, na missa que ia celebrar. Ainda a missa não tinha finalizado, quando Isabel veio ao mundo²⁰³.

O Pai, Francisco José Catez, nascido no Norte de França²⁰⁴, tinha quarenta e oito anos quando Isabel nasceu, sendo Capitão do 16º esquadrão dos serviços de equipamento naquele campo. A mãe, Maria Rolland, nascida em Luneville, tinha trinta e três anos quando Isabel nasceu, sendo filha, neta e mulher de oficiais. Quer o pai, quer a mãe pertenciam a famílias de católicos fervorosos, tendo sido educados com firmeza e fidelidade à religião (sendo também desta forma que irão educar as suas duas filhas, Isabel e Margarida)²⁰⁵.

No dia 10 de Maio de 1881, a família Catez mudou-se para Auxonne (Côte-d’Or), uma vez que a companhia do Capitão Catez se mudou para lá²⁰⁶.

Em 1882, com dois anos apenas, Isabel deu início aos seus escritos, com a sua primeira *Carta*²⁰⁷. Também neste ano, principiou a sua vida dolorosa – se bem que ainda suave, se tivermos em conta a sua «dolorosa agonia»²⁰⁸ final – com a morte da sua avó – a Senhora Rolland – a 9 de Maio, em Saint-Hilaire²⁰⁹.

Em 1 de Novembro de 1882, a companhia do Capitão Catez foi novamente transferida, estabelecendo-se toda a sua família, incluindo o avô de Isabel – o Senhor Rolland – na Rua Lamartine, na Villa Billiet, em Dijon²¹⁰.

Em 20 de Fevereiro de 1883, não tendo ainda Isabel perfeito três anos, nasceu a sua irmã, Maria Margarida²¹¹.

Isabel e Margarida serão inseparáveis em tudo, menos no carácter. Com efeito, enquanto Margarida será doce, calma e serena, Isabel se revelará violenta, colérica, turbulenta, não

²⁰³ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 28.

²⁰⁴ Cf. MATTEUCCI, Benvenuto – Il messaggio spirituale. In ANCILLI – “*Ho creduto al Dio presente*”, p. 9.

²⁰⁵ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 28-29.31.

²⁰⁶ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 30.

²⁰⁷ Cf. SILVA, Carlos H. do C., org. – Concordância cronológica dos escritos de Isabel. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 1040.

²⁰⁸ ARDENS – *Mergulho*, p. 361.

²⁰⁹ Cf. SILVA – *Informações*, p. 986.

²¹⁰ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 30-31.

²¹¹ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 25.

tolerando qualquer oposição. Enfim, Isabel veio-se a revelar um autêntico “diabinho”!²¹², sendo o oposto da irmã. E ela era tão violenta, que, por vezes, ameaçavam-na mandá-la para a casa de correcção – chamada “Bom Pastor” – que ficava bem perto de onde a família Catez morava²¹³.

Para que se tenha ideia da violência de Isabel, damos um exemplo: «um dia [Isabel] fechou-se à chave na casa de banho e dava pontapés vigorosíssimos contra a porta»²¹⁴.

Mas Isabel mudará o seu carácter, graças aos dois grandes amores da sua vida: a sua mãe e Deus²¹⁵. Pode-se dizer que Isabel «venceu-se por amor»²¹⁶ quer através da persuasão da sua mãe, quer através de um «progressivo abandono, humilde e generoso, a Jesus»²¹⁷.

Na verdade, com a ajuda da mãe, Isabel aprenderá a dominar-se, adquirindo uma verdadeira paciência “angélica”, como prova o caso em que ela não reagiu quando a empregada lançou um candeeiro contra ela²¹⁸. A ajuda da mãe com o amor que Isabel nutria por Deus tudo resolveu. Com efeito, «o seu amor por Deus fê-la mudar literalmente para o oposto»²¹⁹, sendo o primeiro momento decisivo, para esta viragem, o dia da sua Primeira Confissão e o segundo, o dia da sua Primeira Comunhão.

Realmente «enganamo-nos se pensamos nos mártires, nos santos, como seres especiais, já a partir do nascimento e Isabel prova-no-lo com toda a evidência»²²⁰.

Tínhamos dito que a irmã de Isabel – Margarida – nascera em 1883.

Um ano mais tarde, mais concretamente no dia 2 de Junho de 1884, o Capitão Catez reformou-se²²¹.

Entretanto, a Senhora Catez foi mordida por uma víbora, arruinando-lhe o organismo²²².

²¹² Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 25; ARDENS – *Mergulho*, p. 30; DE MEESTER, Conrad – Apresentação geral. In DE MEESTER – *Isabel*, p. 11.

²¹³ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 33.

²¹⁴ PHILIPON, Marie-Michel – *L'inabitazione della Trinità nell'anima: Spiritualità di Elisabetta della Trinità*. Milano: Editrice Ancora, 1966, p. 222. Apud ARDENS – *Mergulho*, p. 32.

²¹⁵ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 31.

²¹⁶ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 10.

²¹⁷ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 10.

²¹⁸ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 32.

²¹⁹ ARDENS – *Mergulho*, p. 256.

²²⁰ ARDENS – *Mergulho*, p. 256.

²²¹ Cf. SILVA – Informações, p. 986.

Durante o ano de 1885, Isabel escreveu mais duas *Cartas*²²³.

Em 1887, dois falecimentos ocorreram na família Catez: A 24 de Janeiro, o avô de Isabel – o Senhor Rolland – e, a 2 de Outubro, o seu pai, vitimado por uma crise cardíaca²²⁴.

A morte do Capitão Catez foi um abalado muito grande, quer para a sua mulher, quer para a sua filha Isabel. Na verdade, o choque foi tão grande que a Senhora Catez nunca mais recuperou totalmente das mazelas físicas e morais que este acontecimento teve na sua vida. Relativamente a Isabel, que, nesta altura, contava com sete anos, sofreu muitíssimo com a perda do pai, abalando o seu carácter rebelde, mas não ao ponto de o abolir totalmente²²⁵.

A família, agora bem mais pequena, teve de mudar-se, por motivos económicos, para a rua Prieur-de-la-Côte-d’Or (no outro lado da cidade), no segundo andar de uma casa. Da janela da casa, Isabel avistava o Carmelo de Dijon²²⁶.

Ainda no decurso deste ano, Isabel confessa-se pela primeira vez²²⁷. E, sentindo em si «o mistério da caridade infinita»²²⁸, comove-se tanto que resolve vencer todos os seus defeitos²²⁹.

Durante uma viagem ao Sul (Midi), Isabel, ainda com sete anos, confidenciou ao Cónego Angles o seu desejo de ser religiosa²³⁰.

Em Outubro de 1888, Isabel, com oito anos, inscreveu-se no Conservatório de Música de Dijon²³¹.

Durante o ano de 1889, Isabel escreveu mais duas *Cartas*²³².

A 19 de Abril de 1891, Isabel, com dez anos, fez a sua Primeira Comunhão. E «se a primeira confissão a levou à “conversão”, [...] a primeira comunhão abriu-a para sempre à graça do divino hóspede»²³³.

²²² Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 31.

²²³ Cf. SILVA – *Concordância*, p. 1040.

²²⁴ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 31.

²²⁵ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 43; ARDENS – *Mergulho*, p. 31-32.

²²⁶ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 32-33.

²²⁷ Cf. SILVA – *Informações*, p. 986.

²²⁸ VANDEUR – *O mon Dieu*, p. 11.

²²⁹ Cf. VANDEUR – *O mon Dieu*, p. 11.

²³⁰ Cf. SILVA – *Informações*, p. 986; ARDENS – *Mergulho*, p. 33.

²³¹ Cf. SILVA – *Informações*, p. 986.

²³² Cf. SILVA – *Concordância*, p. 1040.

Isabel, quando recebeu pela primeira vez o Corpo de Cristo, comoveu-se profundamente, sentindo a voz de Cristo, no fundo do seu coração, pedindo-lhe que fossa toda sua²³⁴.

No mesmo dia, Isabel visitou o Carmelo de Dijon²³⁵.

A Superiora do Carmelo – a Madre Maria de Jesus (futura fundadora do Carmelo de Paray-le-Monial) – disse-lhe que “Isabel” significava “casa de Deus”²³⁶ e que, sendo assim, ela era «a feliz pequena Casa do bom Deus»²³⁷.

A Priora, ao dizer-lhe aquilo, nunca imaginou que, apartir daquele dia em diante, o mistério da presença divina em Isabel – também denominado “mistério da inabituação divina” – seria quer o motor da sua vida interior, quer a sua vocação²³⁸.

E, apartir daquele dia, tudo mudou para Isabel, nomeadamente o seu carácter, começando a esquecer-se de si mesma e pensando mais nos outros²³⁹.

No dia 8 de Junho de 1891, Isabel recebeu o Sacramento do Crisma²⁴⁰.

A 18 de Julho de 1893, perfazendo Isabel treze anos, recebeu o Primeiro Prémio de Solfejo Superior, no Conservatório de Música de Dijon²⁴¹. Uma semana mais tarde, a 14 de Julho, Isabel recebeu o Primeiro Prémio de Piano, também no Conservatório²⁴².

A mãe de Isabel, quando a inscreveu no Conservatório, sonhava fazer de Isabel uma artista²⁴³. E Isabel até queria ser artista. Não pelos prémios, nem pela fama, mas para que os corações das pessoas que a ouvissem palpitassem por Deus²⁴⁴. Isabel queria usar os seus dotes artísticos para fazer amar a Deus, para aumentar a felicidade e a glória de Deus. E quando

²³³ ARDENS – *Mergulho*, p. 32.

²³⁴ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 33.

²³⁵ Cf. POZZOBON, G. – Isabel de la Trinidad. In *DICCIONARIO de los Santos*, vol. 1, p. 1108.

²³⁶ Cf. SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 8.

²³⁷ SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 8.

²³⁸ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 35; SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 8.

²³⁹ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 35.

²⁴⁰ Cf. SILVA – *Informações*, p. 986.

²⁴¹ Cf. SILVA – *Informações*, p. 986.

²⁴² Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 38.

²⁴³ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 36.

²⁴⁴ SAGRADA FAMÍLIA – *Apresentação*, p. 10.

alguém lhe dava os parabéns pela sua excelente execução, ela respondia sempre que não foi ela quem tocou, mas Deus, que vivendo nela, tocou por ela²⁴⁵.

Ainda em 1893, Isabel, além de escrever mais uma *Carta*²⁴⁶, também passou férias em Gemeaux (Côte d'Or), em Voges e em Jura²⁴⁷.

A 11 de Abril de 1894, imediatamente após ter recebido a Sagrada Comunhão, Isabel, com catorze anos, sentiu uma voz interior que a chamava para o Carmelo. Também de imediato deu a sua resposta: Naquele mesmo instante, consagrou-se a Deus, com o voto privado de virgindade perpétua, escolhendo Jesus Cristo como seu único Esposo²⁴⁸.

Como “consagrar-se a Deus” significa “renunciar a si mesmo para pertencer unicamente a Deus” ou, por outras palavras, “para não ter nada, não desejar nada, não ser nada, para pertencer totalmente a Cristo”, o voto de virgindade está estritamente associado ao voto de pobreza (que não significa só a renúncia aos bens materiais, mas também a si mesmo)²⁴⁹, pelo que, naquele momento, Isabel como que fez os dois votos em simultâneo.

Daqui em diante, irá desenvolver-se em Isabel, de forma progressiva, uma vida de recolhimento que a levará à união profunda com Deus²⁵⁰.

E essa vida teve início no primeiro encontro que Isabel teve com Jesus Cristo. O aprofundamento da união de Isabel com Jesus – nomeadamente na sua configuração com Ele – elevá-la-á até Deus, numa vida em comunhão sempre mais íntima e profunda com Deus, que é Trindade. No aprofundamento da sua relação com Cristo, Isabel descobrirá que imitar-l'O é o caminho mais fácil para chegar a Deus, pelo que ela seguirá por esse caminho. E Isabel apercebe-se que a única maneira de imitar Jesus Cristo é através do amor. Contudo, ninguém pode conformar-se plenamente com Cristo, sem participar no Mistério da Cruz²⁵¹. E

²⁴⁵ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 46-49; DE MEESTER – Apresentação, p. 8.

²⁴⁶ Cf. SILVA – Concordância, p. 1040.

²⁴⁷ Cf. SILVA – Informações, p. 986.

²⁴⁸ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 41; MATTEUCCI – Il messaggio, p. 10; DE MEESTER – *Isabel*, p. 41; SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 9.

²⁴⁹ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 58.

²⁵⁰ Cf. VANDEUR – *O mon Dieu*, p. 11.

²⁵¹ Cf. MARCHETTI, Albino – L'anima di Cristo. In ANCILLI – “*Ho creduto al Dio presente*”, p. 111-112. 118-119.

Isabel também isso aprenderá, quando carregar, de forma heróica, uma pesadíssima e tremenda cruz.

Revelando à sua mãe o desejo de entrar para o Carmelo, esta, além de se opôr vivamente, também a proibiu de manter qualquer contacto com as carmelitas²⁵². Além disso, exigiu que Isabel frequentasse festas e reuniões da sociedade, sempre na esperança que aquele sentimento passasse²⁵³ e que Isabel encontrasse um bom partido para casar (o que não era difícil de arranjar, quer porque Isabel era considerada, por todos, como alguém deveras fascinante, quer porque não faltavam rapazes sérios nos ambientes que frequentavam)²⁵⁴.

Isabel, sem ainda viver no Carmelo, começou a praticar o voto de obediência²⁵⁵, quer a Cristo – sendo-Lhe fiel, cumprindo o voto de virgindade – quer à mãe – vivendo a vida como a mãe desejava (menos a parte de encontrar um bom partido para casar, porque estando ela já unida a Deus pelo voto privado da virgindade, nunca aceitará qualquer proposta de casamento²⁵⁶).

Praticando já os três votos de uma verdadeira carmelita, Isabel, antes de ser carmelita no mosteiro, já o era no mundo²⁵⁷, esforçando-se já por ser uma perfeita adoradora de Deus. Nesta tarefa, Isabel seguia o exemplo de Maria – Mãe de Jesus Cristo – «que, imersa no trabalho quotidiano e nas obras de caridade fraterna, continuou a ser uma perfeita adoradora»²⁵⁸.

É a partir deste ano de 1894 que Isabel começará a escrever de forma contínua, só parando mesmo às portas da morte. De forma gradual, os seus escritos, ao longo do tempo, irão aumentando em abundância e em profundidade. E neste ano de 1894, Isabel, além das *Cartas*

²⁵² Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 10; POZZOBON – Isabel, p. 1108.

²⁵³ Cf. MATTEUCCI – Il messaggio, p. 11.

²⁵⁴ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 81-82; ARDENS – *Mergulho*, p. 49.

²⁵⁵ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 57.

²⁵⁶ Cf. POZZOBON – Isabel, p. 1108.

²⁵⁷ Cf. MATTEUCCI – Il messaggio, p. 12.

²⁵⁸ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 61.

que continuará sempre a escrever, dará início às suas *Notas íntimas*, bem como aos seus primeiros *Poemas*²⁵⁹.

Convém salientar o facto de que Isabel nunca chegou a frequentar a escola, nem a estar num colégio. Porém, ela teve aulas particulares de formação geral e literária, em casa, que, infelizmente, vieram a revelar-se bastante deficientes, uma vez que a mestra era pouco culta e de medíocre valor²⁶⁰.

Também neste ano de 1894, mais concretamente no mês de Julho, no Conservatório, foi-lhe tirado, injustamente, o Prémio de Excelência²⁶¹.

Daqui em diante e até 1901 (por ser este o ano da sua entrada para o Carmelo²⁶²), a adolescência e a juventude de Isabel serão passadas no piano – estudando ela quatro a cinco horas por dia e participando em concertos organizados na cidade, quer pelo Conservatório, quer pelo grande Teatro de Dijon, recebendo louvores nos jornais locais²⁶³, nos salões, no ensino do catecismo às crianças (desejando ela muito que elas conhecessem e amassem Jesus²⁶⁴), nas obras paroquiais (principalmente a auxiliar os doentes e os necessitados), a aprender corte e costura (de forma a ajudar a precária situação familiar), nas recepções, nos entretenimentos, nas viagens²⁶⁵ (a Midi, a Vosges, a Jura, a Lourdes, a Marseille, a Grenoble, a Annecy, a Génève, a Fleurier da Suíça, a Tarbes, a Biarritz, a Carlipa, a Charentes e a Paris²⁶⁶) e nas orações²⁶⁷.

Mas neste alternar da sua vida «entre a oração, o trabalho em casa e os deveres da sociedade, Isabel procurava cada vez mais viver para o seu Deus e com o seu Deus»²⁶⁸, vendo sempre em si, bem como ao seu redor (nomeadamente nas espantosas paisagens que avistava

²⁵⁹ Cf. SILVA – Concordância, p. 1040-1045.

²⁶⁰ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 36; DE MEESTER – *Isabel*, p. 39.

²⁶¹ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 39; SILVA – *Informações*, p. 987.

²⁶² Cf. ANCILLI – *Prefazione*, p. 5.

²⁶³ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 36; DE MEESTER – *Isabel*, p. 39.

²⁶⁴ SAGRADA FAMÍLIA – *Apresentação*, p. 10.

²⁶⁵ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 42.51.

²⁶⁶ Cf. SILVA – *Informações*, p. 987.

²⁶⁷ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 57.

²⁶⁸ ARDENS – *Mergulho*, p. 57.

nas suas viagens²⁶⁹), a acção maravilhosa de Deus. Isabel, vivendo, por um lado, a vida imposta por sua mãe (a vida mundana ou activa) e, por outro lado, a intimidade com o seu Deus (a vida interior ou contemplativa), soube conciliar ambas. Contudo, o seu sonho de ser Carmelita mantinha-se, mantendo-se também a recusa da mãe, que nem sequer queria ouvir falar nisso²⁷⁰.

De 24 a 28 de Janeiro de 1899, com dezoito anos, Isabel viveu o seu primeiro retiro espiritual²⁷¹.

Nesse mesmo ano, Isabel inicia o seu *Diário* – resumindo nele o que aprendeu e viveu na Grande Missão que houve em Dijon, sendo ele, por isso, «*um bom documento da catequese popular então em voga*»²⁷² – continuando, na mesma, a escrever *Cartas, Notas íntimas e Poesias*²⁷³.

Entretanto, a Senhora Catez fala com o seu confessor sobre a possível vocação de Isabel, o qual lhe responde que a vocação da filha era absolutamente segura. Perante tal facto, a mãe de Isabel, a 26 de Março desse mesmo ano de 1899, consentiu que Isabel voltasse a frequentar o Carmelo (nomeadamente a capela e o locutório, podendo assistir à Missa), prometendo-lhe que quando ela perfizesse vinte e um anos deixá-la-ia entrar no Carmelo, se assim fosse o seu desejo²⁷⁴.

Mais uma vez, Isabel obedeceu e, enquanto aguardava o ingresso, deu-se «a uma vida de oração mais intensa»²⁷⁵.

Contudo, a mãe de Isabel, apesar de lhe ter permitido o ingresso no Carmelo aos vinte e um anos, continuava a tentar persuadi-la para o matrimónio, tendo-lhe até arranjado «um partido esplêndido que nunca mais surgiria»²⁷⁶. Isabel, ficando indiferente a tal proposta,

²⁶⁹ Cf. MATTEUCCI – Il messaggio, p. 12.

²⁷⁰ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 42-43.45-46.

²⁷¹ Cf. SILVA – Informações, p. 987.

²⁷² ARDENS – *Mergulho*, p. 316.

²⁷³ Cf. SILVA – Concordância, p. 1041.

²⁷⁴ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 97; ARDENS – *Mergulho*, p. 58.80; SILVA – Informações, p. 987.

²⁷⁵ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 10.

²⁷⁶ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 54.

afirmou que o seu coração já não era livre, pertencendo ao Rei dos reis e que, sendo assim, já não podia dispôr mais dele²⁷⁷.

Isabel, a partir do dia 20 de Junho desse mesmo ano de 1899, começou a visitar, com regularidade, a Priora Maria de Jesus²⁷⁸.

No ano 1900, de 23 a 27 de Janeiro, Isabel voltou a viver um retiro espiritual²⁷⁹.

Numa das visitas ao Carmelo, no decurso desse mesmo ano de 1900, Isabel encontrou o Padre Vallée, sendo este o Superior dos dominicanos de Dijon, o qual exerceu uma influência decisiva na sua vida interior, ao direccioná-la decisivamente e definitivamente para o Mistério Trinitário²⁸⁰.

Com efeito, no momento em que o Padre Vallée – tendo por base o seguinte texto de Paulo de Tarso: «Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?»» (1Cor 3,16)²⁸¹ – lhe disse que toda a Trindade estava na sua alma, sendo a sua alma o templo da Santíssima Trindade, explicando esse facto ao longo de duas horas, Isabel sentiu uma profunda alegria, proporcionando um avanço e uma orientação mais precisa no itinerário que Isabel já vinha desenvolvendo desde a sua Primeira Comunhão e que, mais tarde, no mosteiro, se revelará como o seu “carisma”: viver interiormente (para dentro de si, na profundidade da sua alma) uma vida de união extraordinária (de grande intimidade) com as Três Pessoas Divinas que a habitam (e que ela, carinhosamente, chama de “Os seus Três”), escolhendo, para si, o nome religioso “Maria Isabel da Trindade”²⁸².

²⁷⁷ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 56-57.

²⁷⁸ Cf. SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 9; DE MEESTER – *Isabel*, p. 56; SILVA – *Informações*, p. 987.

²⁷⁹ Cf. SILVA – *Informações*, p. 987.

²⁸⁰ Cf. ANCILLI, Ermanno – O mio Dio, Trinità che adoro. In ANCILLI – *“Ho creduto al Dio presente”*, p. 140; DE MEESTER – *Isabel*, p. 56; SILVA – *Informações*, p. 987.

²⁸¹ POINSENET – *Questa presenza*, p. 142.

²⁸² Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 142; SAGRADA FAMÍLIA – *Apresentação*, p. 10-11; SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 8-10.

No dia 2 de Agosto de 1901, Isabel, com vinte e um anos, entrou no Carmelo de Dijon, envolvendo-se logo no silêncio e no recolhimento, na companhia de vinte e quatro irmãs, concentrando todas as suas energias num único ideal: a Glória de Deus²⁸³.

Na altura, a irmã Germana de Jesus era a Vice-Prioressa e a irmã Maria da Trindade, o seu “anjo”, isto é, a «religiosa que tinha o encargo de guiá-la e introduzi-la no espírito e nos hábitos e horários da vida carmelita»²⁸⁴.

Isabel, depois de entrar no carmelito, «sobe à sua cela e veste o hábito de postulante com o manto e o véu negro [...]. A sua cela é pequena, sem aquecimento; não tem água corrente nem electricidade; dá para o pátio, onde domina um grande crucifixo»²⁸⁵.

A 9 de Outubro, desse mesmo ano, a Prioressa Maria de Jesus, juntamente com algumas irmãs de Dijon, partiram para Paray-le-Monial, para a fundação de um novo mosteiro, sendo eleita Prioressa, do Carmelo de Dijon, a irmã Germana de Jesus (com trinta e um anos), permanecendo também como Mestra das Noviças, e Vice-Prioressa, a irmã Maria da Trindade (com vinte e seis anos)²⁸⁶.

O hábito de postulante, que Isabel tinha vestido no dia da entrada para o carmelito, «só o usaria por pouco mais de quatro meses, uma vez que, no dia 8 de Dezembro, a comunidade, com o acordo de todas, iria admiti-la à Tomada de Hábito»²⁸⁷.

Contudo, não sabendo quando isso viria a acontecer e desejando ardentemente esse dia – por o manto branco, que iria vestir, significar pureza, querendo ela dirigir-se à Sagrada Comunhão envolta na sua brancura – Isabel pedia-o, em oração, todos os dias²⁸⁸. Confidenciando este grande desejo à Madre Prioressa, esta respondeu-lhe que, «antes de pensar em vestir o hábito de uma Ordem, convinha adquirir primeiro o espírito e as virtudes.

²⁸³ Cf. POZZOBON – Isabel, p. 1108; VANDEUR – *O mon Dieu*, p. 12; SAINTE-MARIE – Liminaire, p. 8; ARDENS – *Mergulho*, p. 103.127.

²⁸⁴ ARDENS – *Mergulho*, p. 103.

²⁸⁵ ARDENS – *Mergulho*, p. 103.

²⁸⁶ Cf. DE MEESTER – Isabel, p. 72-73; ARDENS – *Mergulho*, p. 103.106; SILVA – Informações, p. 987.

²⁸⁷ ARDENS – *Mergulho*, p. 118.

²⁸⁸ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 118.

A irmã Isabel aceitou esta pequena prova com a sua tranquilidade habitual, e retirou-se doce e serenamente»²⁸⁹.

Chegado o dia 8 de Dezembro de 1901 – festa da Imaculada Conceição de Maria e, por ser Domingo, dia consagrado à Santíssima Trindade²⁹⁰ – Isabel, vestida com um vestido de noiva (conforme o costume), deslocou-se até ao altar da capela externa do Carmelo, acompanhada pelo Senhor d’Avout, que, ao lado de Isabel, tomava o lugar que teria ocupado o seu pai, se ainda fosse vivo. Estavam presentes a mãe e a irmã, bem como os amigos da família Catez. No final, a noviça, vestida de hábito e escapulário de cor escura, com o véu de seda branca apertado sobre a pequena touca, apresenta-se à família e aos amigos, na parte de dentro da grade do locutório, irradiando uma alegria serena²⁹¹.

Contudo, a esta serenidade vai-se suceder a intranquilidade.

Com efeito, no decurso do ano de 1902, o sofrimento interior visitou Isabel. Aos radiosos dias como postulante sucederam-se as trevas de uma noite profunda, juntamente com inquietações e estranhos fantasmas da imaginação²⁹².

Decorridos meses nesta agonia, Isabel esperava libertar-se dela no retiro espiritual que seria pregado, em Outubro, pelo Padre Vallée. Mas não só não encontrou o alívio, como ainda o sofrimento aumentou, visto que, no estado em que estava, não conseguia saborear aquelas coisas que tanto tinha saboreado no passado²⁹³.

Isabel aceitou esta provação como uma Graça, permanecendo inabalável quer na sua fé, quer na sua esperança. Com efeito, amando perdidamente o Crucificado Ressuscitado, Isabel entregou-se a Ele cegamente, sendo os seus escritos prova disso. Pode-se dizer que a sua

²⁸⁹ ARDENS – *Mergulho*, p. 119.

²⁹⁰ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 74; POINSENET – *Questa presenza*, p. 202.

²⁹¹ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 202-203.

²⁹² Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 81; ARDENS – *Mergulho*, p. 129.

²⁹³ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 129-130.

“noite escura” iluminou-se com a claridade da sua fé e da sua confiança, acabando por afinar o amor que tinha por Cristo²⁹⁴.

Mas este tormento terá um fim.

Com efeito, em 1903, «depois do seu compromisso definitivo com Deus, a paz volta à sua alma»²⁹⁵.

Entretanto, e enquanto esse dia não chega, vários acontecimentos vão ocorrendo, como, por exemplo, o casamento da sua irmã Margarida com Jorge Chevignard, no dia 15 de Outubro de 1902 (do qual nascerão 9 filhos, entre os quais um rapaz que será padre e quatro raparigas que se consagrarão a Deus, sendo uma delas a filha mais velha, de nome Isabel – escolhido por causa da tia carmelita – que entrará no Carmelo de Dijon, com o nome “Isabel de Jesus”) e o exame canónico antes da profissão, no dia 22 de Dezembro de 1902²⁹⁶.

Contudo, a agonia de Isabel mantém-se, atingindo ele o seu cume precisamente na véspera da sua profissão, a 10 de Janeiro de 1903²⁹⁷.

No dia seguinte (11 de Janeiro) – dia em que a Igreja celebrava liturgicamente o baptismo de Jesus Cristo, no qual as Três Pessoas da Santíssima Trindade se manifestaram²⁹⁸ – Isabel pronunciou os «seus votos definitivos (nessa época não se faziam primeiros votos temporários) de pobreza, castidade e obediência, diante do altar, ornamentado de flores na sala do capítulo, rodeado apenas pela comunidade»²⁹⁹. Segundo o costume, Isabel passou todo o dia em silêncio e em oração. Durante o recreio da noite, ocorreu a festa com as suas irmãs³⁰⁰.

No dia seguinte (12 de Janeiro), Isabel recebeu o véu da consagração virginal, passando a poder usar, de forma oficial, a capa branca e o véu preto³⁰¹.

²⁹⁴ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 11; DE MEESTER – *Isabel*, p. 81; ARDENS – *Mergulho*, p. 131-132.

²⁹⁵ ARDENS – *Mergulho*, p. 145.

²⁹⁶ Cf. SILVA – Informações, p. 988; DE MEESTER – *Isabel*, p. 91.106.

²⁹⁷ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 93.

²⁹⁸ Cf. SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 10.

²⁹⁹ DE MEESTER – *Isabel*, p. 95.

³⁰⁰ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 95.

³⁰¹ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 11; DE MEESTER – *Isabel*, p. 92.

E, conforme já dissemos anteriormente, «logo que Isabel transpôs o limiar do seu compromisso definitivo pela profissão, passou a gozar plenamente de uma profunda paz»³⁰². As suas cartas, a partir de 1903, revelam-nos precisamente isso³⁰³.

Daqui em diante, a vida de Isabel será humilde e silenciosa, «na mais simples e incolor vida comum»³⁰⁴, mas sempre repleta de muita alegria³⁰⁵, mesmo nas pequenas contrariedades, nas provações interiores ou nos embates que inevitavelmente foram ocorrendo, porque ela abandonava-se, sempre e em toda a parte, ao diálogo ininterrupto com “Os Três” que estavam presentes no “pequeno céu” da sua alma, amando-Os e servindo-Os com uma fidelidade extraordinária, mesmo nas coisas mais pequenas e humildes³⁰⁶.

Por exemplo, o trabalho que foi confiado a Isabel, na rouparia e na portaria³⁰⁷, ela «fazia-o bem, querendo sempre que fosse o melhor possível, *para cumprir a vontade d’Aquele que primeiro se sujeitou ao trabalho para nos dar o exemplo*»³⁰⁸. Mas não só Isabel procurava fazer bem o seu serviço, como também procurava «fazer felizes todas as irmãs, a todas oferecendo ajuda nos mais pequenos e fatigantes serviços»³⁰⁹.

Como toda a vida espiritual, que seja autêntica, tende a crescer de forma contínua e progressiva³¹⁰, Isabel não foi excepção.

Envolvendo-se cada vez mais na *Sagrada Escritura* (sobretudo nas *Cartas* de Paulo de Tarso) e na Liturgia («sobretudo na comunhão íntima com o mistério Eucarístico»³¹¹), Isabel foi progredindo, cada vez mais, na intimidade que tinha com “Os seus Três”³¹². Exemplo

³⁰² DE MEESTER – *Isabel*, p. 96.

³⁰³ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 145.

³⁰⁴ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 11.

³⁰⁵ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 224.

³⁰⁶ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 11-12.

³⁰⁷ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 11.

³⁰⁸ POINSENET – *Questa presenza*, p. 227.

³⁰⁹ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 11.

³¹⁰ Cf. SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 10.

³¹¹ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 13.

³¹² Cf. POZZOBON – *Isabel*, p. 1108; SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 13.

claro disso é o poema *Ó meu Deus, Trindade que eu adoro*, redigido no dia 21 de Novembro de 1904³¹³.

Lendo as *Cartas* de Paulo de Tarso, Isabel encontrou uma passagem que a marcará definitivamente, proporcionando-lhe um “salto” qualitativo na sua vida espiritual: «Ele nos escolheu afim de que sejamos santos e imaculados na sua presença no amor... para louvor de glória da sua graça» (Ef 1,4.6)³¹⁴. Com efeito, ela, além de tornar essa passagem o seu “programa de vida”, esforçando-se ao máximo por ela mesma ser um “Louvor de Glória” das Três Pessoas Divinas, tomará como nome próprio a expressão latina de “Louvor de Glória” que ela encontrou dentro do texto – “Laudem Gloriam” – e com a qual assinará, daqui em diante, todos os seus escritos³¹⁵.

Para Isabel, ser um “Louvor de Glória” dos “Três” significa ser «uma perfeita adoradora da Trindade»³¹⁶, pelo que ela não vai descansar até que a sua adoração à Santíssima Trindade seja perfeita. E, para isso, ela sabe que tem de se esquecer de si mesma totalmente ou, por outras palavras, tem de desaparecer (morrer para si mesma³¹⁷), para que a Santíssima Trindade apareça totalmente nela (para que Deus viva em si³¹⁸), porque, sabendo ela que o amor de Deus-Trindade e o amor próprio ou “o amor de mim” são completamente incompatíveis, a adoração que se rende a Deus, possuindo ainda “amor de mim”, é uma adoração com medida, incompleta e até mesmo mentirosa. Para adorar plenamente (sem medida) é necessário amar plenamente (sem medida)³¹⁹.

O Caminho e o Exemplo que Isabel utilizará, para se esvaziar completamente de si mesma, será o que ela, desde criança, tem vindo a trilhar e a seguir: Jesus Cristo. Com efeito, Isabel, cada vez mais, procurará «ter os sentimentos de Jesus, perder-se na alma de Jesus, transfigurar-se em Cristo Crucificado, para participar no grande louvor que Cristo ofereceu ao

³¹³ Cf. ANCILLI – Prefazione, p. 5; SAINTE-MARIE – Liminaire, p. 10.

³¹⁴ SAINTE-MARIE – Liminaire, p. 10.

³¹⁵ Cf. VANDEUR – *O mon Dieu*, p. 13; SAINTE-MARIE – Liminaire, p. 10-11.

³¹⁶ VANDEUR – *O mon Dieu*, p. 28.

³¹⁷ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 207.

³¹⁸ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 207.

³¹⁹ Cf. VANDEUR – *O mon Dieu*, p. 29.56.

Pai, na cruz, e que vive, perenemente, no memorial da sua Páscoa [Eucaristia]»³²⁰, afim de transformar todo o seu ser «em adoração, acção de graças, sacrifício e imploração»³²¹ ou, por outras palavras, «de modo a ser “louvor” com o grande “louvor da Santíssima Trindade”, Jesus, Sacerdote e vítima»³²².

E Isabel transformou de tal modo o seu ser em “Louvor de Glória”, a exemplo de Jesus Cristo, que até o seu fim terreno foi como o d’Ele: extremamente doloroso, com atrozes sofrimentos.

Na verdade, «na Primavera de 1905, [Isabel] descobriu os primeiros sintomas de um mal misterioso e desconhecido [...] [sendo posteriormente] diagnosticado como a terrível doença de Addison»³²³, que, na altura, era incurável³²⁴.

A doença de Addison é uma insuficiência supra-renal crónica, originando fases alternadas de agravamento e de melhoria, cujos sintomas são terríveis: cansaço até nos mais leves esforços, levando mesmo à incapacidade quase total de qualquer movimento; falta de apetite interlacada com crises de fome (sobretudo desejo de sal); náuseas, vómitos e diarreias; dores abdominais (difusas e violentas); úlceras gastro-duodenais; hipotensão que pode levar a um colapso cardio-circulatório; diminuição da resistência às infecções, bem como ao frio, à dor, aos traumas, etc.; depressão psíquica, irritabilidade e apatia³²⁵.

Isabel, apesar da gravidade da doença e dos seus terríveis sintomas, soube manter sempre o próprio equilíbrio, nunca se queixando de nada e mostrando-se sempre alegre e sorridente, lutando para cumprir a Regra, custasse o que custasse. E Isabel soube esconder tão bem os sintomas que, quando lhe foi diagnosticada a doença, o médico – depois de questionar a

³²⁰ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 13-14.

³²¹ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 13.

³²² SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 13.

³²³ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 12.

³²⁴ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 120.

³²⁵ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 325-326.

Madre Germana se Isabel manifestara algum daqueles sintomas e depois desta lhe ter respondido que não – afirmou de imediato que Isabel era uma santa³²⁶!

Mas como conseguiu ela tal façanha? Podemos responder que foi pelo seu completo abandono a Deus. Na verdade, a própria Isabel confessará, mais tarde, que, enquanto não lhe foi diagnosticada doença alguma, ela «experimentava já há meses um mal-estar, a que teria sucumbido, sem a ajuda de Deus»³²⁷.

As dores de estômago – que não permitiam a Isabel alimentar-se convenientemente, enfraquecendo-a cada vez mais – aliadas à dificuldade de se deslocar com rapidez, fizeram com que lhe fossem concedidas excepções à observância da Regra, tendo também ela sido dispensada do seu ofício de porteira³²⁸.

No dia 1 de Janeiro de 1906, realizou-se – como habitualmente se realizava todos os anos – o sorteio dos santos protectores para cada uma das irmãs. A Isabel calhou S. José, exclamando ela, de imediato, que S. José viria buscá-la para levá-la ao Pai, uma vez que ele é o protector da boa morte. De notar que Isabel já vinha a pressentir que os seus dias, na terra, estavam para terminar, pelo que, quando lhe calhou S. José como protector para o ano de 1906, ela teve a certeza de que seria naquele ano que partiria para o Pai. Mas as irmãs, além de não acreditarem nisso, riram-se dessa afirmação³²⁹.

A meio da Quaresma de 1906, os sintomas da doença tornaram-se mais agressivos, provocando atrozes sofrimentos em Isabel³³⁰. De facto, além dela sentir constantemente como que animais ferozes a devorarem-lhe as vísceras, o seu estômago tornara-se incapaz de receber qualquer alimento ou bebida, por mínimo que fosse, passando ela pelo tormento da fome e da sede, transformando o seu corpo, de dia para dia, num esqueleto³³¹.

³²⁶ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 258; SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 12; ARDENS – *Mergulho*, p. 326.

³²⁷ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 322.326.

³²⁸ Cf. POINSENET – *Questa presenza*, p. 258; ARDENS – *Mergulho*, p. 322; SILVA – Informações, p. 988.

³²⁹ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 120; ARDENS – *Mergulho*, p. 322.

³³⁰ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 325.

³³¹ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 12-13.

Nos últimos dias de Março de 1906, Isabel foi transferida para a enfermaria do Carmelo, comentando ela, logo de seguida, que já sabia que S. José a viria buscar durante este ano e que ele estava já a chegar³³².

No Domingo de Ramos, dia 8 de Abril de 1906, o seu estado agravou-se quando lhe deu uma síncope cardíaca, tendo recebido o Sacramento da Extrema-Unção, bem como o Santo Viático. A morte de Isabel, que contava vinte e cinco anos, estava iminente³³³.

Contudo, uma súbita melhoria ocorreu no dia 14 de Abril, seguida de uma nova crise grave, no dia 13 de Maio³³⁴. Novamente, a morte de Isabel estava iminente. E apesar de ainda não ter sido desta vez que S. José a veio buscar para a levar ao Pai, nem por isso os sofrimentos foram menores. Na verdade, Isabel sofreu horripelantemente, não podendo «estar senão numa posição demasiado penosa [...] [e tendo] a impressão de um fogo que a consumia interiormente, causando-lhe uma sede ardente e inextinguível, porque a mais pequenina gota de água lhe provocava dores vivíssimas [...]. Mas, no meio de tudo isto, que paz, que bela serenidade»³³⁵.

A atitude de Isabel perante os piores sintomas foi a mesma que ela mostrara com os primeiros sintomas. Na verdade, são pouquíssimas as frases que Isabel deixa escapar sobre esse assunto, mesmo quando vive em atrozes tormentos, revelando-se uma verdadeira heroína³³⁶. Damos, como exemplo, dois casos ocorridos com Isabel, quando ela, estando contorcida de dores, soube sorrir e ser amável: O primeiro caso ocorreu quando a Madre Superiora, sabendo que Isabel se refugiava muitas vezes no coreto da enfermaria (de onde avistava o Sacrário), aí a procurou, mas, não a avistando devido à escuridão do mesmo, chamou-a pelo nome que tanto lhe era querido (“Laudem Gloríae”), ao que Isabel, dobrada sobre si mesma pelas dores, prontamente se tentou erguer do chão, respondendo com um sorriso (mesmo se entre lágrimas) que tinha ido ali porque, sofrendo muito, necessitava da

³³² Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 122; ARDENS – *Mergulho*, p. 327.

³³³ Cf. SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 11; ARDENS – *Mergulho*, p. 328; SILVA – *Informações*, p. 988.

³³⁴ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 329; SILVA – *Informações*, p. 988.

³³⁵ POINSENET – *Questa presenza*, p. 259-260. ARDENS – *Mergulho*, p. 322; SILVA – *Informações*, p. 988.

³³⁶ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 326.

força divina; o segundo caso ocorreu quando uma das irmãs, encontrando Isabel no patamar da enfermaria, pedindo-lhe uma informação, Isabel – com muita amabilidade, como se nada sofresse – prontamente lha deu, vindo a irmã a saber, posteriormente, que, precisamente naquele momento, Isabel ia ao coreto para encontrar forças para suportar um crise quase intolerável³³⁷.

Isto não significava que o sofrimento fosse fácil para Isabel. Com efeito, ele era tão duro e cruel, que ela chegou mesmo a sentir a tentação de se atirar da janela, conforme confidenciou ao seu médico. Contudo, ela jamais o faria (como viria a confessar), porque além de saber que os “Três”, que ela tanto amava, estavam ali, velando por ela e nunca a abandonando, também ela amava a vida, obrigando-se a consumir alimentos (nem que fosse só um copo de leite por dia, como veio a acontecer nos derradeiros meses da sua breve vida), mesmo sabendo do sofrimento atroz que isso lhe causaria, para que o seu corpo não perecesse³³⁸.

Além disso, se o sofrimento de Isabel fosse fácil de suportar, jamais ela rezaria (conforme rezava constantemente) a Jesus Crucificado para que Ele aumentasse a sua capacidade de aguentar o sofrimento³³⁹.

Mas não era só o amor d’Eles por ela que a fazia “não saltar pela janela”, mas também o amor dela por Eles e pela humanidade (sobretudo pela Igreja). Com efeito, além de Isabel abandonar-se completamente a Deus, «deixando-O livre para agir, sem Lhe impôr o saminho [caminho]»³⁴⁰, também ela oferecia a sua vida, sobretudo o seu sofrimento, «pelos irmãos que acreditam e por aqueles que não acreditam, por aqueles que amam e por aqueles que não conhecem a alegria da intimidade do amor dos “Três”»³⁴¹, seguindo novamente o exemplo de Jesus Cristo, que ofereceu a Sua vida em sacrifício pela salvação de toda a humanidade³⁴².

³³⁷ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 335-336.

³³⁸ Cf. DE MEESTER – *Isabel*, p. 120; ARDENS – *Mergulho*, p. 327.338.340-341.363.

³³⁹ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 13.

³⁴⁰ ARDENS – *Mergulho*, p. 355.

³⁴¹ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 14.

³⁴² Cf. MARCHETTI – *L’anima*, p. 119.

Porque Jesus ofereceu a Sua vida em sacrifício pela salvação de toda a humanidade, todo o homem que, voluntariamente e por amor, uniu o seu sofrimento ao de Jesus, concorre com Ele na salvação dos homens, pois esse sofrimento, unido ao de Jesus, adquire um novo valor, tornando-se eficaz na salvação dos homens. Sabendo disso, Isabel uniu o seu sofrimento ao de Jesus, pela salvação da humanidade e isso deixava-a feliz, muito feliz, não se preocupando, nem tendo medo pelo severo sofrimento que passava ou que ainda viesse a passar³⁴³. Daí o seu constante sorriso, daí a sua constante serenidade e paz, apesar da brutalidade do seu sofrimento...

Mas Isabel ainda vai mais longe. Não só aceita o sofrimento, como até o deseja. Não o faz por masoquismo, mas por esvaziamento completo de si mesma, para maior Glória de Deus e pelo bem da humanidade (sobretudo da Igreja), uma vez que o sofrimento – tal como ela afirma – a obriga a lutar contra a lentidão, que havia nela, em ultrapassar todas as formas de egoísmo³⁴⁴.

Assim sendo, Isabel tudo aproveitava para dar Glória a Deus e para oferecer pelo bem da humanidade (sobretudo da Igreja): «dores físicas e morais, possibilidade de silêncio e solidão, entrega aos outros com colóquios e cartas de modo a manter a fidelidade a Deus e a resposta imediata ao pedido de sacrifícios que há anos lhe era proposta»³⁴⁵.

E assim nasceram «os quatro pequenos Tratados espirituais redigidos por Isabel no fim da sua vida»³⁴⁶: Na primeira metade de Agosto de 1906, é composto *O Céu na Terra*; na segunda metade de Agosto, *Último Retiro*; em Setembro, *A Grandeza da nossa Vocação*; e nos últimos dias de Outubro (já bem perto do dia da sua morte), *Deixa-te Amar*³⁴⁷.

³⁴³ Cf. MARCHETTI – L'anima, p. 119-120.

³⁴⁴ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 318.

³⁴⁵ ARDENS – *Mergulho*, p. 315.

³⁴⁶ DE MEESTER, Conrad – Prólogo. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 26.

³⁴⁷ Cf. DE MEESTER, Conrad – Introdução a “O Céu na Fé” (ou “O Céu na Terra”). In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 92; DE MEESTER, Conrad – Introdução a “Último Retiro”. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 142; DE MEESTER, Conrad – Introdução a “A Grandeza da nossa Vocação”. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 130; DE MEESTER, Conrad – Introdução a “Deixa-te Amar”. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 184.

De notar que «Isabel nunca disse para consigo mesma: proponho-me a fazer um “tratado espiritual”»³⁴⁸. A avaliação póstuma destes escritos é que lhes valeu a denominação “Tratados Espirituais”³⁴⁹. Além disso, Isabel nunca chegou a atribuir nome a três dos quatro tratados³⁵⁰. Mas mesmo aquele que pode ser considerado excepção – o *Último Retiro* – se recebeu nome, foi de forma indirecta, quando Isabel, devolvendo-o à Priora, o envolveu num papel de embrulho com a seguinte inscrição: «O último retiro de Laudem Gloríae»³⁵¹.

O Céu na Terra foi escrito para Margarida, sua irmã, em forma de retiro de dez dias, com um fim preciso: levá-la, na sua condição de esposa e mãe (vivendo no mundo e não num mosteiro), a configurar-se com Jesus Cristo até se fundir perfeitamente n’Ele (através de encontros amorosos com a Santíssima Trindade, na sua alma, que é o Céu na Terra)³⁵². Estas páginas foram pensadas, por Isabel, «como uma “surpresa” para Guida [Margarida], [...] que [...] só irá tomar conhecimento desta iniciativa dois meses depois da morte da irmã»³⁵³.

O *Último Retiro* contém notas do (último) retiro espiritual que Isabel fez, traduzindo mais as realidades que Isabel viveu em cada um desses dezasseis dias, do que – como era *O Céu na Terra* – uma reflexão directa sobre a matéria (orações e passagens bíblicas) escolhida para cada dia³⁵⁴. Por outras palavras, o *Último Retiro* é escrito segundo os «pensamentos [...] que, naquele momento, delineia a sua vida interior [...] [, nomeadamente] o seu ofício de louvor de glória»³⁵⁵. E porque o *Último Retiro* foi redigido sobre penosas insónias e debaixo de pungentes dores, sentindo-se Isabel desfalecer, ele mostra uma clara pretensão de Isabel em identificar-se com o Crucificado, apoiando-se em Maria, Mãe do Crucificado, que, tendo

³⁴⁸ DE MEESTER – Introdução a “O Céu na Fé”, p. 95.

³⁴⁹ Cf. SILVA, Carlos H. do C. – A nossa versão. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 8.

³⁵⁰ Quem atribuirá, posteriormente, o nome *A Grandeza da nossa Vocação* e o nome *Deixa-te Amar* será Conrad De Meester; em relação a *O Céu na Terra*, a titulação é mais antiga, optando Conrad De Meester por alterá-la para *O Céu na Fé* (cf. SILVA – A nossa versão, p. 10; DE MEESTER – Introdução a “A Grandeza da nossa Vocação”, p. 131; DE MEESTER – Introdução a “Deixa-te Amar”, p. 185).

³⁵¹ DE MEESTER – Introdução a “Último Retiro”, p. 143.

³⁵² Cf. DE MEESTER – Introdução a “O Céu na Fé”, p. 92-93.

³⁵³ DE MEESTER – Introdução a “O Céu na Fé”, p. 92.

³⁵⁴ Cf. DE MEESTER – Introdução a “Último Retiro”, p. 142.145; SAINTE-MARIE – *Liminaire*, p. 11.

³⁵⁵ DE MEESTER – Introdução a “Último Retiro”, p. 145.

estado ao pé da Cruz de Jesus, também está junto da doente para a ensinar a sofrer como Jesus sofreu³⁵⁶.

A Grandeza da nossa Vocação foi composto – estando já Isabel numa fraqueza extrema³⁵⁷ – para «uma jovem de Dijon: Francisca de Sourdon, de dezanove anos. Uma longa amizade liga-a já a Isabel, como o testemunham as vinte e seis cartas que esta lhe dirigiu ao longo de mais de oito anos»³⁵⁸. E enquanto *O Céu na Terra* tem uma tonalidade mística, *A Grandeza da nossa Vocação* tem uma tonalidade ascética, porque Isabel, sabendo que Francisca ainda não possuía a maturidade e a riqueza interior que Margarida possuía, precisa ensinar àquela a, primeiramente, conquistar-se a si mesma (esquecendo-se de si), através da humildade, para só depois lhe poder falar da união mística com Deus³⁵⁹.

Deixa-te Amar foi redigido – com o estômago de Isabel quase inteiramente desfeito, não aceitando já nada a não ser um pouco de açúcar de cevada³⁶⁰ – para a Madre Superiora, mostrando Isabel o seu profundo reconhecimento por ela ter sido «um instrumento de Deus [...] [, um] “sacerdote” que recebeu os votos religiosos da “hóstia”, devolvendo toda a sua vida a Deus [...] [, ajudando-a também] na oblação dos seus sofrimentos e da morte já próxima (em conformidade com o Crucificado por amor, e pela Igreja)»³⁶¹. Numa altura em que se multiplicavam as cartas-testamento de Isabel, *Deixa-te Amar* é uma dessas cartas, com duas particularidades: A primeira, é o pedido que Isabel faz à sua Priora de que se deixe amar por Deus ou, por outras palavras, que se abra ao Amor providente e condescendente (misericordioso) de Deus; a segunda, é o supremo “A Deus” que finaliza a carta, como expressão de uma partida – que Isabel sabe que está para breve – em direcção a Deus, para um outro tipo de intimidade com Ele³⁶².

³⁵⁶ Cf. DE MEESTER – Introdução a “Último Retiro”, p. 145-148.

³⁵⁷ Cf. DE MEESTER – Introdução a “A Grandeza da nossa Vocação”, p. 132.

³⁵⁸ DE MEESTER – Introdução a “A Grandeza da nossa Vocação”, p. 130.

³⁵⁹ Cf. DE MEESTER – Introdução a “A Grandeza da nossa Vocação”, p. 130-131.

³⁶⁰ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 363.

³⁶¹ DE MEESTER – Introdução a “Deixa-te Amar”, p. 185.

³⁶² Cf. DE MEESTER – Introdução a “Deixa-te Amar”, p. 184-186.

Como dá para constatar, os quatro Tratados Espirituais, apesar das suas respectivas peculiaridades, têm algo em comum: Todos estão centrados em Deus, conduzindo quem os lê ao Mistério da Santíssima Trindade, nomeadamente à Sua habitação na alma humana³⁶³.

A 30 de Outubro de 1906, tendo já finalizado ou ainda estando a finalizar o Tratado *Deixa-te Amar*, Isabel ficou definitivamente na cama e, no dia seguinte, recebeu, pela segunda e última vez, o Sacramento da Extrema-Unção³⁶⁴.

Depois do dia 1 de Novembro de 1906, Isabel já não conseguiu engolir mais nada, nem sequer uma gota de água ou uma mínima partícula de hóstia, sem que isso lhe provocasse dores atrozíssimas. A sua boca, já em brasa há três semanas, continuava a secar, sofrendo muito Isabel com tamanha sede e que não podia aliviar. Devido ao estado em que se encontrava, a Comunhão do dia 1 de Novembro foi a sua última³⁶⁵.

A noite de 8 para 9 de Novembro foi muito penosa para Isabel, porque aos seus sofrimentos veio juntar-se a asfixia³⁶⁶. Contudo, na manhã do dia 9, as dores agudas acalmaram e Isabel, pronunciando que ía para a luz, para o amor e para a vida³⁶⁷, «dobrada sobre o lado direito, com a cabeça inclinada um pouco para trás, os olhos todos abertos e fixos num ponto, [...] [parecendo] mais em êxtase do que em agonia [...] [,] nos deixou»³⁶⁸.

No dia 25 de Novembro de 1984, Isabel da Trindade foi beatificada pelo Papa João Paulo II³⁶⁹, sendo proposta, para a humanidade, como «exemplo e mestra de intimidade com a Trindade presente na alma em graça»³⁷⁰.

³⁶³ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 9.

³⁶⁴ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 361-362; SILVA – Informações, p. 989.

³⁶⁵ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 363.

³⁶⁶ Cf. ARDENS – *Mergulho*, p. 371.

³⁶⁷ Cf. SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 14; SAINTE-MARIE – Liminaire, p. 12.

³⁶⁸ ARDENS – *Mergulho*, p. 371.

³⁶⁹ Cf. DE MEESTER – Prólogo, p. 23; POZZOBON – Isabel, p. 1108.

³⁷⁰ SAGRADA FAMÍLIA – Apresentação, p. 15.

1.3. Conclusão

Assim como todos os homens buscam a felicidade, assim também Isabel e Agostinho a buscaram. Mas a partir do momento em que ambos descobriram que a plena felicidade, que tanto procuravam, era Deus, não descansaram enquanto não O alcançaram. E, depois de O alcançarem, não descansaram enquanto não O transmitiram aos outros.

E esta busca incessante de Deus-Trindade, por parte de Agostinho e de Isabel, não foi só em termos teóricos (de conhecimento), por parte de Agostinho, nem só em termos práticos (vivenciais), por parte de Isabel, conforme se poderia julgar. Com efeito, ambos procuraram não só conhecer e compreender Deus-Trindade, como também experienciá-l'O, vivenciá-l'O, conviver com Ele, amando-O e deixando-se amar por Ele.

Mas enquanto Agostinho começou por O procurar em termos intelectuais (levando o seu intelecto até onde este conseguisse ir), Isabel começou por O procurar em termos vivenciais (convivendo com Ele, procurando amá-l'O e ser amada por Ele).

E após O encontrar em termos intelectuais, Agostinho começou a procurá-l'O em termos vivenciais, aderindo, primeiramente, a Ele com o seu coração, para, depois, aderir com toda a sua vida, vivendo segundo a Vontade de Deus e não segundo a sua.

Isabel, por seu lado, após O encontrar em termos vivenciais, começando a viver segundo a Vontade de Deus, vai procurá-l'O em termos intelectuais, começando a meditar e a reflectir sobre a experiência que estava a ter com Deus.

Daí que possamos dizer que Agostinho foi primeiramente teólogo e só depois místico, enquanto Isabel foi primeiramente mística e só depois teóloga.

Debruçando-nos sobre a lenda, apresentada na introdução, podemos afirmar que Agostinho é um exemplo vivo de que a cabeça (mente) do homem – apesar de pequena (limitada) em relação à imensidade de Deus-Trindade (ilimitada) – consegue conhecer e compreender algo em relação a Deus-Trindade e que «ficar calado à partida seria uma afronta

à condição racional do ser humano e até uma eventual manifestação de preguiça intelectual»³⁷¹. Contudo, por muito que o homem puxe pela mente, acabará por encontrar, em algum momento, uma barreira da qual não conseguirá transpôr (devido às suas limitações e à Realidade que está para lá da humana compreensão). Nesse momento, o homem tem mesmo de se calar, mas só «depois de muito trabalho e de ter extenuado a linguagem no dizer tudo o que pode e deve ser dito»³⁷².

Mas mesmo que a mente do homem se cale, porque não consegue avançar mais, o interior do homem, que vive em intimidade com Deus, não se cala, sendo Isabel um exemplo vivo disso. A linguagem já não é feita de palavras, mas de acções: acções de amor. Acções do próprio Deus dentro de cada homem que O deixa agir em si.

Mas afinal quem é Deus, que Isabel e Agostinho incessantemente buscaram?

³⁷¹ ROSA – Introdução, p. XIII.

³⁷² ROSA – Introdução, p. XIII.

2. Deus Uno

Antes de começarmos a investigar quem é Deus, debrucemo-nos, um pouco, na “fronteira” (se é que lhe podemos chamar assim) entre o “período” no qual este trabalho se insere – antes da criação – e o “período” que imediatamente se lhe segue – a criação. Com efeito, esta “fronteira” além de nos ajudar a entrar, com mais facilidade, no “período” onde nenhuma criatura alguma vez esteve, também nos ajudará a tirar conclusões acerca de quem não é Deus e também, já um pouco, de quem é Deus.

Foquemo-nos no mundo.

Por mundo entendemos o «conjunto do espaço, corpos inanimados e seres vivos, tudo quanto vemos: o Universo inteiro»¹. Daqui concluímos que os termos “mundo” e “universo” são sinónimos.

Vejamos o que se entende por universo, para ficarmos com uma ideia mais pormenorizada do que se entende por mundo.

Por universo entendemos o «conjunto de todos os corpos, celestes, galáxias, estrelas, planetas, cometas, partículas e radiações diversas, [...] [isto é], de toda a matéria e todas as radiações que se encontram disseminadas no espaço»², isto é, dispersas no espaço³.

Mas o que se entende por espaço? E, já agora, por tempo?

Por espaço podemos entender quer «a extensão vazia de 3-dimensões, que condiciona a posição dos corpos e seus movimentos»⁴ – ou, por outras palavras, o lugar⁵ ou região que algo ou alguém ocupa em altura, largura e comprimento – quer uma «extensão indefinida»⁶ como é o caso do universo ou mundo, que o homem ainda não conseguiu definir a sua extensão.

¹ MUNDO. In *GRANDE Dicionário da Língua Portuguesa*. Org. José Pedro Machado. Lisboa: Amigos do Livro, 1981, vol. 7, p. 457.

² BOTELHO, A. Perestrello – Universo. In *ENCICLOPÉDIA Verbo Luso-Brasileira de cultura: Edição século XXI*. Dir. João Bigotte Chorão. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2003, vol. 28, p. 1208.

³ Cf. DISSEMINADO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 7, p. 277.

⁴ ALVES, V. de Sousa – Espaço. In *ENCICLOPÉDIA Verbo Luso-Brasileira de cultura: Edição século XXI*. Dir. João Bigotte Chorão. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2001, vol. 19, p. 890.

⁵ Cf. ESPAÇO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 595.

⁶ ESPAÇO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 595.

Por tempo entendemos a «sucessão de dias, horas [...] [e] momentos»⁷. Por momentos – também denominados instantes⁸ – entendemos intervalos «pequeníssimo[s] mas indeterminado[s] em que o tempo é susceptível de se dividir»⁹.

Contudo, o tempo também pode ser entendido como a «duração limitada das coisas [...], em oposição ao conceito de eternidade»¹⁰. E enquanto as coisas duram – ou, por outras palavras, enquanto não chegam ao limite da sua duração – a sucessão de dias, horas e momentos cria, de forma sucessiva e ininterrupta um antes (passado), um agora (presente) e um depois (futuro).

Podemos concluir que «na definição de Universo está implícito o significado de Espaço e de Tempo e ainda de Matéria»¹¹, pelo que, por mundo ou por universo, entendemos tudo quanto existe fisicamente, estando incluídos não só a matéria e as radiações (energias), mas também o espaço e o tempo.

Costuma chamar-se, a este mundo, mundo físico ou material¹².

Também este mundo pode ser denominado mundo sensível, porque podemos conhecê-lo através de sensações, isto é, através dos nossos cinco sentidos – visão, audição, olfacto, tacto e paladar. Ao conhecimento que nos vem através das sensações é dado o nome de conhecimento sensível¹³.

Mas se aplicarmos o intelecto (a inteligência) ao mundo sensível, pensando e raciocinando acerca dele (isto é, pensando e raciocinando sobre aquilo que se viu ou que se está a ver, ouviu ou que se está a ouvir, cheirou ou que se está a cheirar, tocou ou que se está a tocar, saboreou ou que se está a saborear), obteremos um conhecimento mais profundo e mais

⁷ TEMPO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 545.

⁸ Cf. MOMENTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 7, p. 344.

⁹ MOMENTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 7, p. 344.

¹⁰ TEMPO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 545.

¹¹ LANCHAS, Fernando – Universo. In *ENCICLOPÉDIA Verbo*, vol. 28, p. 1211.

¹² Cf. FÍSICO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 5, p. 192.

¹³ Cf. SENSÍVEL. In FERRATER MORA, José – *Dicionário de Filosofia*. Edição abreviada preparada por Eduardo Garcia Belsunce e Ezequiel de Olaso sob a orientação do Autor. 5ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, p. 359-360.

certo acerca dele. A este tipo de conhecimento dá-se o nome de conhecimento inteligível, porque é obtido através da inteligência¹⁴.

Que o mundo sensível teve um início, ninguém duvida hoje. Até já foi estabelecida a sua idade (em anos), andando na ordem dos mil milhões¹⁵.

E o que podemos dizer em relação ao tempo e ao espaço?

Como a noção de mundo engloba a noção do tempo e a do espaço e como o mundo teve um início, então também o tempo e espaço tiveram início.

Mas se o mundo, o tempo e o espaço tiveram um início (não existindo antes desse início), o que havia antes deles?

Algo sensível, físico (isto é, corpóreo¹⁶ ou, por outra palavras, material¹⁷) não podia ser!

Mas algo incorpóreo (isto é, «que não é corpóreo»¹⁸) ou, por outras palavras, imaterial¹⁹ (não tendo, por isso, nada de material²⁰) já podia ser!

E não só podia, como existia mesmo algo imaterial (ou, por outras palavras, algo espiritual²¹), antes de existirem o mundo, o tempo e o espaço – os Seres Espirituais, como, por exemplo, aqueles que habitualmente se dá o nome de Anjos. Apesar de espirituais, os Anjos são criaturas, isto é, foram criados (originados, feitos ou formados²²) por algo ou alguém, tendo, portanto, uma origem (um início).

Como todas as criaturas espirituais tiveram um início (não existindo antes desse início), o que havia antes delas?

Existia um único Ser Espiritual e nada mais, nem nada menos do que Ele.

A este Ser Espiritual, devido à Sua natureza, é-Lhe dado o nome (que a mais ninguém se dá) de Deus.

¹⁴ Cf. INTELIGÍVEL. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 219-220.

¹⁵ Cf. ASIMOV, Isaac – *O universo da Ciência: O que é a Ciência? O universo. O sistema solar. A terra. A atmosfera*. Tradução de Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1987, vol. 1, p. 65.

¹⁶ Cf. FÍSICO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 5, p. 192.

¹⁷ Cf. CORPÓREO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 479.

¹⁸ INCORPÓREO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 127.

¹⁹ Cf. INCORPÓREO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 127.

²⁰ Cf. IMATERIAL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 81.

²¹ Cf. IMATERIAL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 81.

²² Cf. CRIAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 542.

Antes do mundo, do tempo, do espaço e de todas as criaturas espirituais existirem, só existia Deus.

Como é que sabemos isso?

Daremos a resposta ao longo deste trabalho.

Contudo, já podemos adiantar o método. Pode-se chegar lá através do conhecimento inteligível e também através de uma outra forma de conhecimento, que, na verdade, é mais profunda do que o conhecimento inteligível, elevando este a um nível superior.

Com efeito, o conhecimento inteligível chega à existência de Deus, mas já não consegue ir mais além disso, não conseguindo, por exemplo, responder a perguntas relativas à essência de Deus.

Mas que forma de conhecimento é essa?

É o olhar da alma (como chama Isabel) ou olhar da mente (como prefere chamar Agostinho) ou olhar da razão (como chamamos nós) iluminado pela fé²³.

Por outras palavras, é o conhecimento inteligível, mas iluminado pela fé, ao qual podemos denominar – tal como Isabel o faz – «olhar esclarecido»²⁴.

Esta ajuda que a fé dá à inteligência é fundamental para se conseguir conhecer e compreender alguma coisa sobre Deus! Assim afirma Agostinho quando refere que Deus só pode ser conhecido e compreendido pela mente (que é o mesmo que dizer “pelo intelecto” ou “pelo entendimento” ou “pela alma”²⁵) que estiver purificada, isto é, pela mente que estiver fortificada pela fé²⁶.

Sendo Deus Alguém incorpóreo (sem corpo físico), imaterial e, como tal, espiritual, então Deus é Alguém cuja substância ou essência²⁷ ou natureza²⁸ é espiritual.

Mas o que é a substância?

²³ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 1; ISABEL DA TRINDADE, Beata – Último Retiro, 4. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 153.

²⁴ ISABEL DA TRINDADE, Beata – O Céu na Terra, 26. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 117.

²⁵ Cf. MENTE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 7, p. 171.

²⁶ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 2, 4.

²⁷ É um dos sinónimos de substância (cf. SUBSTÂNCIA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 349).

²⁸ É um dos sinónimos de essência (cf. NATUREZA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 7, p. 533).

Entendemos por substância ou essência ou natureza aquilo que, em algo ou alguém, permanece, nunca se alterando²⁹.

Como consideramos sinónimos, juntamente com Agostinho³⁰, os termos “substância”, “essência” e “natureza”, estes dois últimos podem ajudar-nos a entender melhor o que entendemos por substância.

Entendemos por essência aquilo «em que algo [ou alguém] consiste»³¹ e, por natureza, «aquilo que uma coisa é»³².

Podemos concluir que a substância ou essência ou natureza é aquilo que algo ou alguém é. E aquilo que algo ou alguém é não muda, isto é, permanece.

Mas aquilo que algo ou alguém é (aquilo que é algo ou alguém) também pode ser denominado ser.

Com efeito, por ser entendemos quer a existência³³ (algo ou alguém é, isto é, algo ou alguém existe), quer a essência ou natureza ou substância³⁴ (algo ou alguém é aquilo e aquilo não muda, permanece).

Mas e aquilo que não permanece, isto é, que não é constante e que muda, podendo existir ou não existir? A isso se dá o nome de acidente³⁵.

O acidente é distinto do ser, é distinto da substância. Contudo, há uma relação entre substância e acidente: o acidente, para existir, precisa sempre de uma substância. Na verdade, a substância está «debaixo [...] [dos] acidentes, servindo-lhes de suporte, de modo que [...] [os] acidentes podem mudar, ao passo que a substância permanece [...] [e] uma mudança de [...] acidentes não equivale necessariamente a que a substância passe a ser outra»³⁶.

Um dos propósitos deste trabalho consiste em tentarmos mostrar quem é Deus.

²⁹ Cf. SUBSTÂNCIA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 378.

³⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 35.

³¹ ESSÊNCIA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 135.

³² NATUREZA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 278.

³³ Cf. SER. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 107; SER. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 364-365.

³⁴ Cf. SER. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 107; SER. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 365.

³⁵ Cf. ACIDENTE. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 19.

³⁶ SUBSTÂNCIA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 378.

Do que já referimos, podemos afirmar que saber quem é Deus (quem Deus é) é o mesmo que saber qual é a Sua essência ou a Sua natureza ou a Sua substância ou o Seu ser.

Contudo, conhecer a essência de Deus não é tarefa fácil!

Comecemos por aquilo que o «olhar esclarecido»³⁷ (como lhe chama Isabel) consegue conhecer da essência de Deus como sendo constitutivo dela: os atributos³⁸.

Entendemos, por atributo, «aquilo que se afirma ou nega»³⁹ em relação a algo ou alguém. Tendo em conta esta definição, é fácil perceber que há atributos que são acidentais (não permanentes, podendo ou não existir) e outros que são substanciais (permanentes). Como pretendemos conhecer a substância de Deus, só os atributos substanciais nos interessam.

Na verdade, quantos mais atributos substanciais conhecermos de alguém, mais e melhor conheceremos a sua essência. Assim faremos em relação a Deus!

O quadro, que se segue, apresenta atributos que Isabel e Agostinho aplicam a Deus, ao longo das obras que servem de base a este nosso trabalho. Foi nosso propósito apresentar o máximo de atributos possíveis, tendo a perfeita noção que alguns nos escaparam e que, por isso, não serão mencionados aqui. Contudo, acreditamos que a grande maioria é mencionada, bem como os atributos mais reveladores da essência de Deus e os que são mais enfatizados pelos respectivos autores.

Os atributos foram ordenados segundo a temática comum dos mesmos, apresentando todos eles, em nota de rodapé, as respectivas referências bibliográficas.

Queremos advertir que sempre que algum destes atributos aparecer, no resto do trabalho, como sendo aplicado por Isabel ou por Agostinho, ele não apresentará, em nota de rodapé, a respectiva referência bibliográfica. As razões que nos levam a proceder desta forma prendem-se com o facto delas já se encontrem referenciadas no quadro, evitando assim quer uma

³⁷ ISABEL DA TRINDADE – CT, 26.

³⁸ Cf. ATRIBUTO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 43. De notar que este Dicionário refere, em vez de “olhar esclarecido”, o “entendimento”. Mas como já foi referido, anteriormente, no texto principal deste trabalho, não nos limitamos ao que o “entendimento” descobre, mas abrimo-nos ao que o “entendimento iluminado pela fé” descobre, porque este alcança mais longe e de forma mais profunda e certa.

³⁹ ATRIBUTO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 42.

repetição desnecessária de notas, quer um aumento, em demasia, do número de notas de rodapé (que terá, como consequência, um aumento, em demasia, do número de páginas deste trabalho). Contudo, os atributos em questão aparecerão em itálico, de forma a serem facilmente identificados como pertencentes ao quadro.

Tudo quanto foi dito em relação a este quadro, aplica-se a todos os quadros que ainda irão aparecer, ao longo deste trabalho.

Atributos aplicados a Deus⁴⁰		
por Isabel e por Agostinho ⁴¹ :	só por Isabel ⁴² :	só por Agostinho ⁴³ :

⁴⁰ Sempre que o atributo aplicado surja de uma citação bíblica (literal ou confrontada), esta aparecerá por baixo do respectivo atributo. Na coluna da esquerda – ou, por outras palavras, na coluna dos atributos aplicados por Isabel e por Agostinho – as respectivas referências bíblicas (literais ou confrontadas) aparecerão sobre a forma de um par-ordenado (x ; y), em que “x” se refere a Isabel e “y”, a Agostinho. Gostaríamos de salientar que quando aparecer o par-ordenado (– ; y) isso significa que o atributo aplicado por Isabel não provém da *Sagrada Escritura* e quando aparecer o par-ordenado (x ; –) isso significa que o atributo aplicado por Agostinho não provém da *Sagrada Escritura*. Esta metodologia também será utilizada nos restantes quadros do trabalho.

⁴¹ **1)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 22; AGOSTINHO – *Trin*, I, 1, 2. **2)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 4; AGOSTINHO – *Trin*, I, 1, 1. **3)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 43; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 18, 24. **4)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 28; AGOSTINHO – *Trin*, III, 2, 8. **5)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 20; AGOSTINHO – *Trin*, III, 1, 6. **6)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 11; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1. **7)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 6; AGOSTINHO – *Trin*, II, 17, 28. **8)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 28; AGOSTINHO – *Trin*, I, 13, 31. **9)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 10; AGOSTINHO – *Trin*, II, 15, 25. **10)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 29; AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 1. **11)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 27; AGOSTINHO – *Trin*, III, 1, 3. **12)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 24; AGOSTINHO – *Trin*, I, 2, 4. **13)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 27; AGOSTINHO – III, 8, 13.

⁴² **1)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 43. **2)** JOÃO DE RUYSBROECK, Beato – *Rusbrock l’Admirable: Oeuvres choisies*. Paris: Perrin, 1902, p. 66. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 23. **3)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 44. **4)** JOÃO DA CRUZ, Santo – La vive Flamme d’Amour. In JOÃO DA CRUZ, Santo – *Vie et oeuvres spirituelles*. 3ª ed. Paris: Oudin, 1892, vol. 4, p. 490. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 13. **5)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 13. **6)** ISABEL DA TRINDADE, Beata – Deixa-te Amar, 1. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 187. **7)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 20. **8)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 40. **9)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 40. **10)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 26. **11)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 22. **12)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 22. **13)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 28. **14)** Cf. JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 97. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 36. **15)** JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 98. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 36. **16)** Cf. JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 169. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 35. **17)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 35. **18)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 4. **19)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 7. **20)** Cf. JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 97. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 36. **21)** JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 97. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 36. **22)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 44. **23)** JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 147. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 14. **24)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 26. **25)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 29. **26)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 40. **27)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 35. **28)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 9. **29)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 43. **30)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 26.

⁴³ **1)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 15, 25. **2)** AGOSTINHO – *Trin*, III, 8, 15. **3)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1. **4)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1. **5)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1. **6)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 17, 23. **7)** AGOSTINHO – *Trin*, III, 4, 9. **8)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 17, 28. **9)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 10. **10)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 35. **11)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 35. **12)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 10, 19.

<p>1) Aquele que é (cf. Ex 3,14; Ex 3,14);</p> <p>2) «Deus»;</p> <p>3) «Eterno»;</p> <p>4) «Imutável»;</p> <p>5) «Onipotente» (Ap 4,8; –);</p> <p>6) «Caridade»;</p> <p>7) «Amor» (1Jo 4,16; –);</p> <p>8) «Bem»;</p> <p>9) «Invisível»; (Heb 11,27; –);</p> <p>10) «Inacessível»; (–; 1Tim 6,16);</p> <p>11) «O Senhor»;</p> <p>12) «Nosso Deus»;</p> <p>13) «O Criador».</p>	<p>1) «Amor todo- -poderoso»;</p> <p>2) «Amor imenso»;</p> <p>3) «Infinito Amor»;</p> <p>4) «Fogo de amor»;</p> <p>5) «Fogo que consome» (Heb 12,29; Dt 4,24);</p> <p>6) «Santo Deus»;</p> <p>7) «Santo, santo, santo» (Ap 4,8);</p> <p>8) «Deus três vezes santo»;</p> <p>9) «O Ser simples»;</p> <p>10) «O Ser divino»;</p> <p>11) «O único vivente»;</p> <p>12) «O princípio de todos os outros seres»;</p> <p>13) «O Bem substancial».</p> <p>14) Fiel;</p> <p>15) «Amigo»;</p> <p>16) Clemente;</p> <p>17) «Rico em misericórdia»</p>	<p>1) «[Com] perfeições <i>invisíveis [...], [...]</i> <i>poder e divindade</i> <i>sempiternos»</i> (Rom 1,20);</p> <p>2) «Sabedoria suprema»;</p> <p>3) «Verdade»;</p> <p>4) «Vontade»;</p> <p>5) «Caridade»;</p> <p>6) «[De] natureza espiritual»;</p> <p>7) «Fogo espiritual do amor»;</p> <p>8) «Amor [...] que [...] [abrasa] intensamente»;</p> <p>9) Imortal (cf. 1Tim 6,16);</p> <p>10) «Um único Deus»;</p> <p>11) «Um só Deus»;</p> <p>12) «Deus uno»;</p> <p>13) «Um só único Deus»;</p> <p>14) «Único Deus</p>
--	--	--

13) AGOSTINHO – *Trin*, II, 8, 14. 14) AGOSTINHO – *Trin*, IV, 14, 19. 15) AGOSTINHO – *Trin*, IV, 7, 11. 16) AGOSTINHO – *Trin*, III, 1, 1. 17) AGOSTINHO – *Trin*, I, 13, 31. 18) AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1. 19) AGOSTINHO – *Trin*, III, 2, 8. 20) AGOSTINHO – *Trin*, III, 8, 15. 21) AGOSTINHO – *Trin*, II, 15, 25. 22) AGOSTINHO – *Trin*, I, 1, 3. 23) AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 1. 24) AGOSTINHO – *Trin*, I, 2, 4. 25) AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 10. 26) AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 10. 27) AGOSTINHO – *Trin*, II, 4, 9. 28) AGOSTINHO – *Trin*, IV, 17, 23. 29) AGOSTINHO – *Trin*, III, 9, 18.

	(Ef 2,4);	verdadeiro ⁴⁴ »;
	18) «Abismo da misericórdia, da imensidade, do tudo»;	15) «Deus uno, supremo e verdadeiro ⁴⁵ »;
	19) «Abismo insondável»;	16) «Deus único, supremo e supremamente bom»;
	20) «Imenso»;	17) «Bom»;
	21) «Altíssimo Senhor»;	18) «Deus bem-
	22) «Lugar espaçoso» (Sl 18(17),20);	-aventurado»;
	23) «A Tranquilidade profunda»;	19) «Supremo e imutável bem»;
	24) «O [...] grande solitário»;	20) «Vida inteligível e imutável»;
	25) «Inacessível (luz)»;	21) «Deus invisível e inteligível»;
	26) «Sol de justiça»;	22) «O inefável»;
	27) «Justo» (Rom 3,26);	23) «Luz <i>inacessível</i> » (1Tim 6,16);
	28) «Rei dos séculos imortal» (1Tim 1,17);	24) «Luz [...] sublime»;
	29) «Majestade infinita»;	25) « <i>Rei dos reis</i> » (1Tim 6,15);
	30) «O Rei».	26) « <i>Senhor dos senhores</i> » (1Tim 6,15);

⁴⁴ Consideramos que, aqui, o termo “verdadeiro” é aplicado com o sentido de «o próprio, o legítimo, o autêntico» (VERDADEIRO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 474).

⁴⁵ Consideramos que, aqui, o termo “verdadeiro” é aplicado com o sentido de que «é conforme à verdade» (VERDADEIRO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 474).

		<p>27) «Supremo imperador [...] [desta] espécie de amplíssima e imensa república de todo o universo criado».</p> <p>28) «Criador e Ordenador do universo»;</p> <p>29) «O único Criador».</p>
--	--	---

Muitos destes atributos são aplicados a Deus, por Isabel e por Agostinho, sem haver algum tipo de explicação por essa atribuição. Vamos procurar nós dar-lhe uma breve explicação, ligando-os uns aos outros, sempre que isso seja pertinente e possível, de forma a conhecermos e compreendermos alguma coisa da essência de Deus.

Uma vez que Deus é Alguém cuja substância é incorpórea, imaterial e, como tal, espiritual, não é de estranhar que Isabel e Agostinho afirmem que Deus é *Invisível*, isto é, «que se não vê; [que] não [é] visível, que escapa à vista pela sua natureza»⁴⁶.

Será por essa razão que Isabel e Agostinho afirmam que Deus é *Inacessível*, isto é, «que não é acessível»⁴⁷ a nós, humanos? Será que não conseguimos chegar a Deus (no sentido de que não conseguimos conhecê-l'O e compreendê-l'O), só porque Deus não é visível?

Em primeiro lugar, há que notar que Agostinho refere que Deus é *Inteligível*, aplicando este termo no sentido de que Deus não é sensível⁴⁸, isto é, não é material e, como tal, é *Espiritual*. Mas sendo Deus Inteligível, isso também significa que Ele é «compreensível»⁴⁹, isto é, que Ele «pode ser compreendido»⁵⁰ através do intelecto⁵¹. E não só compreendido, mas

⁴⁶ INVISÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 219.

⁴⁷ INACESSÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 107.

⁴⁸ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, III, 8, 15.

⁴⁹ INTELIGÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 191.

⁵⁰ COMPREENSÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 341.

também conhecido. Já referimos, anteriormente, que a inteligência iluminada pela fé é a melhor via para se chegar ao conhecimento de Deus e como tal, a partir desse método, conseguimos chegar a Deus, no sentido de O conhecer e O compreender.

Em segundo e último lugar, a invisibilidade não impede que alguém conheça e compreenda algo ou alguém. Basta pensar, por exemplo, no vento, que pertencendo ao mundo sensível, é invisível. Contudo, nós conhecêmo-lo através das suas manifestações (exteriorizações). Por exemplo, nós sentimo-lo quando ele passa por nós e sabemos que ele está a passar pelas árvores, quando elas se mexem. Às vezes até chegamos a ouvir o seu zumbido. De maneira análoga⁵², nós conhecemos Deus, através das Suas manifestações (exteriorizações) e das Suas revelações⁵³. E, partindo destas, o «olhar esclarecido»⁵⁴ (tal como Isabel denomina a razão iluminada pela fé) fará o resto.

De facto, Deus não permaneceu (nem permanece!) escondido do homem. Muito pelo contrário! Ele Se manifestou e Se revelou à criação, com a criação, e na criação, possibilitando ao homem, através da razão iluminada pela fé, conhecê-l'O e compreendê-l'O mais e mais e mais...

Numa das Suas revelações, através da criação – manifestando-se através do fogo (cf. Ex 3,2) e utilizando Moisés (séc. XIII a.C.)⁵⁵ como testemunha e mensageiro para toda a

⁵¹ Cf. INTELIGÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 191; INTELIGÍVEL. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 219-220.

⁵² A analogia permite que possamos falar sobre a Realidade Divina (e, como tal, conhecê-La), partindo do conhecimento que se tem das criaturas. Com efeito, a analogia é um modo de empregar as palavras, de tal forma que elas possam traduzir efectivamente, apesar de mesmo assim ficar muito distante, a Realidade Divina. Quando, no texto, afirmamos “de maneira análoga”, queremos dizer o mesmo que “de maneira semelhante, mas não idêntica”, uma vez que a analogia, ao relacionar realidades diferentes, não significa identidade, mas sim semelhança (cf. MUÑIZ RODRÍGUEZ, Vicente – Analogia. In *DICCIONARIO Teológico El Dios Cristiano*. Dir. Xabier Pikaza; Nereo Silanes. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1992, p. 44; BREUNING, Wilhelm – Analogia. In *DICCIONARIO de Teología Dogmática*. Dir. Wolfgang Beinert. Barcelona: Herder, 1990, p. 51; LAFONT, G. – Analogia. In *DICCIONARIO de Teología Fundamental*. Dir. René Latourelle; Rino Fisichella. 2ª edição. Madrid: San Pablo, 2000, p. 71).

⁵³ Revelação é uma «declaração ou divulgação de coisa que estava em segredo ou era ignorada» (*GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 350). Sendo Deus Invisível e, como tal, não visível ao olho humano, Deus, ao revelar-se aos homens, está a declarar-se, a mostrar-se e a divulgar-se aos homens, deixando-se conhecer por eles e deixando conhecer o que Ele quer que eles conheçam (e que estava em segredo ou era ignorada por eles).

⁵⁴ ISABEL DA TRINDADE – CT, 26.

⁵⁵ O Antigo Testamento considera Moisés como o maior dos profetas (cf. Dt 34,10), com quem “o Senhor tratava cara-a-cara” (cf. Dt 34,10), sendo, em glória, semelhante aos santos (cf. Sir 45,2). Mas não só Moisés é considerado profeta, como também legislador, visto que «a lei foi dada por meio de Moisés» (Jo

humanidade⁵⁶ – Deus deu-Se a conhecer, dizendo quem é, quando disse o Seu nome⁵⁷: «*Eu sou aquele que sou. E por isso dirás aos filhos de Israel: aquele que é enviou-me a vós*» (Ex 3,14)⁵⁸, conforme cita Agostinho.

Note-se como Deus utilizou o mundo sensível (o mundo das sensações) para se manifestar: usou o fogo (Moisés pôde ver) e usou a voz (Moisés pôde ouvir). Ele, que não pode ser conhecido através dos sentidos (não O podemos ver, nem ouvir, nem cheirar, nem tocar, nem saborear), utiliza o mundo sensível para Se dar a conhecer (através de algo que possa ser visto, de algo que possa ser ouvido, de algo que possa cheirado, de algo que possa ser tocado ou de algo que possa ser saboreado).

Todas estas utilizações do mundo sensível, por parte de Deus Inteligível, aconteceram, como afirma Agostinho, «para mostrarem Deus não exactamente como ele é, mas simbolicamente, tal como era necessário em função das circunstâncias e dos tempos»⁵⁹. Por outras palavras, e utilizando o caso descrito anteriormente, Deus não é aquele fogo que Moisés vê, nem é aquela voz que ele ouve. O fogo e a voz são apenas símbolos⁶⁰, que Deus usa para se dar a conhecer, não constituindo a Sua substância.

Mas debrucemo-nos, agora, na mensagem que a voz transmitiu a Moisés, à qual podemos aplicar a inteligência, raciocinando acerca disso (conhecimento inteligível iluminado pela fé).

1,17). A partir dos textos bíblicos, pouco se consegue saber da pessoa histórica de Moisés, uma vez que ele, tal como Abraão, é espelho e reflexo da fé, da espiritualidade e da santidade de um povo, apesar das suas debilidades e desalentos. Moisés, apesar de ser hebreu, tem um nome egípcio, devido ao seu resgate no Nilo, graças à filha do Faraó. E porque cresceu na corte do Faraó, recebeu uma educação de príncipe, sendo, deste modo, preparado por Deus, para ser o libertador de seus irmãos hebreus, que eram oprimidos e escravizados pelo Faraó (cf. FANULI, A. – Moisés. In *DICCIONARIO de los Santos*, vol. 2, p. 1732-1733).

⁵⁶ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, II, 6, 11.

⁵⁷ Cf. CONHECER. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 383.

⁵⁸ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 17.

⁵⁹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 17, 32.

⁶⁰ Para se perceber o que é um símbolo é necessário perceber, primeiro, o que é um sinal, porque um símbolo é um sinal (apesar de nem todo o sinal ser símbolo). Um sinal é um meio de comunicação entre quem o emite e quem o recebe, de tal forma que a realidade sensível utilizada, para essa comunicação, aponta para lá dessa mesma realidade sensível. Por outras palavras, o valor do sinal não está nele mesmo, mas naquilo para que ele aponta, isto é, para o seu sentido e seu significado mais profundo. Um símbolo também tem estas características que acabamos de referir para um sinal, mas enquanto um sinal aponta para lá de si mesmo, um símbolo, além de apontar para lá de si mesmo, traz, até si, aquilo para onde está a apontar, mas sem o esgotar (cf. FISICHELLA, R. – Signo. In *DICCIONARIO de Teología Fundamental*, p. 1341-1345; FISICHELLA, R. – Símbolo. In *DICCIONARIO de Teología Fundamental*, p. 1345-1348).

Isabel comenta que «Ele mesmo revelou o seu nome, esse nome que Lhe é próprio, que só Ele pode ter»⁶¹: *Aquele que É* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho).

E pelo facto de Deus ser Aquele que É, daqui decorrem todos os Seus atributos, conforme veremos seguidamente.

2.1. Porque Deus é Aquele que É...

Referimos, anteriormente, que entendemos por ser quer a existência (algo ou alguém é, isto é, existe), quer a essência ou natureza ou substância (algo ou alguém é aquilo e aquilo não muda, permanecendo sempre). Convém ter isto presente, por causa das considerações que vamos ter já a seguir.

Sendo Deus Aquele que É, então:

- 1) Deus É, isto é, Deus existe, Deus vive, Deus tem existência.
- 2) Deus É Aquilo (que É) e nunca deixou de ser Aquilo (que É), nem vai deixar de ser Aquilo (que É), porque Ele É. Por outras palavras, Deus não muda, nunca mudou, nem vai mudar, permanecendo sempre igual⁶², permanecendo, como diz Agostinho, «imutavelmente [...] em si mesmo»⁶³. Assim sendo, Deus é *Imutável* (isto é, não muda⁶⁴), como referem Isabel e Agostinho. Mas se Deus não muda e a substância é aquilo que não muda, então Deus é Substância (Deus é Essência). E se Deus é Substância, então:

- i. Deus não possui, em Si mesmo, qualquer acidente. Daqui se conclui que todos os atributos de Deus são substanciais (permanentes), não possuindo Ele qualquer atributo accidental. Daí que Agostinho afirme que Deus não tem

⁶¹ ISABEL DA TRINDADE – UR, 22.

⁶² Cf. CAETANI – *Deus*, p. 233.

⁶³ AGOSTINHO – *Trin*, II, 6, 11.

⁶⁴ Cf. IMUTÁVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 107.

cor (não é branco, nem vermelho, nem outra cor), nem ora se esquece, ora se recorda (ou coisas do género)⁶⁵. Mas se Deus não se esquece, então Deus tem memória. Também Deus não tem corpo (é Incorpóreo), nem matéria (é Imaterial), uma vez que o corpo e a matéria são acidentes (pois ambos mudam). Daqui se conclui que Deus é *Espiritual* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). E, sendo Deus Espiritual, Ele não ocupa espaço, isto é, não ocupa lugar, não podendo ser enquadrado pelas três dimensões espaciais (altura, largura e comprimento).

ii. Tudo em Deus é substância, nomeadamente os Seus atributos. Daqui resulta que Deus é atributo de Si próprio (Deus é substância de Deus), isto é, a Divindade é atributo de Deus. Daqui decorre que a substância (ou ser) de Deus é Divina e, como tal, Deus é *Ser Divino* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). É por esta razão que Ele se chama *Deus* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho).

3) Deus É, isto é, nunca foi (não tem, nem teve passado), nem será (não tem, nem teve futuro), porque Ele permanentemente É (presente)⁶⁶. Como afirma Isabel, Deus permanece num «eterno presente»⁶⁷. Mas o que é um eterno presente? Segundo Isabel, citando João de Ruysbroeck (1293-1381)⁶⁸, um eterno presente é um «agora eterno»⁶⁹, «sem antes nem depois»⁷⁰, isto é, sem passado (antes), nem futuro (depois). Podemos nós concluir que Deus, ao permanecer num eterno presente (isto é, na eternidade), não

⁶⁵ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 1, 1.

⁶⁶ Cf. CAETANI – *Deus*, p. 235.

⁶⁷ ISABEL DA TRINDADE – UR, 25.

⁶⁸ Jan (João) Van Ruysbroeck nasceu em 1293, na vila de Ruysbroeck (na actual Bélgica). Pouco se sabe da sua família, a não ser o facto dele ter vivido com um tio (Juan Hinckhaert), que era sacerdote e capelão de Santa Gúdula (Bruxelas). Em 1317, João foi ordenado sacerdote, tornando-se capelão da Santa Gúdula, durante vinte e cinco anos. Em 1343, João, juntamente com seu tio e mais alguns amigos, abandonaram Bruxelas e ocuparam o eremitério de Groendendaal (Valverde), no bosque de Soignes. Em 1350, decidiram viver segundo a Regra de Santo Agostinho, tornando-se Cónegos Regulares de Santo Agostinho, sendo João o Prior (cargo que ocupou até ao fim da sua vida). A comunidade converteu-se num importante centro de espiritualidade. Em 2 de Dezembro de 1381, faleceu João, com oitenta e oito anos, tendo sido declarado beato em 1908 (cf. VANNINI, M. – Juan de Ruysbroeck. In *DICCIONARIO de los Santos*, vol. 2, p. 1343-1346).

⁶⁹ JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 67. Apud ISABEL DA TRINDADE – UR, 25.

⁷⁰ JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 67. Apud ISABEL DA TRINDADE – UR, 25.

é «algo num momento e algo diferente noutra momento [, havendo aqui a passagem de um antes para um depois], mas [...] é tudo [o que É] ao mesmo tempo»⁷¹ e isto numa duração infinita⁷², sem princípio nem fim⁷³. Assim sendo, um eterno presente (ou eternidade) não é no sentido de um tempo infinito (isto é, de um tempo com um antes, agora e depois em sucessão interminável), mas no sentido de que nem sequer há tempo, porque não há momentos, nem instantes, nem duração, nem início, nem fim, sendo tudo, por assim dizer, ao mesmo tempo e interminável⁷⁴. Por outras palavras, na eternidade, está tudo presente⁷⁵. E como Deus permanece num eterno presente (pois Ele permanentemente É), então Deus é *Eterno*⁷⁶ (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho), não podendo, por isso, «ser medido pelo tempo, pois transcende o tempo»⁷⁷.

4) Deus É, isto é, Deus permanentemente É. Assim sendo, Deus, ao ser sempre o que É, nunca deixou de ser o que É, nem nunca deixará de ser o que É. Como Deus é Substância e a Substância é Ser, então Deus é Ser. Como o termo “Ser” também tem o sentido de Existência, então podemos concluir o seguinte:

- i. Deus, ao permanentemente Ser, por um lado, nunca deixou de Ser, isto é, nunca deixou de existir e, por outro lado, nunca deixará de Ser, isto é, nunca deixará de existir. Assim sendo, Deus não teve origem, existindo desde sempre, nem Deus terá fim, existindo para sempre. Daqui decorre que Deus é *Infinito* (atributo aplicado a Deus, por Isabel), isto é, que Deus «não tem «começo»⁷⁸, nem «fim, limite ou termo»⁷⁹. Assim sendo:

⁷¹ ETERNIDADE. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 140.

⁷² Cf. ETERNIDADE. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 139.

⁷³ Cf. INFINITO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 212; ETERNIDADE. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 139.

⁷⁴ Cf. BOULENGER, A. – *Manual de apologética*. Resumido e adaptado da 7ª edição francesa por G. P.. 2ª edição. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1950, p.79-80; CAETANI – *Deus*, p. 234-235.

⁷⁵ Cf. ETERNIDADE. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 139-141.

⁷⁶ Cf. ETERNIDADE. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 139-140.

⁷⁷ ETERNIDADE. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 139.

⁷⁸ INFINITO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 158.

⁷⁹ INFINITO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 212.

- Como Deus não teve origem, então Deus não foi criado (e, como tal, não é criatura), nem foi gerado por algo ou por alguém ou até por Si mesmo (porque, como diz Agostinho, «não há absolutamente coisa nenhuma que se possa gerar a si própria para existir»⁸⁰, isto é, ninguém, nem coisa alguma, consegue criar-se do nada, por geração espontânea). E se Deus não era (nem é) criatura, nem teve origem, então Deus já existia antes de existirem o mundo, o tempo, o espaço e todas as criaturas espirituais (porque todos estes tiveram origem). Por outras palavras, Deus já existia antes de existir o mundo sensível, pelo que Deus não é sensível, mas sim *Inteligível* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). E Deus, ao ser Inteligível, «é do domínio da inteligência»⁸¹, não só no sentido de que Deus pode ser conhecido através do intelecto e, muito mais e melhor, através do intelecto iluminado pela fé, mas também no sentido de que Deus tem Inteligência e, como tal, também tem Vontade, isto é, «desejo; intenção; [...] deliberação; determinação»⁸² em fazer ou não fazer algo. Com efeito, cada decisão que se toma decorre da vontade, a partir de um motivo ou de uma razão. Como os motivos e as razões decorrem da inteligência⁸³, então Deus, ao ter Inteligência, também tem Vontade.

⁸⁰ AGOSTINHO – *Trin*, I, 1, 1.

⁸¹ INTELIGÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 191.

⁸² VONTADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 588.

⁸³ Cf. FOULQUIÉ, Paul – *A vontade*. Tradução de Artur Pistacchini Galvão. 2ª edição. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1976, p. 5. Saber; 22.

- Como Deus não terá fim, existindo para sempre, então Deus é *Imortal* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), isto é, «não morre, [...] não é mortal»⁸⁴.
- ii. Deus não só existe, vive e tem existência (eterna e infinita, como vimos anteriormente), como Ele é a própria Existência, a própria *Vida* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). Com efeito, se Deus é Substância, então Deus é Ser. E se Ser também é Existência, então Deus é Existência, isto é, é Vida. Afirma Agostinho que Deus É, «precisamente porque é vida»⁸⁵, isto é, pelo facto de Deus ser Vida, então Deus É. Mas sendo Deus Vida e sendo Deus Inteligível e Imutável, então também Deus é *Vida Inteligível e Imutável* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho).

2.2. Porque Deus é Eterno e Infinito...

Pelo facto de Deus ser Aquele que É, provou-se que Deus é Eterno e Infinito.

Mas se Deus é Eterno e Infinito, então:

- 1) Deus não só possui eternos e infinitos atributos, como também todos os Seus atributos são infinitos e eternos (daí que Isabel e Agostinho associem o termo “infinito” ou o termo “eterno” a alguns dos atributos que aplicam a Deus – conforme se pode constatar ao observar o quadro anteriormente exposto). Vejamos as razões que nos levam a afirmar isso:
 - i. Se Deus é Substância e se Deus é Eterno e Infinito, então a Substância de Deus (que é o próprio Deus) é Eterna e Infinita. E se tudo em Deus é Substância e se a Substância é Eterna e Infinita, então tudo em Deus

⁸⁴ IMORTAL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 86.

⁸⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

(incluindo os Seus atributos) é Eterno e Infinito. Daqui se conclui que todos os atributos de Deus são eternos (fora do tempo) e infinitos (sem começo, nem fim). E não só Deus possui atributos eternos, como Ele possui eternos atributos, porque ambas as expressões são idênticas. Contudo, o mesmo não acontece com as expressões infinitos atributos e atributos infinitos.

ii. Se Deus é Infinito e se tudo em Deus é infinito, então Deus é «Ilimitado»⁸⁶ em qualquer aspecto que O consideremos (desde que este aspecto esteja inserido no que Deus É). Daí que Deus não possa ter um número finito de atributos, porque isso seria pôr um limite à sua Infinitude, o que seria uma contradição. Portanto, Deus possui infinitos atributos. Daqui se conclui que jamais alguém conseguiu ou conseguirá enumerá-los e descrevê-los a todos! Nós, tendo por base os atributos aplicados a Deus, por Isabel e por Agostinho, salientamos os que podemos e que consideramos mais significativos, porque jamais conseguiríamos apresentá-los a todos.

2) Deus é Vida Eterna e Infinita. Com efeito, se Deus é Vida e se Deus é Eterno e Infinito, então Deus é Vida Eterna e Infinita ou, por outras palavras, Deus é Vida Eterna e Ilimitada (isto é, sem limites).

3) Deus é *Imenso*⁸⁷ (atributo aplicado a Deus, por Isabel), porque os termos “Imenso” e “Infinito” são sinónimos⁸⁸. Mas o que significa Deus ser Imenso? Comumente, por Imenso, entende-se algo ou alguém que «tem grande extensão»⁸⁹, [sendo] colossal, [...] enorme [...] [e] gigantesco»⁹⁰ a tal ponto que é «imensurável no ponto de vista da extensão»⁹¹, isto é, a tal ponto que não pode ser medido. Temos, como exemplo de Imenso, o universo ou mundo (pois é uma extensão indefinida). Contudo, Deus, ao ser

⁸⁶ INFINITO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 158.

⁸⁷ Cf. INFINITO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 158.

⁸⁸ Cf. INFINITO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 158.

⁸⁹ IMENSO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 83.

⁹⁰ IMENSO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 83.

⁹¹ IMENSO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 83.

Espiritual, não é extenso. Com efeito, como Deus não tem corpo, também não tem extensão, pelo que Deus nem ocupa espaço (não ocupa lugar, de tal forma que possa ser enquadrado nas três dimensões espaciais), nem é extenso indefinidamente. Assim sendo, por falta de extensão, Deus não pode ser medido. Mas não é só por falta de extensão que Deus não pode ser medido. Na verdade, Deus é tão Colossal, Grande, Enorme e Gigantesco que não pode mesmo ser medido. Contudo, a Grandiosidade de Deus não é em termos corporais, nem em termos de extensão (como é o caso do universo ou mundo), mas em termos da Sua Substância⁹², nomeadamente da Sua Infinitude. Com efeito, sendo Deus (e tudo em Deus, incluindo os Seus atributos) Infinito e, como tal, Ilimitado, então Deus (e tudo em Deus, incluindo os Seus atributos) não tem fim, impossibilitando a medição em qualquer aspecto que O consideremos (desde que este esteja dentro do que Deus É). E uma vez que Deus é tão Grande ao ponto de não poder ser medido, então Deus é Imenso. Mas Deus não é só Imenso em Si mesmo, mas também é Imenso se O compararmos connosco, humanos (finitos, limitados, etc.). Na verdade, após a criação, quando comparado connosco, Deus é, sem dúvida alguma, Colossal, Grande, Enorme e Gigantesco, isto é, Deus é Imenso.

- 4) Deus é *Inacessível* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho) e *Inefável* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). Mas é Inacessível e Inefável não para Si mesmo, nem em Si mesmo, mas para nós, humanos, que, neste “período” (se é que lhe podemos chamar assim), antes de toda e qualquer criação (antes de existir o mundo, o espaço e o tempo – criaturas corporais – bem como antes de existirem todas as criaturas espirituais), no qual se debruça este trabalho, ainda não existimos. Tendo em conta que havemos de existir (e que já existimos na actualidade), não podemos deixar de referir estes dois atributos de Deus.

⁹² Cf. BOULENGER – *Manual*, p. 80; CAETANI – *Deus*, p. 236-237.

- i. Mas porque razão Deus é Inacessível? É na relação entre o Divino e o humano, que se descobre a Inacessibilidade de Deus. Com efeito, devido ao facto d’Ele ser Infinito e Ilimitado e nós, humanos, finitos e limitados, naturalmente Ele se torna Inacessível a nós. Na verdade, a nossa inteligência, mesmo se iluminada pela fé, continua a ser finita e limitada, pelo que é incapaz de conhecer e compreender a totalidade d’Aquilo que é Infinito e Ilimitado. Daí que Deus seja Inacessível, no sentido de que nós, humanos, não O conseguimos abarcar, em termos de compreensão e mesmo de conhecimento, na Sua totalidade.
- ii. Mas porque razão Deus é Inefável, isto é, «indizível, inexplicável»⁹³ ou, por outras palavras, «não é dizível, [...] não [se] pode dizer»⁹⁴, não se pode explicar ou exprimir, se é aquilo que temos vindo a fazer neste trabalho? Em primeiro lugar, é evidente que se nós, humanos, não conhecemos, nem compreendemos algo (seja do nosso mundo sensível ou não), então também não vamos conseguir explicá-lo ou exprimi-lo por palavras, acontecendo o mesmo em relação a Deus, na medida em que tudo Aquilo que não conhecemos, nem compreendemos em relação a Ele – e que é uma infinidade! – também não conseguiremos dizer, explicar ou exprimir. Pelo que podemos concluir que da Inacessibilidade de Deus deriva a Sua Inefabilidade. Em segundo e último lugar, mesmo Aquilo que conhecemos e compreendemos em relação a Deus – e que é finito – muitas vezes, os nossos conceitos e a nossa linguagem são insuficientes para O transmitir e O explicar (porque é uma Realidade Inteligível e não sensível). Contudo, tal como Deus se Revelou, usando os nossos conceitos e a nossa linguagem (para que O conhecêssemos e O compreendêssemos, segundo as nossas

⁹³ INEFÁVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 148.

⁹⁴ INDIZÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 142.

capacidades), da mesma forma nós, humanos, tentamos transmiti-l’O usando os nossos conceitos e a nossa linguagem. Apesar da dificuldade, há Algo, em relação a Deus, que se consegue transmitir e explicar, embora se de forma imperfeita e, às vezes, inadequada.

iii. Sendo Deus Inacessível e Inefável, então também Deus é: *Profundo, Altíssimo, Abismo, Abismo da Imensidade, Abismo Insondável e Lugar Espaçoso* (atributos aplicados a Deus, por Isabel). Consideramos que a aplicação de todos estes atributos a Deus é feita por analogia, mesmo se Isabel não o refere. Com efeito, não poderia ser de outro modo, pois, se assim não fosse, como poderíamos dizer, por exemplo, que Deus é um Lugar Espaçoso se dissemos anteriormente que Deus não ocupa espaço, nem lugar? Só por analogia é que Deus é um Lugar Espaçoso. Expliquemos, portanto, cada um desses atributos aplicados a Deus, por Isabel, tendo em conta a Infinitude, a Inacessibilidade e a Inefabilidade de Deus:

- Deus é Profundo, porque tal como as profundidades, que existem no nosso mundo sensível, são difíceis de penetrar⁹⁵, por serem muito fundas⁹⁶ (como, por exemplo, o fundo do mar ou o centro da terra), também Deus é difícil de ser penetrado, isto é, de ser compreendido⁹⁷ ou de ser explicado⁹⁸, devido à Sua Infinitude.
- Deus é Altíssimo, por uma analogia idêntica à utilizada para afirmar que Deus é Profundo. Com efeito, tal como tudo o que é altíssimo (isto é, «muito alto»⁹⁹), neste nosso mundo sensível, torna-se difícil de alcançar, isto é, de lá chegar¹⁰⁰ (como, por

⁹⁵ Cf. PROFUNDIDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 441.

⁹⁶ Cf. PROFUNDO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 442.

⁹⁷ Cf. PROFUNDIDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 441.

⁹⁸ Cf. PROFUNDEZA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 441.

⁹⁹ ALTÍSSIMO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 367.

¹⁰⁰ Cf. ALCANÇAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 299.

exemplo, o sol ou as restantes estrelas), também Deus, devido à Sua Infinitude, é difícil de ser alcançado, em termos de compreensão e de conhecimento¹⁰¹.

- Deus é Abismo. Mas o que é um abismo? No nosso mundo sensível, o abismo é uma «cavidade, geralmente vertical, cuja abertura se encontra na superfície da terra e cujo fundo se desconhece»¹⁰² ou, por outras palavras, é uma «profundidade que se supõe sem fundo»¹⁰³. Por analogia, Deus é Abismo, porque Ele, além de ser Profundo, é uma Profundidade sem fundo, uma vez que Ele não tem fim, em qualquer aspecto que O consideremos (desde que este esteja dentro do que Deus É).
- Deus é Abismo da Imensidade, isto é, Abismo da Infinitude¹⁰⁴. Este atributo é constituído por duas palavras redundantes, isto é, por duas palavras que, no contexto em que estão inseridas, significam o mesmo. Com efeito, as palavras Abismo e Imenso (ou Infinito), ao serem aplicadas a Deus, têm o mesmo sentido, que é o de Deus não ter fim e, como tal, ser Inacessível a nós, humanos. Mas fixemo-nos apenas no sentido, que ambas têm, de que Deus não tem fim. Elas, ao serem aplicadas juntas e tendo em conta a redundância que apresentam, significam o mesmo que Imensidade Imensa ou Infinitude Infinita ou Abismo Abismático. Com esta redundância, podemos concluir que Deus é tão Infinitamente Grande que Tudo, quanto Deus É, superabunda n'Ele¹⁰⁵.

¹⁰¹ Cf. ALCANÇAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 299.

¹⁰² ABISMO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 38.

¹⁰³ ABISMO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 38.

¹⁰⁴ Cf. IMENSIDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 83.

¹⁰⁵ Cf. REDUNDAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 194.

- Deus é Abismo Insondável, isto é, Abismo «cujo limite se não pode encontrar»¹⁰⁶. Tudo quanto foi dito, anteriormente, em relação ao atributo Abismo da Imensidade, pode ser aplicado a este atributo. Com efeito, as palavras Abismo e Insondável, ao serem aplicadas a Deus, têm o mesmo sentido, que é o de Deus não ter fim e, como tal, ser Inacessível a nós, humanos. E isto foi exactamente o que afirmamos em relação ao atributo Abismo da Imensidade. Assim sendo, tudo quanto referimos e concluímos em relação ao atributo Abismo da Imensidade, aplica-se, na íntegra, ao atributo Abismo Insondável.
- Deus é um Lugar Espaçoso, porque tal como todos os lugares espaçosos (isto é, todos os sítios¹⁰⁷ que são amplos e largos¹⁰⁸), que existem no nosso mundo sensível, são difíceis de alcançar na sua totalidade (como, por exemplo, o universo), também Deus é difícil de ser alcançado, em termos de compreensão e de conhecimento, na sua totalidade, devido à Sua Infinitude.

2.3. Porque Deus é Imutável...

Pelo facto de Deus ser Aquele que É, provou-se que Deus é Imutável.

Mas se Deus é Imutável, então:

- 1) Todos os atributos de Deus são imutáveis. Com efeito, e começando por recordar aquilo que já foi referido anteriormente, sendo Deus Imutável e sendo Deus Substância, então Deus não possui, sem Si mesmo, qualquer acidente. Daqui se

¹⁰⁶ INSONDÁVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 181.

¹⁰⁷ Cf. LUGAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 532.

¹⁰⁸ Cf. ESPAÇOSO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 595.

- conclui que todos os atributos de Deus são substanciais (permanentes), não possuindo Ele qualquer atributo accidental. E se todos os atributos de Deus são substanciais, então, por definição de substância, eles não mudam (são imutáveis).
- 2) Deus é Invisível para nós, humanos (enquanto peregrinos nesta terra), porque, como afirma Agostinho, «não há nada que seja visível que não seja mutável»¹⁰⁹, pelo que se Deus fosse visível, teria que ser necessariamente mutável, coisa que Ele não é. Logo, pela Sua Imutabilidade, Deus tem de ser necessariamente invisível aos nossos olhos humanos (enquanto peregrinos nesta terra) e, como refere Agostinho, jamais a Sua «própria natureza, ou substância, ou essência, ou aquilo que, com outro nome, se deva chamar aquilo mesmo que Deus é [...] pode ser visto corporalmente»¹¹⁰, mesmo nos casos em que Deus utiliza corpos sensíveis para se dar a conhecer. Por isso é que Agostinho, citando Paulo de Tarso, afirma que, em relação a Deus, «nenhum homem o viu ou pode ver» (1Tim 6,16)¹¹¹, porque a natureza (ou substância) de Deus é Invisível, escapando completamente à vista humana.
- 3) Deus é Infalível, decorrendo este atributo da própria definição de Imutável¹¹². E o que significa Deus ser Infalível? Significa que Deus «não pode errar[,] [...] não falha[,] [...] não se engana [...] [e n'Ele] não há erro»¹¹³. Daqui decorre que:
- i. Deus é *Verdadeiro* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), isto é, Deus «é conforme à verdade; [...] não falseia, [...] não deturpa [...] [e] não mente»¹¹⁴, sendo sempre «certo, seguro, fiel, sincero [...] [e] com [...] [Quem] se pode contar»¹¹⁵. De notar que *fiel* é atributo aplicado a Deus, por Isabel. E se Deus é Alguém que é Fiel e com Quem se pode contar, então Deus é *Amigo* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).

¹⁰⁹ AGOSTINHO – *Trin*, III, 10, 21.

¹¹⁰ AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 35.

¹¹¹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 8, 14.

¹¹² Cf. IMUTÁVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 107.

¹¹³ INFALÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 152.

¹¹⁴ VERDADEIRO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 474.

¹¹⁵ VERDADEIRO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 474.

- ii. Deus é *Bom* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), porque Deus, ao ser Infalível, não erra e, ao não errar, também não peca, nem procede mal¹¹⁶.

Daqui decorre que:

- Deus é Perfeito. Com efeito, como Deus não erra, nem peca, nem procede mal, então *Deus* só tem «boas qualidades»¹¹⁷ ou, por outras palavras, só tem bons atributos. Ora, tendo Deus só boas qualidades e sendo Deus Infinito, então essas boas qualidades (atributos) só podem estar no mais alto grau possível, isto é, em grau perfeito (que, em Deus, por ser Infinito, é em grau infinito)¹¹⁸. Daqui decorre que todos os atributos de Deus são Perfeitos. Daí que muitas vezes se designem os atributos de Deus por «*Perfeições divinas*»¹¹⁹. E como Deus é Eterno, então Deus possui *Perfeições Sempiternas* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), isto é, Perfeições «Perpétuas»¹²⁰ (que nunca cessam¹²¹). E como Deus é Infinito, então Deus possui Infinitas Perfeições (e jamais um número finito delas, porque seria contradizer o que Deus É, nomeadamente a Sua Infinitude). Podemos concluir que tudo em Deus é Perfeito. Mas se tudo em Deus é Substância, então também a Substância de Deus é Perfeita e, como tal, Deus é Perfeito (porque Deus é Substância). Melhor dizendo, Deus é Absolutamente Perfeito¹²², porque, n'Ele, está

¹¹⁶ Cf. ERRAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 536.

¹¹⁷ BOM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 380.

¹¹⁸ Cf. CAETANI – *Deus*, p. 228-229.233.

¹¹⁹ PERFEIÇÃO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 613.

¹²⁰ SEMPITERNO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 80.

¹²¹ Cf. SEMPITERNO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 80.

¹²² Cf. PERFEIÇÃO, Perfeito. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 309.

excluída «qualquer imperfeição»¹²³ e está excluído qualquer defeito¹²⁴.

- Deus «gosta de praticar o bem»¹²⁵. Mas Deus não só gosta de praticar o bem, como Ele não age de outra forma senão pelo Bem. Com efeito, como Deus é Bom, Infinito e Perfeito, a Bondade (isto é, «a qualidade da pessoa [...] que é boa»¹²⁶), que em Deus é Infinita e Perfeita, não permite que haja lugar, em Deus, para qualquer grau de maldade (seja ela de que tipo for e seja ela esporádica ou permanente), porque se houvesse algum grau de maldade, em Deus, isso significaria que, em Deus, haveria imperfeição, erro e defeito, o que seria uma contradição, uma vez que, conforme já constatamos anteriormente, em Deus, toda a imperfeição, erro, falhas, pecados e defeitos estão absolutamente excluídos.
- Deus é Caritativo¹²⁷ e, por ser Infinito e Perfeito, não age de outra forma senão pela Caridade, isto é, pela «benevolência, bondade, piedade [...] [e] compaixão»¹²⁸. E ao ser Caritativo, Deus também é Bondoso¹²⁹, isto é, além de ser Bom em Si mesmo e para Si mesmo, também é Bom para “os outros”¹³⁰.
- Deus é «benévolo, indulgente [,] [...] clemente, justo [...] [,] misericordioso [...] [e] benéfico»¹³¹. De notar que *clemente* e *justo* são atributos aplicados a Deus, por Isabel. E Deus, por ser Infinito

¹²³ PERFEIÇÃO, Perfeito. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 309.

¹²⁴ Cf. PERFEITO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 613.

¹²⁵ BOM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 380.

¹²⁶ BONDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 383.

¹²⁷ Cf. BOM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 380.

¹²⁸ CARIDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 608.

¹²⁹ Cf. CARITATIVO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 612.

¹³⁰ Cf. BONDADOSO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 383.

¹³¹ BOM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 380.

e Perfeito, não age de outra forma senão pela benevolência, indulgência, clemência, justiça, misericórdia e beneficência, estando todos estes atributos em grau Infinito e Perfeito. Daí que Deus seja Rico em todos eles, nomeadamente *Rico em misericórdia* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). E como Deus é Abismo, então Deus também é *Abismo da misericórdia* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).

- Deus é Sereno¹³². E como é Infinito e Perfeito, Deus não age de outra forma senão pela serenidade, pelo que:

- ✓ Deus é «tranquilo [e, como tal, pacífico¹³³], manso, calmo, sossegado [...] [,] isento de agitações, de perturbações, de inquietações [...] [e de] tumulto»¹³⁴. Por outras palavras, Deus encontra-se em Solidão e, como tal, Deus é Solitário¹³⁵. Mas a Solidão de Deus não tem o sentido que hoje comumente se dá ao termo “solidão”, isto é, o de estar só, sozinho, sem companhia, sem alguém ao seu lado ou o de estar isolado, separado, estando à parte de tudo e de todos, num sítio remoto¹³⁶ e, como tal, estar triste, amargurado, abandonado e cheio de tédio (constataremos, posteriormente, que Deus é exactamente o oposto de tudo isto). A Solidão de Deus, segundo Isabel, é a isenção de tumulto e de ruído. E a isenção de tumulto e de ruído é a Tranquilidade, é o

¹³² Cf. BOM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 380.

¹³³ Cf. TRANQUILO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 139.

¹³⁴ SERENO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 110.

¹³⁵ Cf. SOLIDÃO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 279.

¹³⁶ Cf. SOLITÁRIO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 282.

Silêncio¹³⁷. Apesar de não ser muito comum associar o termo “solidão” ao termo “silêncio”, isto é, à ausência de barulho, de ruído, de tumulto¹³⁸, gostaríamos de salientar que esta associação se encontra presente no *Dicionário de Língua Portuguesa*, quando este apresenta o termo “solitário” do seguinte modo: «o homem que vive em solidão do mundo e do seu bulício»¹³⁹, isto é, o homem que vive em solidão do «ruído [...] [,] [da] agitação [...] [e do] desassossego»¹⁴⁰. Portanto, a Solidão de Deus é o Silêncio de Deus ou, por outras palavras, é a Tranquilidade de Deus (e vice-versa). E como Deus é Grandioso (conforme já constatamos anteriormente, devido à sua Infinitude), o Seu Silêncio também o é. Daí que Deus seja *O Grande Solitário* (atributo aplicado a Deus, por Isabel), devida à Sua Grande Tranquilidade, não havendo maior do que a Sua (conforme constataremos posteriormente).

- ✓ Deus é «suave; doce; brando; delicado; ameno»¹⁴¹, isto é, Deus é «meigo; [...] afectuoso[,] [...] encantador»¹⁴², bem como «elevado [...] [e] amável»¹⁴³. Daqui decorre que Deus é Amoroso¹⁴⁴.

¹³⁷ Cf. ISABEL DA TRINDADE – UR, 26-27.

¹³⁸ Cf. SILÊNCIO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 167.

¹³⁹ SOLITÁRIO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 282.

¹⁴⁰ BULÍCIO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 434.

¹⁴¹ SERENO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 110.

¹⁴² DOCE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 289.

¹⁴³ DELICADO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 33.

¹⁴⁴ Cf. AMOROSO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 417.

2.4. Porque Deus é Absolutamente Perfeito...

Pelo facto de Deus ser Aquele que É, provou-se que Deus é Imutável. E, por Deus ser Imutável, provou-se que Deus é Absolutamente Perfeito.

Mas se Deus é Absolutamente Perfeito, então:

- 1) Deus é Pleno, Completo e Total¹⁴⁵. Mas Deus é Pleno, Completo e Total não no sentido de que Deus se completou de tal forma que chegou ao fim da Sua capacidade, não podendo conter mais do que contém¹⁴⁶ (o que seria uma contradição, porque Deus é Ilimitado), mas no sentido de que não Lhe falta nada para Ser o que É¹⁴⁷. Por outras palavras, como Deus é Ilimitado em Tudo quanto É, então Tudo (quanto Deus É) superabunda n'Ele¹⁴⁸, a tal ponto de «transbordar»¹⁴⁹ qualquer limite de capacidade que nós, humanos, lhe coloquemos, nomeadamente um limite de capacidade na Perfeição, na Plenitude ou na Totalidade. Mas Deus é Pleno, Completo e Total, porque não Lhe falta rigorosamente nada, sendo Tudo quanto é suposto Ele ser e em grau perfeito. Como nada falta a Deus, sendo Total, e como Deus é Infinito, então Deus é um Total Infinito, isto é, um Total sem fim ou um Tudo sem fim. Uma vez que o termo “Abismo” abarca o significado de sem fim, então Deus é *Abismo do Tudo* (atributo aplicado a Deus, por Isabel) ou, por outras palavras, Deus é Abismo da Totalidade¹⁵⁰.
- 2) Deus é Uno, isto é, Deus é «um; único; singular»¹⁵¹. Por outras palavras, há um só Deus e mais nenhum. Consideremos, por hipótese, que existe mais do que um Deus. Tendo em conta tudo quanto já foi referido anteriormente, todos eles têm de ser infinitos e perfeitos. Além disso, todos os deuses não podem ser iguais, porque se

¹⁴⁵ Cf. PERFEITO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 613.

¹⁴⁶ Cf. COMPLETO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 336.

¹⁴⁷ Cf. PERFEIÇÃO, Perfeito. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 309; COMPLETO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 336; PLENO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 189.

¹⁴⁸ Cf. REDUNDAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 194.

¹⁴⁹ REDUNDAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 194.

¹⁵⁰ Cf. TUDO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 287.

¹⁵¹ UNO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 352.

fossem todos iguais, todos eles se identificariam, formando um único Deus (o que seria uma contradição, uma vez que partimos da hipótese de existirem vários). Mas para eles não serem iguais, tem de haver, entre eles, um elemento diferenciador, que os distinga¹⁵². E esse elemento só pode ser a ausência ou a diferença em um ou mais atributos ou, melhor dizendo, em uma ou mais perfeições (visto que qualquer atributo dos deuses é perfeito). De notar que poderíamos pensar na hierarquia como um elemento diferenciador entre os deuses (onde pelo menos um deus seria superior a, pelo menos, outro deus), mas facilmente se chega à conclusão que essa superioridade resulta na ausência ou na diferença em um ou mais atributos (ou perfeições), como veremos já a seguir. Assim sendo, dois deuses distinguem-se entre si:

- i. Se um deles possui, pelo menos, um atributo que o outro não possui, coincidindo nos restantes (tendo, portanto, o segundo menos atributos do que o primeiro, havendo a possibilidade do primeiro deus ser superior ao segundo deus) – é o caso de ausência de um ou mais atributos (ou perfeições), em que um dos deuses tem mais atributos do que o outro deus, surgindo a possibilidade de hierarquia entre os deuses;
- ii. Se um deles possui, pelo menos, um atributo que o outro não possui, mas, em contrapartida, este último possui, pelo menos, um atributo que o primeiro não possui (esta seria uma forma de não haver hierarquia entre os deuses, isto é, de não haver um deus que fosse superior a outro deus, devido há compensação que existiria em relação aos atributos, uma vez que enquanto uns deuses têm atributos que outros não têm, estes últimos têm atributos que os primeiros não têm) – é outro caso de ausência de um ou mais atributos (ou perfeições), em que todos os deuses têm o mesmo

¹⁵² Cf. CAETANI – *Deus*, p. 229-230.

número de atributos, não havendo possibilidade de hierarquia entre os deuses;

- iii. Se um deles possui, em pelo menos um determinado atributo, um grau de perfeição superior a outro deus – é o caso da diferença em um ou mais atributos (ou perfeições), surgindo a possibilidade de hierarquia entre os deuses;
- iv. Se houver, entre os deuses, as diversas combinações possíveis entre os três casos anteriormente mencionados – como, por exemplo, haver um deus superior a outro deus, porque este último não tem um atributo que o primeiro tem, coincidindo nos restantes (primeiro caso), mas haver outro deus, que, em comparação com o primeiro, tem o mesmo número de atributos que ele, mas que não coincidem, tendo este um atributo que o outro não tem e vice-versa (segundo caso) e haver também um outro deus que, em relação ao segundo deus, do primeiro caso, tem um grau superior de perfeição em determinado atributo (terceiro caso).

Se provarmos que os três primeiros casos são impossíveis de existir (pelo método de redução ao absurdo), pelo qual partiremos de uma hipótese, chegando a um absurdo ou, por outras palavras, a uma contradição, mostrando assim que a hipótese é falsa, então as diversas combinações possíveis (quarto caso) também são impossíveis de existir. Analisemos os três primeiros casos. No primeiro e terceiro caso, o segundo deus estaria, de certa forma, limitado, o que seria uma contradição (porque a Divindade é necessariamente Ilimitada e Infinita). Com efeito, no primeiro caso, estaria limitado pelo primeiro deus (pois este teria mais atributos do que ele); no terceiro caso, estaria limitado pelo grau de perfeição que possui, em pelo menos um atributo (havendo um grau superior ao grau que possui). Além disso, em ambos os casos, o segundo deus apresentaria um certo grau de imperfeição, quando comparado

com o primeiro deus, uma vez que, no primeiro caso, lhe faltaria um atributo e, no segundo caso, ainda lhe faltaria alguma perfeição em determinado atributo (faltaria a distância entre o seu grau e o grau do primeiro deus), o que seria uma contradição (porque a Divindade é Absolutamente Perfeita, estando excluída de qualquer imperfeição). Isto significa que, havendo vários deuses, jamais poderia haver uma hierarquia entre eles (porque o inferior estaria sempre limitado pelo superior, o que seria uma contradição, porque a Divindade é Ilimitada). No segundo caso, e apesar de haver compensação em relação aos atributos, faltaria sempre, a todos os deuses, pelo menos um atributo. Isto significaria que todos os deuses seriam imperfeitos em relação a, pelo menos, um atributo (porque havia, pelo menos, um outro deus que possuía esse atributo em falta), o que seria uma contradição (porque a Divindade é Absolutamente Perfeita, estando excluída de qualquer imperfeição). Além disso, cada deus, em relação a, pelo menos, um atributo, estaria sempre limitado por outro deus, por aquele não possuir esse atributo e por este o possuir, o que seria uma contradição (porque a Divindade é necessariamente Ilimitada e Infinita). Logo, se houvesse mais do que um Deus, todos eles teriam que ter exactamente os mesmos atributos, isto é, exactamente as mesmas perfeições (e não pode ser de outra forma, devido à Sua Infinitude e Perfeição). Mas, desta forma, não haveria qualquer tipo de distinção entre eles, acabando todos eles por se identificarem num único Deus, o que seria um absurdo, porque, partimos do princípio que havia mais do que um Deus. E sendo os três casos impossíveis de existir, também o quarto caso é impossível de existir. Daqui se conclui que não há mais do que um Deus. Daí que Agostinho diga que Deus é *um único Deus, um só Deus, Deus uno, um só único Deus*, etc. e também que Isabel diga que Deus é *O Ser Divino*, estando o artigo definido **O** a revelar que há um só e único Ser Divino, isto é, um só e único Deus. Observando o quadro dos atributos de Deus, anteriormente exposto, nota-se como quer Isabel, quer Agostinho utilizam o artigo

definido *O* em muitos outros atributos, revelando, desta forma, quer a Unicidade de Deus, quer o facto d’Ele ser o único que possui tais atributos. Por exemplo, ao aplicar-se o artigo definido *O* na frase “Deus é O Grande Solitário” (atributo que já foi analisado, por nós, anteriormente) significa que não há maior Solitário do que Deus, ou, por outras palavras, que não há maior Solidão (isto é, Tranquilidade) do que a de Deus. Da Unicidade de Deus, decorre que:

- i. Só este Deus (Aquele que *É*) é o *único Deus Verdadeiro* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), no sentido de que é «o próprio, o legítimo, o autêntico»¹⁵³ Deus. Por outras palavras, só Ele é Deus e mais nenhum!
- ii. Deus é «indiviso»¹⁵⁴, que é o mesmo que dizer que Deus é Indivisível¹⁵⁵, isto é, «não é divisível, [...] não [se] pode dividir [...] [,] [formando] um todo homogéneo»¹⁵⁶. Por outras palavras, Deus não é composto¹⁵⁷, mas Simples¹⁵⁸. Mas o que significa Deus ser Simples? Significa que Deus (ou a Substância de Deus, porque coincidem) não é «reunião *ou* combinação [...] de partes diferentes»¹⁵⁹, nomeadamente dos diversos atributos. Significa que, em Deus, «há equiparação entre a essência e os atributos»¹⁶⁰. Por outras palavras, não há qualquer distinção entre os atributos de Deus e a Sua Substância¹⁶¹. Daí que Deus não tenha ou possua cada atributo: Ele é cada atributo¹⁶². Por exemplo, afirmamos anteriormente que Deus possui Inteligência. Mas, pela «simplicidade da sua essência»¹⁶³ (expressão

¹⁵³ VERDADEIRO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 474.

¹⁵⁴ UNO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 352.

¹⁵⁵ INDIVISO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 142.

¹⁵⁶ INDIVISÍVEL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 142.

¹⁵⁷ Cf. COMPOSTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 339.

¹⁵⁸ Cf. SIMPLES. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 184-185.

¹⁵⁹ SIMPLES. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 185.

¹⁶⁰ ATRIBUTO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 43.

¹⁶¹ Cf. BOULENGER – *Manual*, p. 78; ATRIBUTO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 43.

¹⁶² Cf. CAETANI – *Deus*, p. 232.

¹⁶³ ISABEL DA TRINDADE – UR, 7.

utilizada por Isabel), Deus não possui Inteligência: Ele é Inteligência. Da mesma forma:

- Deus não tem Memória: Ele é Memória;
- Deus não tem Vida: Ele é Vida;
- Deus não tem Vontade: Ele é Vontade;
- E assim sucessivamente com cada um dos Seus atributos.

iii. Deus é *Supremo* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), isto é, Deus «está acima de tudo»¹⁶⁴, sendo «o primeiro, o principal, o mais alto ou o mais elevado»¹⁶⁵, não havendo algo ou alguém acima d'Ele. De notar que Deus volta a ser apelidado de Altíssimo, uma vez que ao ser Supremo, Ele é O mais alto. O atributo Altíssimo que, anteriormente, foi introduzido neste trabalho, procedeu da Imensidade de Deus, tendo-se-lhe atribuído o significado de Inacessível. Agora, aparece-nos o atributo Supremo, que tem como sinónimo o mesmo termo (Altíssimo). Contudo, este, agora, procede da união da Perfeição com a Unicidade de Deus, tendo como significado estar acima de tudo. Facilmente se conclui que ambos continuam a significar o mesmo, uma vez que quem está acima de tudo, torna-se inacessível e que quem é inacessível, fica acima de tudo. Com efeito, a Imensidade de Deus torna Deus Inacessível e a Inacessibilidade de Deus torna Deus Imenso. Em Deus, jamais encontraremos qualquer tipo de contradição, porque tudo, em Deus, concorre para a união, para a unidade, para a harmonia. E, Deus ao ser Supremo e Único, também Deus é Absoluto¹⁶⁶. E é Absoluto em qualquer aspecto que O consideremos, desde que inserido n'Aquilo que Ele É. Assim sendo, os artigos definidos *O* ou *A*

¹⁶⁴ SUPREMO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 397.

¹⁶⁵ SUPREMO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 397.

¹⁶⁶ Cf. PLENO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 189.

podem ser aplicados, respectivamente, a cada atributo de Deus. Por outras palavras:

- Deus não só é Inteligência, como Ele é A Inteligência;
 - Deus não só é Memória, como Ele é A Memória;
 - Deus não só é Vida, como Ele é A Vida;
 - Deus não só é Vontade, como Ele é A Vontade;
 - Deus não só é Perfeito, como é O Perfeito;
 - Deus não só é Eterno, como é O Eterno;
 - Deus não só é Infinito, como é O Infinito;
 - Deus não só é Fiel, como é O Fiel;
 - Deus não só é Amigo, como é O Amigo;
 - Deus não só é Ser Simples, como é *O Ser Simples* (atributo aplicado a Deus, por Isabel);
 - Deus não só é Absoluto, como Ele é O Absoluto;
 - E assim sucessivamente com cada um dos Seus atributos.
- iv. Deus é Unidade. Com efeito, Deus, ao ser Uno, é «Um»¹⁶⁷ e Deus, ao ser Um, é «Unidade»¹⁶⁸.
- v. Deus é Beleza. Com efeito, segundo Isabel, Deus, ao ser Unidade, também Deus é Beleza¹⁶⁹. Mas porque razão Deus é Beleza? E porque razão a Unidade de Deus é Beleza? Começemos por entender o que significa belo. Por belo entendemos tudo aquilo ou todo aquele «que tem [...] harmonia [...] [e] perfeição»¹⁷⁰. Sendo Deus Absolutamente Perfeito, possuindo – ou, melhor dizendo, sendo – Infinitas Perfeições, então Deus é Belo ou, melhor

¹⁶⁷ UNO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 352.

¹⁶⁸ UM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 331.

¹⁶⁹ Cf. ISABEL DA TRINDADE – UR, 26.

¹⁷⁰ BELO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 309.

dizendo, é O Belo. Além disso, a unidade é sempre harmoniosa¹⁷¹, uma vez que, na unidade, tudo é concorde e nada é discorde (senão não era unidade!), sendo a concordância uma harmonia¹⁷². Daqui se conclui que a Unidade de Deus é uma harmonia e, como tal, é Bela. Mas como Deus é Eterno e Infinito (e, como tal, Ilimitado), então sendo Deus Belo, Ele é Ilimitado na Beleza (isto é, na «qualidade de ser belo»¹⁷³), de tal forma que não resta outra hipótese além de Deus e a Beleza coincidirem eternamente! Na verdade, se não coincidissem, de duas, uma: ou Deus é maior do que a beleza (o que é impossível, porque isso significava que a beleza teria um limite máximo e, sendo Deus Belo, também Deus estaria limitado na sua própria beleza, contradizendo o facto d'Ele ser Infinito e, como tal, Ilimitado) ou a beleza é maior do que Deus (o que é impossível, porque isso significava que a beleza seria superior a Deus, contradizendo o facto d'Ele ser Supremo e, como tal, contradizendo o facto de não existir algo ou alguém superior a Ele). Assim sendo, Deus é Beleza e, sendo Deus Unidade, a Unidade de Deus também é Beleza. E, tendo em conta que Deus é Supremo e Único, então Deus não só é Beleza, como é A Beleza. Aplicando todo este raciocínio, que envolveu a Beleza de Deus, a cada um dos atributos de Deus, obtemos as seguintes conclusões:

- Deus não só é O Belo, como é A Beleza;
- Deus não só é O Perfeito, como é A Perfeição;
- Deus não só é O Eterno, como é A Eternidade;
- Deus não só é O Infinito, como é A Infinitude;
- Deus não só é O Imutável, como é A Imutabilidade;
- Deus não só é O Fiel, como é A Fidelidade;

¹⁷¹ Cf. HARMONIA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 5, p. 554.

¹⁷² Cf. CONCORDAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 357.

¹⁷³ BELEZA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 307.

- Deus não só é O Amigo, como é A Amizade;
- Deus não só é O Verdadeiro, como é A *Verdade* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho) ou, melhor dizendo, «[A] eterna [...] verdade»¹⁷⁴, como afirma Agostinho.
- Deus não só é O Bom, como é A Bondade, isto é, «[A] benevolência, [A] benignidade, [A] beneficência, [A] brandura, [A] indulgência, [A] mansidão, [A] mansuetude, [A] sensibilidade, [A] ternura[,] [...] [O] valor; [A] valentia»¹⁷⁵.
- Deus não age de outra forma senão pelo Bem, porque Ele mesmo é *O Bem* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho). E como Deus é Substância, então Deus é *O Bem Substancial* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).
- Deus não só é O Caritativo, como é A *Caridade* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho), isto é, «[A] benevolência, [A] bondade, [A] piedade [...] [e] [A] compaixão»¹⁷⁶;
- Deus não só é O Amoroso, como é *O Amor* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho). Mas o que é O Amor? Entende-se por amor o «sentimento que impele os seres para o que lhes parece belo, grandioso, digno»¹⁷⁷, através de uma «afeição, [de uma] ligação espiritual, [...] [de um] vivo sentimento de gosto»¹⁷⁸. Sendo Deus Amor e sendo Deus Imenso, então também Deus é *Amor Imenso* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). E sendo Deus Infinito e sendo Deus Amor, então também Deus é *Infinito Amor* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).

¹⁷⁴ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1.

¹⁷⁵ BONDOSO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 383.

¹⁷⁶ CARIDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 608.

¹⁷⁷ AMOR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 415.

¹⁷⁸ AMOR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 415.

- Deus não só é Clemente, Justo e Misericordioso, como é A Clemência, A Justiça e A Misericórdia;
- Deus não só é Tranquilo e Manso, como é A Tranquilidade e A Mansidão; E sendo Deus Profundo, Deus é A *Tranquilidade Profunda* (atributo aplicado a Deus, por Isabel);
- Deus não só é Simples, como é A Simplicidade;
- E assim sucessivamente com cada um dos Seus atributos.

3) Deus é *Santo* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). Com efeito, sendo santo todo aquele que é «soberanamente perfeito»¹⁷⁹, estando «isento de mancha ou de imperfeições»¹⁸⁰, não há qualquer dúvida de que Deus é Santo. E não só Deus é Santo, como Ele, por ser Absolutamente Perfeito (e, como tal, eternamente isento de qualquer imperfeição), é O Santo e, por ser Supremo e Único, é A Santidade. Daí que Ele também seja denominado O Santo dos Santos (sendo esta a forma superlativa hebraica de Santo, formada pela duplicação do substantivo¹⁸¹) que é o mesmo que dizer Santíssimo¹⁸². Assim sendo, quer na eternidade, quer no tempo não houve, não há, nem haverá Santo maior do que Deus, nem Santidade em grau tão elevado quanta a de Deus. Com este mesmo sentido, aplicam-se outras denominações a Deus, como, por exemplo, *Santo, Santo, Santo* (atributo aplicado a Deus, por Isabel) ou *Deus três vezes Santo* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). Da Santidade de Deus decorre que:

- i. Deus é Puro. Com efeito, quem é Santo, também é «essencialmente puro»¹⁸³, uma vez que está «isento de manchas ou de imperfeições»¹⁸⁴. Daí que Isabel afirme que, em Deus, «tudo é puro, tudo é santo»¹⁸⁵. E, sendo Deus Puro, também Ele é O Puro (e, como tal, é «[O] Limpo, [...]

¹⁷⁹ SANTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 601.

¹⁸⁰ SANTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 601.

¹⁸¹ Cf. *CURSO de Português*. Dir. Américo Areal. 19ª edição. Porto: Asa, 2006, p. 84. Enciclopédia Estudo.

¹⁸² Cf. *CURSO de Português*, p. 84.

¹⁸³ SANTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 601.

¹⁸⁴ SANTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 601.

¹⁸⁵ ISABEL DA TRINDADE – UR, 16.

[O] Imaculado, [O] não contaminado[,] [...] [O] Virginal, [O] inocente[,] [...] [O] Virtuoso [...] [e] [O] casto»¹⁸⁶) e A Pureza (e, como tal, é [A] Limpidez[,] [...] [A] Virgindade, [A] castidade[,] [...] [A] Inocência, [...] [A] Genuinidade [...] [e] [A] Elegância»¹⁸⁷).

- ii. Deus é *Bem-aventurado* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), isto é, Deus «goza de estado feliz»¹⁸⁸. Por outras palavras, Deus é Feliz. Com efeito, ser santo é ser feliz¹⁸⁹ e ser feliz é ser santo¹⁹⁰. E não só Deus é Feliz, como também Ele é O Feliz e A Felicidade. Daqui se constata que a Solidão de Deus (ou, por outras palavras, a Tranquilidade de Deus) não é sinónimo de tristeza, amargura, abandono e tédio. Muito pelo contrário! A Solidão de Deus é sinónimo de felicidade!

4) Deus é Soberano, isto é, Deus «ocupa o primeiro lugar[,] [...] [sendo] muito excelente[,] [...] [atingindo] o mais alto grau [...] [e] [estando] revestido de autoridade suprema»¹⁹¹. Com efeito, sendo Deus Eterno, Infinito, Absolutamente Perfeito, Supremo e Único, facilmente se constata que também Deus é Soberano ou, melhor dizendo, Deus é O Soberano. E se Deus é Soberano, então:

- i. Deus é *Omnipotente* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho), isto é, Deus é «todo-poderoso»¹⁹², no sentido de «que tem poder absoluto»¹⁹³. Com efeito, sendo Deus Soberano, Deus é «Poderoso»¹⁹⁴ e, sendo Deus Eterno e Absoluto, Deus tem – ou, melhor dizendo, é – *Poder Sempiterno* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho) e Absoluto. Mas não

¹⁸⁶ PURO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 574.

¹⁸⁷ PUREZA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 571.

¹⁸⁸ BEM-AVENTURADO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 310.

¹⁸⁹ Cf. SANTO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 601.

¹⁹⁰ Cf. BEM-AVENTURADO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 310.

¹⁹¹ SOBERANO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 237.

¹⁹² OMNIPOTÊNCIA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 146.

¹⁹³ OMNIPOTENTE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 146.

¹⁹⁴ SOBERANO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 237.

- só Deus é Poder, como também Deus é O Poder. E sendo Deus Amor, então também Deus é *Amor Todo-Poderoso* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).
- ii. Deus é *O único vivente* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). Tendo em conta que, antes do mundo, do tempo, do espaço e de todas as criaturas espirituais existirem, só existia Deus, então torna-se evidente que Deus é O único vivente. Mas este atributo revela um sentido bem mais profundo do que este que acabamos de referir. Com efeito, Deus é O único vivente, porque só Ele – quer na eternidade, quer no tempo (quando este existir) – é Vida ou, melhor dizendo, é A Vida (Eterna, Infinita, Absoluta, Perfeita, etc). Como Deus não foi gerado, nem criado, sendo Supremo em qualquer aspecto que O consideremos (desde que inserido n’Aquilo que Ele É) – nomeadamente na Vida – Ele não dependeu de algo ou de alguém para começar a viver (pois Ele sempre existiu, não havendo sequer um começo para a Sua vida), como também não depende de algo ou de alguém para continuar a viver, subsistindo por Si mesmo e em Si mesmo (pois Ele é Absoluto).
- iii. Deus é *O Criador* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho) – ou, por outras palavras, Deus é *O único Criador* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho) – de todas as criaturas corpóreas e incorpóreas, materiais e imateriais, e, como tal, do mundo, do tempo, do espaço e de todas as criaturas espirituais. Com efeito, sendo Deus A Vida (Eterna, Infinita, Absoluta, Perfeita, etc) e sendo Deus Omnipotente, então só Deus (e mais ninguém) pode criar novas formas de vida, porque só Ele (e mais ninguém) é A Vida e A Omnipotência. E sendo A Vida o princípio que faz com que todas as criaturas (materiais e espirituais) existam, então Deus (que é A Vida) é *O princípio de todos os outros seres* (atributo aplicado a Deus, por

Isabel). Mas não só Deus é A Origem de toda e qualquer vida, criando-a (isto é, fazendo-a nascer), mas também Deus é O Sustento de toda e qualquer vida (isto é, fazendo-a subsistir), uma vez que esta não se basta a si mesma, dependendo da Vida Absoluta. Daí se denominar relativa a vida de toda e qualquer criatura (material ou espiritual)¹⁹⁵. E uma vez que todos nós, humanos, tivemos origem em Deus, subsistindo graças a Ele, então Deus é *O Nosso Deus* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho).

- iv. Deus é *O Ordenador do universo* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). Com efeito, sendo Deus O Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, e sendo Deus O Todo-Poderoso, só Ele (e mais ninguém), ao criar e ao sustentar toda e qualquer criação, dispõe «*todas as coisas com medida, número e peso*» (Sab 11,20)¹⁹⁶, conforme cita Agostinho. E como Deus, ao ser *O Criador e Ordenador do universo* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), é, como afirma Agostinho, «aquele a quem estão sujeitas todas as coisas»¹⁹⁷, governando «com absoluto poderio»¹⁹⁸, então Deus é *O Supremo Imperador*¹⁹⁹ *desta espécie de amplíssima e imensa república de todo o universo criado* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho).
- v. Deus é *O Rei* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). Com efeito, Deus, ao ser Soberano, exerce autoridade suprema. E sendo Deus Absoluto, a Sua autoridade também é Absoluta. Assim sendo, Deus é Rei²⁰⁰. E não só Deus é Rei, como Ele, por ser Absolutamente Perfeito (e, como tal, eternamente isento de qualquer imperfeição), é O Rei e Ele, por ser Supremo e Único, é A Realeza. Assim sendo, quer na eternidade, quer no tempo (quando este

¹⁹⁵ Cf. ABSOLUTO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 15.

¹⁹⁶ AGOSTINHO – *Trin*, III, 9, 16.

¹⁹⁷ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 17, 22.

¹⁹⁸ SOBERANO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 237.

¹⁹⁹ Cf. IMPERADOR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 90.

²⁰⁰ Cf. REI. In *GRANDE Dicionário*, vol. 10, p. 230.

existir), não houve, não há, nem haverá Rei maior do que Deus. Daí que Ele também seja denominado *O Rei dos reis* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). Com este mesmo sentido, de que Deus é O Maior de todos os reis, se aplicam outras denominações a Deus, como, por exemplo, *Rei dos séculos imortal* (atributo aplicado a Deus, por Isabel) e *Majestade infinita* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).

- vi. Deus é *O Senhor* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho). Com efeito, como Deus é O Rei e O Supremo Imperador de todo o universo criado, visível e invisível, material e imaterial, então também Deus é O Senhor²⁰¹ e O Senhorio, não tendo havido, nem havendo, nem podendo haver Senhor maior do que Deus. Daí que Ele também seja denominado *O Senhor dos senhores* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). E sendo Deus Altíssimo e sendo Deus Senhor, então também Deus é *Altíssimo Senhor* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).
- vii. Deus é Omnisciente, isto é, Deus sabe e conhece tudo²⁰². E não só sabe e conhece tudo, como também vê tudo, pelo que Deus também é Omnividente²⁰³. Com efeito, se Deus não soubesse ou conhecesse ou visse tudo, então faltaria algo a Deus (faltaria um determinado conhecimento ou uma determinada sabedoria ou visão), o que é impossível, uma vez que Deus é Absolutamente Perfeito, estando isento de qualquer imperfeição ou falha. Mas não só Deus sabe e conhece tudo, como também Deus é O Sábio e A Sabedoria. E sendo Deus Supremo, também Deus é *Sabedoria Suprema* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), conhecendo-se «a si mesmo do

²⁰¹ Cf. SENHOR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 85.

²⁰² Cf. OMNISCIENTE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 146.

²⁰³ Cf. OMNIVIDENTE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 146.

modo mais perfeito e mais compreensivo [...] [e conhecendo] em si mesmo todas as coisas, presentes, passadas e futuras»²⁰⁴.

- viii. Deus é Omnipresente, isto é, Deus está presente em toda a parte, em todos os lugares²⁰⁵. Com efeito, como Deus é O Criador e Ordenador do universo (de toda e qualquer criação, visível e invisível, material e imaterial), governando-o com o seu Poder e sustentando-o com A sua própria Vida, então Deus (que é O Poder e A Vida) está todo em toda e qualquer criação, visível e invisível, material e imaterial. Daí que Deus seja um *Lugar Espaçoso* (atributo aplicado a Deus, por Isabel), não só pela Infinitude de Deus que O torna Inacessível, mas também porque – seja antes da criação, seja depois da criação – Deus tudo abarca e tudo envolve, «não à maneira dos corpos [...] mas como um *espírito* que tudo penetra»²⁰⁶, chegando – conforme afirma Agostinho – «até às coisas mais pequenas e terrenas»²⁰⁷. Contudo, Deus – como também afirma Agostinho – está sempre «acima de todas as coisas»²⁰⁸, nunca se confundindo com elas²⁰⁹. Assim sendo, Deus está presente em tudo e por toda a parte, mas sem que tudo e toda a parte seja Deus. E como Deus está em tudo e por toda a parte – quer seja antes da criação, quer seja depois da criação – então a Substância e os atributos de Deus estão em tudo e por toda a parte (porque Deus coincide com a Sua Substância e com os Seus atributos, conforme já constatamos anteriormente), nomeadamente O Amor. E como é O Amor de Deus (que é O próprio Deus) em tudo e por toda a parte? É um *Fogo de Amor* (atributo aplicado a Deus, por Isabel) ou, melhor dizendo (porque Deus é Espiritual),

²⁰⁴ CAETANI – *Deus*, p. 239.

²⁰⁵ Cf. OMNIPRESENTE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 146.

²⁰⁶ BOULENGER – *Manual*, p. 80.

²⁰⁷ AGOSTINHO – *Trin*, III, 8, 15.

²⁰⁸ AGOSTINHO – *Trin*, III, 8, 15.

²⁰⁹ Cf. BOULENGER – *Manual*, p. 80; CAETANI – *Deus*, p. 237.

é um *Fogo espiritual do amor* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). Como por fogo se entende a «origem simultânea de calor e de luz»²¹⁰, sendo o próprio fogo também calor e luz²¹¹, analisemos o que é O Amor de Deus (ou O Amor ou Deus), separando – para efeitos de estudo, porque na prática não é possível fazê-lo – o calor da luz:

- Por calor entende-se a «sensação do quente»²¹². Se a temperatura for elevada, esta sensação já é «de ardência»²¹³. Sendo O Amor de Deus Fogo, então Ele dimana uma sensação do quente. E se a Sua temperatura for elevada, isto é, se O Amor de Deus, em tudo e por toda a parte, se dilatar, então a sensação já será de ardência, sendo este um *Amor que abrasa intensamente* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho) ou, por outras palavras, sendo este um Amor que põe em brasa, queima, incandesce, aquece em extremo, devasta e fulmina²¹⁴. Tendo por base Ruysbroeck, Isabel afirma que O Amor de Deus é «um braseiro divino no fundo de nós, que se renova por uma actividade sem descanso: é o incêndio de Amor»²¹⁵. Mas com que propósito este Amor incendeia, queima, aquece, devasta e fulmina? Refere Isabel, tendo por base João da Cruz (1542-1591)²¹⁶, que este Amor – que é um *Fogo que consome* (atributo

²¹⁰ FOGO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 5, p. 223.

²¹¹ Cf. FOGO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 5, p. 223.

²¹² CALOR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 512.

²¹³ CALOR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 513.

²¹⁴ Cf. ABRASAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 1, p. 52.

²¹⁵ JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 72. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 13.

²¹⁶ Juan (João) de Yepes Álvarez nasceu em Fontiveros (Ávila, Espanha), em 1542, tendo o seu pai morrido pouco tempo depois, caindo toda a família em grande pobreza. Procurando uma vida melhor, a mãe e os seus três filhos mudaram-se para Medina del Campo, tendo João aí iniciado os estudos. Em 1563 (com vinte e um anos), João entrou na ordem dos carmelitas de Medina del Campo, tendo, no ano seguinte, professado com o nome de João de S. Matias. Nesse mesmo ano (de 1564), ingressou na Universidade de Salamanca (para estudar Filosofia e Teologia). Em 1567, conheceu Teresa de Jesus (ou Teresa de Ávila), que, nesta altura, já tinha permissão do Superior Geral da ordem dos carmelitas calçados para iniciar a reforma. Depois de terminado o curso, em 1568, João dirigiu-se para Duruelo (Ávila), dando início, no dia 28 de Novembro, ao primeiro mosteiro masculino da ordem carmelita descalça, passando a chamar-se João da Cruz. De 1572 a 1577, João foi confessor do mosteiro das carmelitas da Encarnação (onde se encontrava Teresa de Jesus).

aplicado a Deus, por Isabel) – «transforma em si próprio tudo o que toca»²¹⁷. Assim sendo, o propósito do Amor de Deus (d’O Amor ou de Deus) é Divinizar (transformar em Divino tudo o que não é Divino).

- Por luz entende-se «tudo o que produz claridade»²¹⁸, sendo a própria claridade também luz²¹⁹. Sendo Deus Fogo (de Amor), então também Deus é Luz²²⁰. Mas Deus não é a luz do Sol ou a luz do lume ou qualquer outro tipo de luz existente no mundo sensível (mesmo se Ele os utiliza para Se revelar), porque todas estas luzes são criaturas e Deus não é criatura. Além disso, nada disso existe antes de toda e qualquer criação, sendo precisamente este o “período” em que estamos, neste momento do trabalho. Daí que a Luz de Deus seja uma Luz Divina, com «[o Seu] clarão, [o Seu] brilho [...] [e a Sua] claridade»²²¹ próprias. Como Deus é Inacessível e como Deus é Luz, então também Deus é *Luz Inacessível* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho) ou *Inacessível Luz* (atributo aplicado a Deus, por Isabel). E como Deus é Sublime – porque, conforme fomos constatando até ao momento neste trabalho, Deus «passa para além de tudo e de todos; [...] [sendo] muito nobre, grande, majestoso, transcendente, magnífico, puro, extraordinário, esplêndido, luminoso,

Após passar por grandes dificuldades (quer referentes à reforma da ordem, quer pela sua frágil saúde), João morreu, com quarenta e nove anos, à meia-noite (em ponto) do dia 13 para 14 de Dezembro de 1591, em Úbeda, vítima de uma septicemia e de chagas purulentas na perna direita. Em 1675, João da Cruz foi beatificado e, em 1726, canonizado. Em 1926, foi declarado Doutor da Igreja (cf. RODRÍGUEZ, J. V. – Juan de la Cruz. In *DICCIONARIO de los Santos*, vol. 2, p. 1321-1333; JOÃO da Cruz. In TAVARES – *Dicionário de Santos*, p. 85).

²¹⁷ JOÃO DA CRUZ – *La vive Flamme*, p. 490. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 13.

²¹⁸ LUZ. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 546.

²¹⁹ Cf. LUZ. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 546.

²²⁰ Cf. FOGO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 5, p. 223.

²²¹ FOGO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 5, p. 223.

incomparável [...] [,] alto, poderoso [...], irresistível, [...], forte, [...] belo, perfeito [...] [e] único»²²², sendo, por isso, «digno da maior admiração e do maior respeito»²²³ – e como Deus é Luz, então também Deus é *Luz Sublime* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). E tal como o sol é «o astro central e luminoso do nosso sistema planetário, em volta do qual gravitam a Terra, os planetas e os cometas, e do qual nos vem o calor e a luz»²²⁴, também Deus, de forma análoga, é O Sol, uma vez que Ele é O Criador e Ordenador do universo, em volta do qual gravita a vida de todas as criaturas, visíveis e invisíveis (criadas e sustentadas por Ele), e do qual nos vem A Vida, A Inteligência, O Amor (que, ao ser Fogo, é Calor e Luz), etc. E sendo Deus Sol e sendo Deus Justiça, então também Deus é *Sol de Justiça* (atributo aplicado a Deus, por Isabel).

2.5. Conclusão

Tendo nós partido da Revelação que Deus fez a Moisés (e, desta forma, a todos os homens) de que Ele é Aquele que É, foi nossa preocupação mostrar que só Deus existia (e mais ninguém), antes de toda e qualquer criação, tendo sido também nosso propósito responder a diversas questões que naturalmente surgem em relação ao “período” que antecede a existência de qualquer criatura, como, por exemplo, quem é Deus e como vivia Deus.

²²² SUBLIME. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 338.

²²³ SUBLIME. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 338.

²²⁴ SOL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 267.

Conforme fomos constatando, a Substância Divina (Deus) compreende um número infinito de atributos, dos quais o entendimento só conhece alguns²²⁵. E mesmo daqueles que o entendimento conhece, nós só focamos alguns. Consideramos que subimos apenas um “degrau” na “escada de infinitos degraus” que é o nosso conhecimento em relação a Deus. Mas mais “degraus” iremos subir, ao longo deste trabalho.

De notar que, apesar de não termos referido, de forma explícita, de que forma Deus vivia, antes de existir qualquer criatura, ela foi mencionada, mas de forma implícita. Por exemplo, quando afirmamos que Deus é O Grande Solitário, implicitamente está a ser afirmado que Deus – como afirma Isabel – «vive numa eterna, numa imensa solidão»²²⁶ ou, por outras palavras, que Deus vive numa eterna e imensa tranquilidade. Também quando afirmamos que Deus é Luz Inacessível, implicitamente está a ser afirmado que Deus «*habita uma luz inacessível*» (1Tim 6,16)²²⁷, como refere Agostinho citando Paulo de Tarso. Do mesmo modo, Deus – ao ser Rei, Inteligível, Puro e Sublime – habita num «palácio invisível e inteligível»²²⁸, cuja morada é «de uma etérea pureza sublime»²²⁹, como afirma Agostinho. E sendo Deus Feliz, então Deus vive... Feliz!

Porém, da mesma maneira que o nosso entendimento só conhece alguns dos infinitos atributos de Deus, também o nosso entendimento só conhece alguns aspectos de como vivia Deus.

²²⁵ Cf. ATRIBUTO. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 43.

²²⁶ ISABEL DA TRINDADE – UR, 26.

²²⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 10.

²²⁸ AGOSTINHO – *Trin*, III, 4, 9.

²²⁹ AGOSTINHO – *Trin*, III, 7, 12.

3. Deus Trino

Há um aspecto de como vivia Deus – e, sendo Deus Eterno e Imutável, é como Ele permanentemente vive – que nós não focamos e que contribui para conhecermos mais quem é Deus: Deus vivia (e vive permanentemente) em comunhão.

Mas o que significa viver em comunhão?

Segundo Isabel, viver em comunhão significa viver em comum¹, isto é, viver em sociedade ou em comunidade².

Mas sendo Deus, antes de toda e qualquer criação, O único vivente (conforme constatamos anteriormente), como é possível que Ele viva em comunidade?

O quadro seguinte, que apresenta mais atributos que Isabel e Agostinho aplicam a Deus, ajudar-nos-á a dar resposta a essa pergunta.

Gostaríamos de salientar que, propositadamente, estes atributos não foram inseridos no quadro exposto no capítulo anterior. A razão que nos levou a proceder desta maneira será mencionada quando iniciarmos a análise deste quadro.

Mais atributos aplicados a Deus		
por Isabel e por Agostinho ³ :	só por Isabel ⁴ :	só por Agostinho ⁵ :
1) «Os Três»; 2) «Trindade».	1) «Santíssima Trindade»; 2) «Tranquila	1) «Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo»; 2) «Trindade

¹ Cf. ISABEL DA TRINDADE – CT, 14.

² Cf. COMUM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 344.

³ 1) ISABEL DA TRINDADE – UR, 31; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30. 2) ISABEL DA TRINDADE – CT, 2; AGOSTINHO – IV, 21, 30.

⁴ 1) ISABEL DA TRINDADE – CT, 21. 2) ISABEL DA TRINDADE – UR, 43. 3) ISABEL DA TRINDADE – UR, 44. 4) ISABEL DA TRINDADE – UR, 44. 5) ISABEL DA TRINDADE – CT, 14.

⁵ 1) AGOSTINHO – *Trin*, I, 3, 5. 2) AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30. 3) AGOSTINHO – *Trin*, II, 13, 23. 4) AGOSTINHO – *Trin*, II, 11, 21. 5) AGOSTINHO – *Trin*, II, 10, 19. 6) AGOSTINHO – *Trin*, III, 1, 1. 7) AGOSTINHO – *Trin*, II, 15, 25. 8) AGOSTINHO – *Trin*, I, 13, 31. 9) AGOSTINHO – *Trin*, Prólogo. 10) AGOSTINHO – *Trin*, III, 1, 3. 11) AGOSTINHO – *Trin*, IV, 9, 12.

	<p>Trindade»;</p> <p>3) «Insondável Trindade»;</p> <p>4) «Trindade imutável»;</p> <p>5) «As Três adoráveis Pessoas».</p>	<p>Omnipotente»;</p> <p>3) «Estes três são um só Deus»;</p> <p>4) «Três, [mas] [...] um único Senhor»;</p> <p>5) «Deus Trindade, Deus uno»;</p> <p>6) «Trindade, Deus único, supremo e supremamente bom»;</p> <p>7) «Deus invisível e inteligível, não somente o Pai, mas também o Filho e o Espírito Santo»;</p> <p>8) «<i>O Deus único, Pai e Filho e Espírito Santo</i>»;</p> <p>9) «Trindade que é o Deus supremo e verdadeiro»;</p> <p>10) «O Senhor Deus que é entendido como a própria Trindade»;</p> <p>11) «Comunidade de amor».</p>
--	---	--

Observando o quadro, constatamos que Deus vive em comunidade, porque além de Deus ser Uno (Um e Único), Deus também é Trino isto é «consta de três»⁶: *Pai e Filho e Espírito Santo* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho). Por outras palavras, a Unidade, em Deus, é Trina. Daí que Deus também seja nomeado *Trindade* (atributo aplicado a Deus, por Isabel e por Agostinho), isto é, «união de três»⁷. Com a finalidade de especificar quem são esses três, também se nomeia Deus: *Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho).

Daqui se conclui que a Solidão de Deus (referida e analisada no capítulo anterior) jamais poderia ter o sentido de isolado e de só, porque Deus, desde sempre e para todo o sempre, vive em Comunidade.

E como Deus é Amor e Deus vive em Comunidade, então Deus vive numa *Comunidade de Amor* (atributo aplicado a Deus, por Agostinho), vivendo no Amor, pelo Amor e com Amor, não só Uns com os Outros mas, principalmente, Uns para os Outros.

De notar que não encontramos, em Isabel, ao longo dos seus Tratados Espirituais (e, como tal, no quadro exposto), a denominação *Pai e Filho e Espírito Santo* (sempre nomeada assim por Agostinho, nunca esquecendo este de colocar um *e* entre Pai e Filho), nem a tão comumente utilizada, pelo menos entre os portugueses, *Pai, Filho e Espírito Santo* (onde em vez do *e* entre Pai e Filho encontramos uma vírgula). Contudo, Isabel utiliza expressões, em que a denominação *Pai, Filho e Espírito Santo* se encontra subentendida. É o caso de «Imenso Pai, Imenso Filho, Imenso Espírito Santo»⁸ e de «Glória ao Pai, ao Verbo, ao Espírito Santo»⁹. De notar que, neste último caso, aparece Verbo em vez de Filho. Contudo, os dois termos referem o mesmo, tal como afirma Agostinho quando diz que «é, na verdade, evidente

⁶ TRINO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 234.

⁷ TRINDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 233.

⁸ *Symbolum Athanasii*. Apud ISABEL DA TRINDADE – UR, 44.

⁹ ISABEL DA TRINDADE – CT, 42.

que por Verbo de Deus entendemos o Filho único de Deus»¹⁰, conforme teremos oportunidade de constatar, ainda neste trabalho.

Foi tendo em conta esta faceta de Deus (chamemos-lhe assim) – a Trindade – que este quadro foi construído, enquanto que o quadro exposto no capítulo anterior só teve em consideração a outra faceta de Deus – a Unidade. Com efeito, o quadro, apresentado no capítulo anterior, revelava os atributos que Isabel e Agostinho associaram, de forma explícita, ao nome Deus, sem que houvesse qualquer relação explícita com a Trindade, enquanto que este novo quadro revela os atributos que Isabel e Agostinho associam, de forma explícita, ao nome Trindade, salientando, em alguns casos, a relação que existe entre a Unidade e a Trindade.

Começemos por deter-nos nesta relação que existe entre a Unidade e a Trindade e que o quadro expõe.

Constatamos que quer Isabel, quer Agostinho associam à Trindade atributos que aplicaram a Deus Uno e que se encontravam expostos no quadro do capítulo anterior, como, por exemplo: *Santíssima, Tranquila, Insondável, Imutável* (atributos aplicados à Trindade e a Deus Uno, por Isabel); *Deus, Omnipotente, Um, Uno, Único, Senhor, Invisível, Inteligível, Supremo, Supremamente Bom, Verdadeiro* (atributos aplicados à Trindade e a Deus Uno, por Agostinho).

De notar que o atributo Santíssima(o) não aparece, de forma literal, no quadro exposto no capítulo anterior. Contudo, ele encontra-se subentendido nos atributos *Santo, Santo, Santo e Deus três vezes Santo* (atributos aplicados a Deus Uno, por Isabel), uma vez que estes, conforme já referimos anteriormente, têm o mesmo sentido de Santíssimo.

Isabel e Agostinho, ao associarem à Trindade estes atributos que pertenciam a Deus Uno, dão a entender que ambos coincidem, isto é, que a Trindade é Deus e que Deus é a Trindade. E se assim é, então todos os atributos de Deus Uno são atributos da Trindade e vice-versa.

¹⁰ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9.

Mas Agostinho não fica só no “dar a entender”, expressando mesmo essa coincidência. Como exemplo, apontamos as seguintes afirmações de Agostinho (estando elas contidas no quadro anteriormente exposto):

- *Deus Trindade, Deus uno* (ou, por outras palavras, Deus Trindade é Deus Uno);
- *Trindade, Deus único* (ou, por outras palavras, Trindade é Deus único);
- *Trindade que é o Deus supremo e verdadeiro* (ou, por outras palavras, Trindade é Deus);
- *Deus único, Pai e Filho e Espírito Santo* (ou, por outras palavras, Deus único, Trindade, isto é, Deus único é a Trindade);
- *O Senhor Deus que é entendido como a própria Trindade* (ou, por outras palavras, o Senhor Deus é a Trindade).

De notar que as três primeiras expressões indicam que a Trindade é Deus, enquanto que as duas últimas indicam que Deus é a Trindade.

E Agostinho não só expressa essa mesma coincidência, como vai, por um lado, ousar dar uma explicação (tal como ele refere), de forma explícita, do porquê que a Trindade é Deus¹¹ – mostrando que a Trindade é Una ou, por outras palavras, que a *Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo é O Deus Supremo e Verdadeiro* (atributos aplicados à Trindade, por Agostinho), isto é, que *Estes Três são Um só Deus* (atributo aplicado à Trindade, por Agostinho) e *Um Único Senhor* (atributo aplicado à Trindade, por Agostinho) – e, por outro lado, mas agora de forma implícita, porque é que Deus é a Trindade, mostrando que a Unidade é Trina ou, por outras palavras, que *O Deus Único é Pai e Filho e Espírito Santo*, isto é, que O Deus Único é *Estes Três*.

Seguindo os passos dados por Agostinho e, sempre que possível, também os de Isabel, iremos explicar porque é que a Trindade é Deus e Deus é a Trindade, desenvolvendo também cada uma destas expressões.

¹¹ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 2, 4.

Comecemos por ver, primeiro, porque é que Deus é a Trindade, para só depois vermos porque é que a Trindade é Deus.

3.1. Deus é a Trindade

Explicar porque é que Deus é a Trindade, como já foi dito anteriormente, é o mesmo que explicar porque é que Deus consta de três.

Se mostrarmos que, antes de qualquer criação, existiam *Três Adoráveis Pessoas* (atributo aplicado à Trindade, por Isabel), sendo Elas o Pai, o Filho e o Espírito Santo – e uma vez que, antes de qualquer criação, só existia Deus e mais ninguém – então Deus realmente consta de três, nomeadamente consta do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Mas o que significa *Os Três* (atributo aplicado à Trindade, por Isabel e por Agostinho) serem Pessoas? Significa que cada um d'Estes Três é uma «individualidade»¹² com personalidade ou, por outras palavras, que cada um d'Estes Três tem uma «existência separada ou *distinta* [...] [das outras existências] [, possuindo] personalidade»¹³, isto é, cada um d'Estes Três é Alguém «pensante e inteligente, capaz de razão e de reflexão»¹⁴, capaz de se relacionar, de forma íntima e emotiva, com as outras¹⁵.

Assim sendo, Estes Três – ao serem, cada um, Pessoa – são Alguém (e não algo ou alguma coisa), fazendo com que Deus (que são Eles os Três) também seja Alguém. Por isso, ao longo deste trabalho, fomos mencionando Deus como Alguém.

Para mostrarmos que Deus consta de três, começemos por ver os atributos que Isabel e Agostinho aplicam ao Pai, aplicam ao Filho e aplicam ao Espírito Santo, tendo em conta o

¹² PESSOA. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 35.

¹³ INDIVIDUALIDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 142.

¹⁴ PESSOA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 310-311.

¹⁵ Cf. PESSOA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 310-311.

“período” que estamos a abordar neste trabalho (o “período” que antecede a existência do mundo, do tempo, do espaço e de todas as criaturas espirituais).

Atributos aplicados ao Pai		
por Isabel e por Agostinho ¹⁶ :	só por Isabel ¹⁷ :	só por Agostinho ¹⁸ :
<p>1) «Pai»;</p> <p>2) «O Pai»;</p> <p>3) «Pai das luzes» (Tg 1,17; Tg 1,17);</p> <p>4) «Eterno»;</p> <p>5) «Deus»;</p> <p>6) Pessoa.</p>	<p>1) «Pai do Céu»;</p> <p>2) «Pai celeste» (Mt 5,48);</p> <p>3) «Perfeito» (Mt 5,48);</p> <p>4) «Imenso».</p>	<p>1) Pai do Filho;</p> <p>2) «O Pai gerador [do Filho]»;</p> <p>3) «Deus e Pai»;</p> <p>4) «Deus Pai»;</p> <p>5) «<i>Deus omnipotente</i>» (Sab 7,25);</p> <p>6) «Senhor»;</p> <p>7) «<i>O Ancião dos dias</i>» (Dan 7,9);</p> <p>8) «<i>Luz eterna</i>» (Sab 7,26);</p> <p>9) «Luz da qual emana a luz»;</p> <p>10) «<i>Altíssimo</i>»</p>

¹⁶ **1)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 1; AGOSTINHO – *Trin*, I, 1, 3. **2)** JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 67. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 22; AGOSTINHO – *Trin*, I, 4, 7. **3)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 30; AGOSTINHO – *Trin*, I, 1, 2. **4)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 2; Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **5)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 14; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1. **5)** Cf. ISABEL DA TRINDADE – CT, 14; AGOSTINHO – *Trin*, I, 10, 21.

¹⁷ **1)** ISABEL DA TRINDADE, Beata – A Grandeza da nossa Vocação, 13. In ISABEL DA TRINDADE – *Obras*, p. 138. **2)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 25. **3)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 25. **4)** *Symbolum Athanasii*. Apud ISABEL DA TRINDADE – UR, 44.

¹⁸ **1)** Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **2)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **3)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 16. **4)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 7, 14. **5)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **6)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 10, 19. **7)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 33. **8)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **9)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **10)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 28. **11)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 28. **12)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

		(Sir 24,3); 11) «O Pai não procede de ninguém»; 12) «O Princípio de toda a divindade ou, melhor dizendo, de toda a deidade ¹⁹ ».
--	--	---

Atributos aplicados ao Filho		
por Isabel e por Agostinho ²⁰ :	só por Isabel ²¹ :	só por Agostinho ²² :
1) «O Filho de Deus»;	1) «O Filho do Eterno»;	1) «Filho único de Deus»;
2) «O Filho»;	2) «Divino Filho»	2) «O único Filho do
3) «Verbo de Deus»;	(Rom 8, 29);	

¹⁹ Refere Agostinho que a «deidade [...] é [...] a unidade incorpórea e imutável da Trindade, e consubstancial e co-eterna a si mesma por natureza» (AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 15). Por outras palavras, a deidade é a Substância Divina.

²⁰ **1)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 1; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 13, 17. **2)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 2; AGOSTINHO – *Trin*, I, 4, 7. **3)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 3; AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9. **4)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 19; AGOSTINHO – *Trin*, I, 13,31. **5)** JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 67. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 23; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **6)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 10; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 14, 19. **7)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 28; AGOSTINHO – *Trin*, I, 7, 14. **8)** JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 67. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 22; AGOSTINHO – *Trin*, II, 5, 9. **9)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 13; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 12, 15. **10)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 15; AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9. **11)** Cf. ISABEL DA TRINDADE – CT, 14; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30.

²¹ **1)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 2. **2)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 26. **3)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 31. **4)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 39. **5)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 15. **6)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 3. **7)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 3. **8)** *Symbolum Athanasii*. Apud ISABEL DA TRINDADE – UR, 44. **9)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 38.

²² **1)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9. **2)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27. **3)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 7, 14. **4)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **5)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 3. **6)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **7)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **8)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26. **9)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 5, 9. **10)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26. **11)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26. **12)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 3. **13)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **14)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **15)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **16)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **17)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **18)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27. **19)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 2. **20)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 7, 11. **21)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9. **22)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9. **23)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26. **24)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26. **25)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26. **26)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 10. **27)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 14, 19. **28)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 24. **29)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 3. **30)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 18, 24. **31)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 24. **32)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

<p>4) «O Verbo»;</p> <p>5) «Esplendor [de Deus-Pai]»;</p> <p>6) «Santo»;</p> <p>7) «Senhor» (Flp 3,8; –);</p> <p>8) «Eterno»;</p> <p>9) «Rei»;</p> <p>10) «O Verdadeiro» (Ap 19,11; 1Jo 5,20);</p> <p>11) Pessoa.</p>	<p>3) «Filho bem-amado [pelo Pai]» (Ef 1,6);</p> <p>4) «O Santo de Deus»;</p> <p>5) «O Fiel» (Ap 19,11);</p> <p>6) «O Calmo»;</p> <p>7) «O Forte»;</p> <p>8) «Imenso»;</p> <p>9) «Dom de Deus».</p>	<p>Pai»;</p> <p>3) «O Filho Unigénito de Deus Pai»;</p> <p>4) «O Filho gerado [pelo Pai]»;</p> <p>5) «Incriado»;</p> <p>6) «Filho do Pai»;</p> <p>7) «Igual, consubstancial e co-eterno ao Pai»;</p> <p>8) «A Palavra do Pai»;</p> <p>9) «A Palavra de Deus»;</p> <p>10) «O mandamento do Pai»;</p> <p>11) «O Verbo do Pai»;</p> <p>12) «Verbo imutável de Deus»;</p> <p>13) «<i>Emanação pura do esplendor de Deus omnipotente</i>» (Sab 7,25);</p> <p>14) «<i>Esplendor da luz eterna</i>» (Sab 7,26);</p> <p>15) «Luz que emana da luz»;</p> <p>16) «Luz da luz eterna»;</p>
--	--	---

		<p>17) «Luz co-eterna com a luz da qual emana a luz»;</p> <p>18) «Luz da luz»;</p> <p>19) «Deus de Deus»;</p> <p>20) «Deus»;</p> <p>21) «<i>Verdadeiro Deus</i>» (1Jo 5,20);</p> <p>22) «<i>A vida eterna</i>» (1Jo 5,20);</p> <p>23) «É»;</p> <p>24) «<i>A vida</i>»;</p> <p>25) «Vida imutável»;</p> <p>26) «A Sabedoria de Deus»;</p> <p>27) «Justo»;</p> <p>28) «<i>A Verdade</i>» (Jo 14,6);</p> <p>29) «A verdade imutável»;</p> <p>30) «<i>Verdade</i> co-eterna ao Pai»;</p> <p>31) «Princípio no qual Deus fez o céu e a terra»;</p> <p>32) «<i>Por meio de quem</i></p>
--	--	---

		<p><i>todas as coisas foram feitas»</i></p> <p>(Jo 1,3).</p>
--	--	--

Atributos aplicados ao Espírito Santo		
por Isabel e por Agostinho ²³ :	só por Isabel ²⁴ :	só por Agostinho ²⁵ :
<p>1) «O Espírito Santo»;</p> <p>2) «Espírito de Deus»</p> <p>(– ; Flp 3,3);</p> <p>3) «O Espírito»</p> <p>(– ; Jo 7,39);</p> <p>4) Pessoa.</p>	<p>1) «Espírito de amor»;</p> <p>2) «Espírito de [...] força»;</p> <p>3) «Braseiro do amor»;</p> <p>4) «Amor»;</p> <p>5) «Laço do Pai e do seu Verbo»;</p> <p>6) «Imenso».</p>	<p>1) «O Espírito do Pai e do Filho»;</p> <p>2) «<i>Espírito da Verdade</i>» (Jo 14,17);</p> <p>3) «<i>Advogado</i>» (Jo 14,16);</p> <p>4) «<i>Paráclito</i>» (Jo 15,26);</p> <p>5) «Senhor»;</p> <p>6) «Deus»;</p> <p>7) «O Espírito da Sabedoria»;</p>

²³ **1)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 14; AGOSTINHO – *Trin*, I, 5, 8. **2)** JOÃO DA CRUZ – *La vive Flamme*, p. 523. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 31; AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13. **3)** JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 154. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 18; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29. **4)** Cf. ISABEL DA TRINDADE – CT, 14; AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30.

²⁴ **1)** ISABEL DA TRINDADE – UR, 43. **2)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 42. **3)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 14. **4)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 14. **5)** ISABEL DA TRINDADE – CT, 14. **6)** *Symbolum Athanasii*. Apud ISABEL DA TRINDADE – UR, 44.

²⁵ **1)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 5, 8. **2)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 18. **3)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 18. **4)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5. **5)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 10, 19. **6)** AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13. **7)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 16, 27. **8)** AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 34. **9)** AGOSTINHO – *Trin*, III, 1, 3. **10)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 13, 17. **11)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 28. **12)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29. **13)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29. **14)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29. **15)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29. **16)** AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30.

		<p>8) «Sopro de Deus»;</p> <p>9) «<i>O Espírito do Senhor</i>» (Sab 1,7);</p> <p>10) «Espírito vivo»;</p> <p>11) «<i>Procede do Pai</i>» (Jo 15,26);</p> <p>12) «Procede não só do Pai, mas também do Filho»;</p> <p>13) «Dom de Deus»;</p> <p>14) «É um só Espírito»;</p> <p>15) «<i>Opera tudo em todos</i>» (1Cor 12,6);</p> <p>16) «[A substância do Espírito Santo é] co-eterna ao Pai e ao Filho e igualmente imutável».</p>
--	--	---

Observando os quadros, constatamos que cada um d'Estes Três é uma *Pessoa* (atributo aplicado ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por Isabel e por Agostinho), porque, em primeiro lugar, cada um tem uma característica que lhe é própria, isto é, tem um atributo que nenhuma das outras Pessoas tem e, por isso, cada um d'Eles tem uma existência distinta das outras; em segundo e último lugar, cada um d'Os Três possui personalidade, uma vez que

cada um d'Os Três é dito *Deus* (atributo aplicado ao Pai, por Isabel e por Agostinho, e aplicado ao Filho e ao Espírito Santo, por Agostinho) e, como tal, cada um possui todos os atributos de Deus, nomeadamente a Sua Inteligência Infinita e Perfeita (e, por isso, cada um é Alguém Pensante e Inteligente), bem como o Seu Amor Infinito e Perfeito (e, por isso, cada um é capaz de se relacionar, de forma íntima e emotiva, com os outros).

Deixando para quando for oportuno as razões que nos levam a afirmar que Os Três possuem personalidade, comecemos por mostrar que cada um d'Os Três tem uma existência distinta das outras, possuindo cada um d'Eles uma característica que lhe é própria.

Tendo em conta os atributos aplicados ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por Isabel e por Agostinho, concentremos, num único quadro, a característica própria de cada uma das Pessoas da Trindade:

Característica própria		
do Pai:	do Filho:	do Espírito Santo:
<p>Paternidade²⁶</p>	<p>Filiação (Processão por geração)²⁷</p>	<p>Processão por inspiração²⁸</p>
<p>✓ Porque Ele é:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Pai, O Pai e Pai das Luzes</i> (atributos aplicados por Isabel e por Agostinho); - <i>Pai do Céu e Pai Celeste</i> (atributos aplicados por 	<p>✓ Porque Ele é:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>O Filho de Deus e O Filho</i> (atributos aplicados por Isabel e por Agostinho); - <i>O Filho do Eterno e Filho bem-amado do Pai</i> (atributos 	<p>✓ Porque Ele:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Procede do Pai e também do Filho</i> (atributos aplicados por Agostinho).

²⁶ Cf. ROVIRA BELLOSO, Josep – Trinidad: Padre, Hijo y Espíritu Santo. In *DICCIONARIO Teológico*, p. 1390-1391; BREUNING, Wilhelm – Doctrina Trinitaria. In *DICCIONARIO de Teología Dogmática*, p. 214.

²⁷ Cf. ROVIRA BELLOSO – Trinidad, p. 1390-1391; BREUNING – Doctrina Trinitaria, p. 214.

²⁸ Cf. ROVIRA BELLOSO – Trinidad, p. 1390-1391; BREUNING – Doctrina Trinitaria, p. 214.

<p>Isabel);</p> <p>- <i>Pai do Filho, Pai gerador do Filho e Deus Pai</i> (atributos aplicados por Agostinho).</p>	<p>aplicados por Isabel);</p> <p>- <i>Filho único de Deus, O único Filho do Pai, O Filho Unigénito de Deus, O Filho gerado pelo Pai e Filho do Pai</i> (atributos aplicados por Agostinho).</p>
--	---

Observando o quadro, constata-se que, em Deus, há um Pai e um só Pai, que gerou um Filho e um só Filho (daí Ele ser chamado de Unigénito²⁹), tendo procedido, dessa geração, um Espírito e *um só Espírito* (atributo aplicado ao Espírito Santo, por Agostinho), que é *O Espírito do Pai e do Filho* (atributo aplicado ao Espírito Santo, por Agostinho).

Assim sendo, em Deus, antes de qualquer criação, houve uma geração e uma inspiração.

E, através da geração, Deus tornou-se Pai de um Filho.

E, fruto dessa geração, por inspiração procedeu um Espírito³⁰.

Como Deus se tornou Pai de um Filho, facilmente se constata que o Pai é Deus. Com efeito, não é por Deus ter gerado um Filho que perdeu a Sua Divindade. Aliás, se tivesse perdido a Sua Divindade, é porque afinal não era Deus, porque Deus é Imutável. E porque Deus é Imutável, é evidente que *Deus Pai* ou *Deus e Pai* (atributos aplicado ao Pai, por Agostinho) possui – ou, melhor dizendo, é – todos os atributos de Deus.

De notar que Isabel, apesar de nunca denominar o Pai por Deus Pai, aplica-Lhe constantemente o nome Deus. É de tal maneira frequente que, ao folhearmos os seus Tratados

²⁹ Cf. UNIGÉNITO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 348.

³⁰ Cf. BREUNING – *Doctrina Trinitaria*, p. 214.

Espirituais, sentimos necessidade de ler várias vezes as frases onde o termo se encontrava, a fim de discernirmos a quem se aplicava o termo: se a Deus Pai, se a outra Pessoa da Trindade ou se à Trindade. Damos como exemplo, daquilo que acabamos de referir, as seguintes passagens: «Deus, inclinando-se sobre esta alma [...], tão conforme à imagem do seu Filho [...]. E, nas suas entranhas de Pai, estremece»³¹; «Isso não é digno de uma filha de Deus, duma esposa de Cristo, dum templo do Espírito Santo»³².

Contudo, não é só Isabel que procede desta forma. Com efeito, Agostinho também o faz (com muito menos frequência que Isabel) como, por exemplo, nesta frase: «Isto imploro ao Deus do meu coração [...] e de longe procurando voltar pelo caminho que ele pavimentou com a humanidade da divindade do seu unigénito me vem a aspensão da aura da sua verdade»³³.

Também Paulo de Tarso procede da mesma maneira como, por exemplo, nas seguintes passagens (a primeira, citada por Isabel e, a segunda, citada por Agostinho): «Aqueles que Deus conheceu na sua presciência, também os predestinou para serem conformes à imagem do seu Filho» (Rom 8,29)³⁴; «*Fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho*» (Rom 5,10)³⁵.

Todas estas frases, que acabamos de referir, mostram-nos como o Pai realmente é Deus, uma vez que todos os seus autores utilizaram nelas o termo Deus, quando tinham em mente o Pai.

Mas o testemunho mais relevante vem do próprio Filho, quando Este – tal como nos relata Agostinho, citando João Evangelista – após ter Incarnado, disse: «*o Pai tem vida em si mesmo*» (Jo 5,26)³⁶. Ora, se o Pai tem vida em Si mesmo, isso significa que o Pai não foi gerado, nem criado, pelo que não dependeu de algo ou de alguém para começar a viver, nem depende de algo ou de alguém para continuar a viver, subsistindo por Si mesmo e em Si

³¹ ISABEL DA TRINDADE – UR, 14.

³² ISABEL DA TRINDADE – UR, 25.

³³ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 1.

³⁴ ISABEL DA TRINDADE – GV, 9.

³⁵ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 1, 2.

³⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

mesmo. Por outras palavras, o Pai é Absoluto, nomeadamente na Vida (coincidindo A Vida com o Pai). Mas como só Deus é Absoluto e só Deus é A Vida, então o Pai é Deus, existindo antes do mundo, do tempo, do espaço e de todas as criaturas espirituais ou, por outras palavras, existindo antes de existir qualquer criatura.

Mas como é que Deus gerou um Filho, tornando-se Pai?

Citando Ruysbroeck, Isabel responde a essa pergunta: «O Pai contempla-se a Si mesmo [...] no abismo da fecundidade, e eis que, pelo próprio acto de se compreender, gera outra pessoa, o Filho, o seu Verbo eterno»³⁷.

Dizer Verbo ou dizer Palavra é exactamente a mesma coisa³⁸.

E uma vez que a acção própria de Deus é uma acção espiritual e imanente³⁹ (acção que permanece dentro d'Ele mesmo⁴⁰), então quando Deus pensa, diz e quando Deus diz, pensa, no sentido de que, em Deus, Entendimento (pensar) e Palavra (falar) coincidem. Mas porque Deus é Vida, quando Deus pensa (ou fala) é gerada vida⁴¹.

Se aplicarmos o que acabamos de referir à frase anterior de Isabel, concluímos que quando Deus aplica o Seu Infinito Intelecto sobre Si mesmo, gera um Conhecimento (Palavra ou Verbo) sobre Si mesmo, na forma de uma nova Pessoa: o Seu Filho.

Por isso é que se chama geração à processão do Filho e se chama Filho à Palavra (Verbo) que daí procede⁴².

Dáí que dizer Filho, Verbo ou Palavra é dizer exactamente o mesmo.

Mas dizer Mandamento também é o mesmo que dizer Filho, Verbo ou Palavra. Com efeito, afirma Agostinho que «O mandamento do Pai não é uma coisa, e outra a Palavra do Pai; na verdade, o Senhor [, isto é, o Filho Incarnado] chamou-lhe tanto “palavra” como

³⁷ JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 67. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 22.

³⁸ Cf. VERBO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 472.

³⁹ Cf. ROVIRA BELLOSO, Josep – Procesiones Divinas. In *DICCIONARIO Teológico*, p. 1132.

⁴⁰ Cf. IMANÊNCIA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 198.

⁴¹ Cf. ROVIRA BELLOSO – Procesiones Divinas, p. 1133.1138.

⁴² Cf. ROVIRA BELLOSO – Procesiones Divinas, p. 1133.1138.

“mandamento”⁴³, conforme se pode verificar na seguinte passagem bíblica, de João Evangelista, e que é citada por Agostinho:

*«Se alguém não ouve as minhas palavras, eu não o julgarei. [...] Não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. [...] Aquele que me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue [...]. [...] A palavra que eu disse, ela mesma o julgará no último dia. [...] Porque eu não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me deu o mandamento do que devia dizer e do que devo ensinar, e sei que o seu mandamento é vida eterna. O que eu digo, digo-o tal como me disse o Pai» (Jo 12,47-50)*⁴⁴.

Do texto depreende-se – tal como refere Agostinho – que quem julgará, no último dia, será a Palavra que o Filho disse. Contudo, o Filho não falou por Si mesmo, tendo falado conforme o Mandamento que recebeu do Pai (e que indicava o que Ele devia dizer e ensinar). Assim sendo, a Palavra que o Filho disse corresponde ao Mandamento que o Pai Lhe deu ou, por outras palavras, corresponde à Palavra do Pai⁴⁵. Mas como a Palavra do Pai é o próprio Filho (conforme já referimos anteriormente), então o Mandamento do Pai é o Filho.

Como dizer Filho, Verbo, Palavra ou Mandamento é exactamente a mesma coisa e uma vez que Deus, ao gerar o Filho, tornou-se Pai, então todos as seguintes expressões (que são atributos do Filho, aplicados por Isabel e/ou por Agostinho) são sinónimas:

- *O Filho de Deus* (aplicado por Isabel e por Agostinho);
- *O Filho do Eterno* (aplicado por Isabel);
- *Filho do Pai* (aplicado por Agostinho);
- *Filho de Deus Pai* (aplicado por Agostinho);
- *Verbo de Deus* (aplicado por Isabel e por Agostinho);
- *O Verbo* (aplicado por Isabel e por Agostinho);
- *O Verbo do Pai* (aplicado por Agostinho);

⁴³ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

⁴⁴ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

⁴⁵ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

- *A Palavra do Pai* (aplicado por Agostinho);
- *A Palavra de Deus* (aplicado por Agostinho);
- *O Mandamento do Pai* (aplicado por Agostinho).

Mas como é que sabemos que a geração do Filho, pelo Pai, foi antes de qualquer criação?

Em primeiro lugar, o próprio Filho, após a Sua Incarnação (ocorrida depois da criação do mundo), dá a entender que Ele já existia antes do mundo existir, nomeadamente na seguinte passagem bíblica, atribuída a João Evangelista, e que Isabel cita: «Pai, quero que onde eu estiver, aqueles que vós me destes, aí estejam comigo, a fim de que contemplem a glória que me haveis dado, porque me amastes antes da criação do mundo» (Jo 17,24)⁴⁶.

Além do Filho já existir antes do mundo existir, também Ele já era amado pelo Pai, antes da criação do mundo. Daí que o Filho também seja dito *Filho bem-amado pelo Pai* (atributo aplicado ao Filho, por Isabel), mostrando que o relacionamento entre Filho e Pai era (e é) de Amor. Mas o Espírito Santo não fica de fora deste relacionamento de Amor. Com efeito, Isabel, além de aplicar explicitamente o atributo *Amor* ou atributos relacionados com o Amor ao Espírito Santo (como, por exemplo, *Espírito de Amor* e *Braseiro de Amor*), também considera que o Espírito Santo é o elo de ligação entre o Pai e o Filho, principalmente no que concerne ao Amor, visto que Ele, na Trindade, – tal como refere Isabel – é o *Laço [de Amor] do Pai e do seu Verbo* (atributo aplicado ao Espírito Santo, por Isabel). Daí que *Deus*, além de viver em Comunidade, vive de uma forma muito especial: vive numa *Comunidade de Amor* (atributo aplicado à Trindade, por Agostinho).

Em segundo e último lugar, Agostinho afirma que «foi dito: *Gerou-me antes de todas as colinas* [Prov 8,25], isto é, antes de todas as elevações das criaturas, e *Gerei-te antes da aurora* [Sl 110(109),3], quer dizer, antes de todos os tempos e de todas as coisas temporais»⁴⁷.

⁴⁶ ISABEL DA TRINDADE – CT, 1.

⁴⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 24.

Mas o que significa antes de todas as elevações das criaturas? Significa o mesmo que antes de todas as criaturas serem levantadas⁴⁸ ou, por outras palavras, antes de todas as criaturas serem feitas⁴⁹, isto é, antes de existirem todas as criaturas. De notar que Agostinho, ao dizer todas, está a englobar quer as criaturas corporais, quer as criaturas espirituais.

Como sabemos que é o Filho quem fala na primeira citação e que é o Pai quem fala na segunda?

Uma vez que o Filho é a *Sabedoria de Deus* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho) – conforme veremos posteriormente – e quem fala da primeira vez é a Sabedoria (cf. Prov 8,1-3), então quem fala da primeira vez é o Filho.

Em relação à segunda citação, analisemos o início do Salmo, no qual ela está inserida, e que é citado por Agostinho: «*O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita*» (Sl 110(109),1)⁵⁰. Daqui se conclui que quem diz aquela segunda afirmação é o Senhor para o Senhor. Uma vez que quer o Pai, quer o Filho, quer o Espírito Santo são considerados *Senhor* (atributo aplicado ao Pai, por Agostinho, aplicado ao Filho, por Isabel e por Agostinho, e aplicado ao Espírito Santo, por Agostinho) – conforme veremos posteriormente – esta passagem pode ser aplicada ou ao Pai com o Filho ou ao Pai com o Espírito Santo ou ao Filho com o Espírito Santo. Mas a qual d’Estes pares de Pessoas melhor se adequa? E qual d’Eles é o Emissor da mensagem e qual deles é o Receptor da mesma? Como «*Cristo está sentado à direita de Deus*» (Col 3,1)⁵¹ – conforme refere Agostinho, citando Paulo de Tarso – então o Senhor está a falar para o Filho, uma vez que, em Sl 110(109),1, o Senhor pede-Lhe que se sente à Sua direita. Mas quem é o Senhor que está a falar para o Filho? Só pode ser o Pai (e não o Espírito Santo), porque para Ele mandar sentar o Filho à Sua direita, é porque Ele mesmo está sentado. E, sendo Ele Senhor, é Rei, pelo que está sentado num trono, pedindo a Seu Filho que se sente num trono, junto ao d’Ele. Há uma passagem do Livro de Daniel – e

⁴⁸ Cf. ELEVACÃO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 341.

⁴⁹ Cf. LEVANTAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 434-435.

⁵⁰ AGOSTINHO – *Trin*, II, 10, 19.

⁵¹ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 3, 6.

que Agostinho cita – que relata uma visão que Daniel (séc. VI a.C.)⁵² teve, confirmando o que acabamos de dizer:

«Eu olhava [...] até que foram colocados os tronos, e o Ancião dos dias estava sentado. E as suas vestes eram brancas como a neve, e o cabelo da sua cabeça como lã pura; o seu trono era uma labareda de fogo, e as rodas do trono, fogo incandescente, e um rio de fogo corria defronte dele [...]. Eu olhava na visão da noite; e eis que, com as nuvens do céu, vinha como que um Filho do Homem, e veio até junto do Ancião dos dias e foi-lhe apresentado. E foi-lhe dado império, e glória, e reino [...]. O seu poder é um poder eterno que não passará, e o seu reino não será destruído» (Dan 7,9-10.13-14)⁵³.

Relativamente a esta passagem, afirma Agostinho: «Eis aqui o Pai, que dá, e o Filho, que recebe o reino sempiterno»⁵⁴. Foi esta passagem que nos levou a inserir o atributo *Ancião dos Dias*, no quadro relativo ao Pai, atribuindo a sua aplicação a Agostinho. Contudo, não foi inserido o atributo *Filho do Homem*, no quadro relativo ao Filho, porque este atributo não se refere a Ele antes de qualquer criação. Com efeito, o Filho de Deus torna-se Filho do Homem com a Sua Incarnação, ocorrendo esta já depois da criação do mundo, saindo já do âmbito deste trabalho.

Agostinho também considera que é Deus Pai quem fala nesta passagem bíblica, revelando a geração do Filho: «*Tu és meu Filho, eu hoje te gerei*» (Sl 2,7)⁵⁵.

Podemos, então, concluir que o Filho já existia antes de existir o mundo, o tempo, o espaço e todas as criaturas espirituais ou, por outras palavras, já existia antes de existir qualquer criatura.

⁵² Daniel foi um profeta judeu, do séc. VI, que esteve exilado na Babilónia. Contudo, o autor do Livro de Daniel não é o próprio Daniel, uma vez que o Livro descreve histórias do séc. II, correspondentes ao tempo da perseguição dos judeus pelo rei Antíoco IV Epífanes. Sendo Daniel considerado um herói do passado, por causa das suas visões e sonhos, bem como da sua fidelidade à Lei, da sua defesa dos débeis, sendo anunciador da esperança, o autor deste Livro utilizou a sua figura, readaptando os acontecimentos do tempo de Daniel aos tempos que ele mesmo estava a viver, mostrando que afinal ainda não terminara o exílio da Babilónia, podendo comparar-se Antíoco com Nabucodonosor (cf. MARCONCINI, B. – Daniel. In *DICCIONARIO de los Santos*, vol. 1, p. 603).

⁵³ AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 33.

⁵⁴ AGOSTINHO – *Trin*, II, 18, 33.

⁵⁵ AGOSTINHO – *Trin*, II, 10, 19.

Assim sendo, o Filho, que foi gerado por Deus, não foi, contudo, criado. Daí que Agostinho diga que o Filho é *Incriado* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho).

E porque o Filho vem do Pai, então também se pode dizer que:

- O Filho foi enviado pelo Pai⁵⁶ – tal como refere Agostinho – uma vez que, neste caso, «ser enviado é ser reconhecido que vem do Pai [...] [ou, por outras palavras] é ser reconhecido que procede do Pai»⁵⁷ – como afirma Agostinho – ou que emana do Pai (visto que, neste caso, as formas verbais de “vir”, “proceder” e “emanar” são sinónimas⁵⁸);
- O Filho é *Dom*⁵⁹ *de Deus* (atributo aplicado ao Filho, por Isabel).

Também o *Espírito Santo* (atributo aplicado ao Espírito Santo, por Isabel e Agostinho) é *Dom de Deus* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho), porque também Ele *procede* (emana, vem) *do Pai*⁶⁰ – como afirma Agostinho – não por geração (como o Filho), mas por inspiração⁶¹, isto é, por insuflação⁶².

Mas como sabemos que o Espírito Santo vem do Pai?

O próprio Filho, após a Sua Incarnação (ocorrida depois da criação do mundo), o revelará aos seus discípulos, nomeadamente na seguinte passagem bíblica, atribuída a João Evangelista, e que Agostinho cita: «*Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, ele dará testemunho de mim*» (Jo 15,26)⁶³. De notar que *Paráclito* – ou, por outras palavras, «consolador, defensor, advogado»⁶⁴ – bem como *Espírito da Verdade* e *Advogado* são atributos aplicados ao Espírito Santo, por Agostinho.

⁵⁶ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁵⁷ AGOSTINHO – *Trin*, II, 20, 29.

⁵⁸ Cf. PROCEDER. In *GRANDE Dicionário*, vol. 9, p. 428; EMANAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 346.

⁵⁹ Cf. DOM. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 294.

⁶⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁶¹ Cf. BREUNING – *Doctrina Trinitaria*, p. 214.

⁶² Cf. INSPIRAR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 182; BEINERT, Wolfgang – *Inspiración*. In *DICCIONARIO de Teología Dogmática*, p. 369.

⁶³ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

⁶⁴ PARACLETO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 8, p. 386.

Há outra passagem bíblica, atribuída a João Evangelista e que Agostinho cita, em que o Filho Incarnado diz aos seus discípulos que «*o Pai enviará* [o Espírito Santo]» (Jo 14,26)⁶⁵. Como o *Pai* envia o Espírito Santo, então – tal como refere Agostinho – o Espírito Santo «vem daquele que o enviou»⁶⁶ (que foi o Pai), uma vez que, neste caso (bem como no caso do Filho), «ser enviado é ser reconhecido que vem do Pai [...] [ou, por outras palavras] é ser reconhecido que procede do Pai»⁶⁷.

Podemos concluir que o Espírito Santo vem (procede) do Pai.

Porém, conforme refere Agostinho, «não podemos dizer que o Espírito Santo não proceda também do Filho; e, de facto, não é em vão que o mesmo Espírito é declarado não só Espírito do Pai, mas também do Filho»⁶⁸.

Como sabemos isso?

O Filho, após a Sua Incarnação (ocorrida depois da criação do mundo), dá a entender que o Espírito Santo também procede d'Ele, nomeadamente em três passagens bíblicas, atribuídas a João Evangelista e que Agostinho cita:

- Uma delas é aquela em que o Filho Incarnado, soprando sobre os discípulos, diz: «Recebei o Espírito Santo» (Jo 20,22)⁶⁹;
- A outra é aquela em que Ele promete enviar o Espírito Santo, aos seus discípulos, depois da Sua ascensão⁷⁰ – ou, por outras palavras, depois da Sua subida ao Céu⁷¹ – dizendo que O enviará «*de junto do Pai*» (Jo 15,26)⁷²;
- A última é aquela em que O Filho Incarnado diz, aos seus discípulos, que «*o Pai enviará* [o Espírito Santo sobre eles]» (Jo 14,26)⁷³, acrescentando «*em meu nome*» (Jo 14,26)⁷⁴ e não «de junto de mim»⁷⁵.

⁶⁵ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁶⁶ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27.

⁶⁷ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁶⁸ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁶⁹ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁷⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁷¹ Cf. ASCENSÃO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 38.

⁷² AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁷³ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

Observando as duas primeiras passagens bíblicas e aplicando ao Filho e ao Espírito Santo a mesma regra de que ser enviado por Alguém é o mesmo que proceder desse Alguém (tal como foi aplicado em relação ao Pai ao Espírito Santo e que já havia sido aplicado em relação ao Pai e ao Filho), podemos concluir que, como o Filho envia o Espírito Santo, então o Espírito Santo «vem daquele que o enviou»⁷⁶, isto é, vem (procede) do Filho.

Na última passagem bíblica, quem envia o Espírito Santo é o Pai, mas fá-lo em nome do Filho, podendo concluir-se que o Espírito Santo vem (procede) de ambos.

E uma vez que – como afirma Agostinho – «o Filho vem do Pai [...] [e] não o Pai do Filho»⁷⁷ e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, então podemos concluir que O Pai não procede de ninguém (atributo aplicado ao Pai, por Agostinho).

Mas como sabemos que o Espírito que o Filho Incarnado soprou é o mesmo que Ele enviou, após a Sua ascensão, e que o Espírito que vem do Filho é o mesmo Espírito que vem do Pai?

Agostinho responde às duas perguntas da seguinte forma:

«Quem seria tão demente que dissesse ter sido um o Espírito que Jesus deu, soprando, e outro o Espírito que enviou depois da sua ascensão? Com certeza que o Espírito de Deus é um só Espírito, o Espírito do Pai e do Filho, o Espírito Santo *que opera tudo em todos* [1Cor 12,6]»⁷⁸.

De notar que *O Espírito* e *O Espírito de Deus* são atributos aplicados ao Espírito Santo, por Isabel e por Agostinho, enquanto *opera tudo em todos* é aplicado a Ele, somente por Agostinho. Em relação a este último atributo, ele será explicitado, posteriormente, em momento oportuno.

Mas como é que o Espírito Santo procedeu do Pai e do Filho?

⁷⁴ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁷⁵ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

⁷⁶ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27.

⁷⁷ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 27.

⁷⁸ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

Em primeiro lugar – como refere Agostinho – «ele [...] não foi gerado nem pelo Pai, nem pelo Filho, nem por ambos, embora seja o Espírito do Pai e do Filho»⁷⁹ e, assim, o Filho e o Espírito Santo «não se dizem ambos ‘filhos’ nem ambos ‘gerados’, mas aquele “um só Filho Unigénito”, enquanto este, o Espírito Santo, nem Filho “nem criado”, porque se tivesse sido gerado seria certamente filho»⁸⁰.

De facto, enquanto o Filho procedeu por geração, o Espírito Santo não procedeu por geração, mas por inspiração. Além disso, enquanto o Filho procedeu só do Pai, o Espírito Santo procedeu do Pai e do Filho. Daqui se conclui que a processão do Espírito Santo foi diferente da processão do Filho.

Em segundo e último lugar, e conforme já referimos anteriormente, a acção própria de Deus é uma acção espiritual e imanente⁸¹ (acção que permanece dentro d’Ele mesmo⁸²). Uma vez que, em Deus, «se dá não só a acção do entendimento que entende, como também a do querer, própria da vontade»⁸³ – estando estas duas inseridas na Inteligência de Deus – enquanto fruto da acção do Entendimento, em Deus, procedeu o Filho, fruto da acção do Querer, em Deus, procedeu o Espírito Santo⁸⁴.

A processão, por inspiração ou insuflação, do Espírito Santo, pelo Pai e pelo Filho, deu-se aquando da geração do Filho, sendo ela fruto do Amor que envolveu a acção do Entendimento⁸⁵, entre Filho e Pai, através dos quais surgiu a Vontade de formar uma nova Pessoa: o Espírito Santo.

E como é que sabemos que a processão do Espírito Santo, pelo Pai e pelo Filho, foi antes de qualquer criação?

⁷⁹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 5, 8.

⁸⁰ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

⁸¹ Cf. ROVIRA BELLOSO – *Procesiones Divinas*, p. 1132.

⁸² Cf. IMANÊNCIA. In FERRATER MORA – *Dicionário de Filosofia*, p. 198.

⁸³ ROVIRA BELLOSO – *Procesiones Divinas*, p. 1138.

⁸⁴ Cf. ROVIRA BELLOSO – *Procesiones Divinas*, p. 1137-1138.

⁸⁵ Cf. ROVIRA BELLOSO – *Procesiones Divinas*, p. 1138.

Uma vez que a processão do Espírito Santo deu-se aquando da geração do Filho e a geração do Filho deu-se antes de existir qualquer criatura, então é evidente que a processão do Espírito Santo deu-se também antes de existir qualquer criatura.

Podemos concluir, com a ajuda de Agostinho, que tendo o Pai gerado o Filho, o Filho não é o Pai. E tendo sido o Filho gerado pelo Pai, o Pai não é o Filho⁸⁶. Também o Espírito Santo, porque procede do Pai e do Filho, não é «nem o Pai nem o Filho, mas somente o Espírito do Pai e do Filho»⁸⁷.

Além disso, depois da criação, cada um d'Os Três manifesta-se como tendo uma existência distinta um dos outros. Sobre este assunto, declara Agostinho:

«todos os intérpretes católicos dos livros divinos do Antigo e do Novo Testamento que pude ler e [que] antes de mim escreveram sobre a Trindade [...] não ensinam [...] que a Trindade nasceu da Virgem Maria, e foi crucificada sob Pôncio Pilatos, e, tendo sido sepultada, ressuscitou ao terceiro dia e subiu ao Céu, mas somente o Filho. Nem ensinam que a Trindade desceu em forma de pomba sobre Jesus ao ser baptizado, ou no dia de Pentecostes depois da Ascensão do Senhor, com um ruído vindo do céu, como se soprasse um vento impetuoso, e em línguas divididas como fogo, mas somente o Espírito Santo. E não ensinam que a Trindade disse do alto do céu: *Tu és o meu Filho* [Mc 1,11], seja quando Jesus foi baptizado por João, seja na montanha, quando com ele estavam os três discípulos, ou quando se ouviu uma voz dizendo: *Já o glorifiquei e voltarei a glorificá-lo* [Jo 12,28], mas somente que era a voz do Pai que falava ao Filho»⁸⁸.

⁸⁶ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 4, 7.

⁸⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 4, 7.

⁸⁸ AGOSTINHO – *Trin*, I, 4, 7. Indica a nota 18 desta edição que Hilário de Poitiers é garantidamente um dos intérpretes católicos dos livros divinos do Antigo e do Novo Testamento que Agostinho pôde ler e que antes dele escreveram sobre a Trindade, uma vez que Agostinho o nomeia directamente em *Trin*, VI,10,11; XV, 3, 5. Contudo, a nota 18 também refere que é certo que Agostinho conhecia e que terá lido muitos outros, como, por exemplo, Orígenes, Dídimo o Cego, Gregório de Nazianzo (sendo este citado, por Agostinho, em *Trin*, XV, 20, 38, mas não identificado) e Ambrósio de Milão. Também é provável que tenha tido contacto com as obras de Ireneu de Lião, Hipólito de Roma, Tertuliano de Cartago, Mário Vitorino e Basílio de Cesareia.

Assim sendo, a voz do Pai não era a voz do Filho; quem nasceu, sofreu, ressuscitou e subiu ao Céu foi somente o Filho; e quem veio em forma de pomba foi – tal como refere Agostinho – só o Espírito Santo⁸⁹.

Como as Três Pessoas da Trindade são distintas umas das outras (sendo Elas o Pai, o Filho e o Espírito Santo), existindo antes de qualquer criação, e uma vez que, antes de qualquer criação, só existia Deus e mais ninguém, então Deus realmente consta de três ou, por outras palavras, Deus é a Trindade.

3.2. A Trindade é Deus

Explicar que a Trindade é Deus, e retomando o que já foi dito anteriormente, é explicar que Pai e Filho e Espírito Santo são O Deus Supremo e Verdadeiro e, como tal, Um só Deus e Um Único Senhor.

Se mostrarmos que o Pai é Deus, que o Filho é Deus e que o Espírito Santo é Deus, não resta qualquer dúvida de que a Trindade é Divina. Contudo, ainda é necessário mostrar que o Pai e o Filho e o Espírito Santo não são três deuses, mas Um só Deus, para se poder concluir que a Trindade é Deus (O Único Deus).

Comecemos então por explicar porque é que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus.

Encontrámos, anteriormente, uma característica que distingue o Pai do Filho e do Espírito (o facto d'Ele ser Pai e nenhum d'Os Outros o ser), uma característica que distingue o Filho do Pai e do Espírito Santo (o facto d'Ele ser Filho e nenhum d'Os Outros o ser) e uma característica que distingue o Espírito Santo do Pai e do Filho (o facto d'Ele ter sido inspirado pelo Pai e pelo Filho e nenhum d'Os Outros o ter sido).

⁸⁹ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 5, 8.

Contudo, há características que são comuns às Três Pessoas.

Observando novamente os quadros que contêm os atributos que Isabel e Agostinho aplicam ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, deparamo-nos com as seguintes características comuns a todos Eles:

- *Deus* (atributo aplicado ao Pai e ao Filho, por Isabel – embora esta aplique unicamente o termo Divino; contudo, este termo é sinónimo de Divindade⁹⁰ que, por sua vez, é sinónimo de Deus⁹¹ – e por Agostinho; e aplicado ao Espírito Santo, por Agostinho);
- *Imenso* (atributo aplicado ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por Isabel);
- *Senhor* (atributo aplicado ao Filho, por Isabel e por Agostinho; e aplicado ao Pai e ao Espírito Santo, por Agostinho);
- *Eterno* (atributo aplicado ao Pai e ao Filho, por Isabel e por Agostinho; e aplicado ao Espírito Santo – mais concretamente à Sua Substância – por Agostinho);
- *Espiritual* (atributo aplicado ao Pai, de forma implícita, por Isabel, quando esta denomina Aquele por Pai Celeste e Pai do Céu, visto que Celeste é sinónimo de Sobrenatural⁹² que, por sua vez, é sinónimo de Espiritual – com efeito, o termo Sobrenatural significa um aspecto da realidade que não está submetido às condições da mundo sensível⁹³; aplicado ao Filho, de forma implícita, por Isabel e por Agostinho, quando estes denominam Aquele por Verbo – que significa Palavra⁹⁴; e aplicado ao Espírito Santo, por Isabel e por Agostinho, quando estes denominam Aquele por O Espírito);
- *Santo* (atributo aplicado ao Pai, de forma implícita, por Isabel, quando esta aplica àquele o atributo Perfeito, uma vez que, conforme já referimos anteriormente, Santo

⁹⁰ Cf. DIVINO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 285.

⁹¹ Cf. DIVINDADE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 285.

⁹² Cf. CELESTE. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 77.

⁹³ Cf. NEUFELD, K. H. – Sobrenatural. In *DICCIONARIO de Teología Fundamental*, p. 1386.

⁹⁴ Cf. VERBO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 12, p. 472.

é todo aquele que é Perfeito, estando isento de qualquer imperfeição; e aplicado ao Filho e ao Espírito Santo, por Isabel e por Agostinho);

- *Perfeito* (atributo aplicado ao Pai, por Isabel; e aplicado ao Filho e ao Espírito Santo, de forma implícita, por Isabel e por Agostinho, quando estes aplicam Àqueles o atributo Santo, uma vez que, conforme já referimos anteriormente, Santo é todo aquele que é Perfeito).

Estas características, que acabamos de mencionar e que são comuns às Três Pessoas da Trindade, também são comuns a Deus Uno, conforme se constata ao observar o quadro exposto no capítulo anterior.

Continuando a observar este quadro, deparamo-nos com outras características de Deus Uno que são aplicadas, por Isabel e/ou por Agostinho, a uma ou duas das Pessoas da Trindade como, por exemplo:

- *Omnipotente e Altíssimo* (atributos aplicados ao Pai, por Agostinho);
- *Luz* (atributo aplicado ao Pai e ao Filho, por Agostinho);
- *Rei e O Verdadeiro* (atributos aplicados ao Filho, por Isabel e por Agostinho);
- *O Fiel, O Calmo e O Forte* (atributos aplicados ao Filho, por Isabel);
- *A Vida Eterna, Imutável, Justo e A Verdade* (atributos aplicados ao Filho, por Agostinho);
- *É* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho);
- *Verdade e Sabedoria* (atributos aplicados ao Filho e ao Espírito Santo, por Agostinho);
- *Amor e Força* (atributos aplicados ao Espírito Santo, por Isabel);
- *Vivo* (atributo aplicado ao Espírito Santo, por Agostinho).

De facto, se o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, então é evidente que todos os atributos de Deus são atributos do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Daí que, sendo *Deus Invisível e Inteligível*, também Invisível e Inteligível é *não somente o Pai, mas também*

o Filho e o Espírito Santo (atributos aplicados à Trindade, por Agostinho, conforme se pode constatar, ao observar o quadro exposto no início deste capítulo) e assim sucessivamente com cada um dos atributos de Deus.

Que o Pai é Deus, não há qualquer dúvida e já falamos, anteriormente, sobre este assunto.

Se mostrarmos que o Filho é *Igual, Consubstancial e Co-eterno ao Pai* (atributos aplicados ao Filho, por Agostinho) e que a *Substância do Espírito Santo é Co-eterna ao Pai e ao Filho e igualmente Imutável* (atributos aplicados ao Espírito Santo, por Agostinho), então quer o Filho, quer o Espírito Santo são da mesma Substância do Pai, isto é, são de Substância Divina (porque o Pai é Deus).

Uma vez que o Filho foi gerado, por Deus, antes de qualquer criação, então Ele foi gerado na Eternidade. E como «o que nasceu desde a eternidade, existe por toda a eternidade»⁹⁵ (tal como afirma Agostinho), então o Filho é *Eterno* (atributo aplicado ao Filho, por Isabel e por Agostinho).

Mas o Filho não só é Eterno, como também é *Vida Eterna* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho).

Vejamos porquê.

O Filho Incarnado, na seguinte passagem bíblica, de João Evangelista e que é citada por Agostinho, afirma o seguinte: «*Eu não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me deu o mandamento do que devia dizer e do que devo ensinar, e sei que o seu mandamento é vida eterna. O que eu digo, digo-o tal como me disse o Pai*» (Jo 12,49-50)⁹⁶.

Daqui decorre que o Mandamento do Pai é Vida Eterna. Mas como o Filho é o Mandamento do Pai, então o Filho é Vida Eterna.

Mas não só o Filho é Vida Eterna, como também Ele tem a Vida em Si mesmo, tal como o Pai tem. Com efeito, Agostinho, citando João Evangelista, refere que o Filho, após Incarnar, diz a seguinte frase: «*Assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o*

⁹⁵ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 28.

⁹⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

ter a vida em si mesmo» (Jo 5,26)⁹⁷. E porque o Filho tem a Vida em Si mesmo, o Filho é A Vida (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho). E como só Deus é A Vida, então o Filho é Deus. Por outras palavras, a Substância (Natureza, Essência) do Filho é Divina, tal como é a do Pai, decorrendo daqui que o Filho é *Consubstancial ao Pai* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho), isto é, que tem a mesma Substância, Essência e Natureza que o Pai⁹⁸.

Contudo, há um aspecto importante a salientar.

Enquanto o Pai nunca foi gerado, nem criado, não tendo dependido de algo ou de alguém para começar a viver, o Filho, apesar de não criado (Incriado), foi gerado, significando, portanto, que o Filho dependeu do Pai para começar a viver. Contudo, este começo de vida do Filho é – como afirma Isabel, citando Bossuet (1627-1704)⁹⁹ – um «começo sem começo»¹⁰⁰, uma vez que o começo do Filho deu-se na eternidade ou, por outras palavras, no «eterno presente»¹⁰¹ – como Isabel gosta de a chamar – onde não há antes, nem depois, nem princípio, nem fim, tornando o Filho *Co-Eterno ao Pai* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho), isto é, existente com o Pai desde toda a eternidade¹⁰².

Afirma Isabel que o termo “começo” da expressão «no começo era o Verbo» (Jo 1,1)¹⁰³, de João Evangelista, tem o mesmo sentido da expressão «começo sem começo»¹⁰⁴, de Bossuet, porque houve um começo (pois o Verbo foi gerado), que, contudo, não foi um começo, porque essa geração deu-se na eternidade, onde não há início, nem fim, nem antes, nem depois. Na verdade, o começo do Verbo não pode ser entendido da mesma forma que nós, humanos, entendemos todo o começo que é dado no tempo.

⁹⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

⁹⁸ Cf. CONSUBSTANCIAL. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 405.

⁹⁹ Jacques-Bénigne Bossuet nasceu em Dijon, tendo sido consagrado bispo de Condom e de Meaux. É considerado o maior representante do classicismo francês, devido aos seus grandes dons de orador e de escritor. Dominava diversas áreas do saber como, por exemplo, a Teologia, a Filosofia, a História, a Crítica, a Exegese e a Espiritualidade (cf. BOSSUET. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 118)

¹⁰⁰ BOSSUET, Jacques-Bénigne – *Élévations à Dieu sur tous les mystères de la religion chrétienne*. Paris: Charpentier, 1845, p. 258. In ISABEL DA TRINDADE – CT, 22.

¹⁰¹ ISABEL DA TRINDADE – UR, 25.

¹⁰² Cf. CO-ETERNO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 3, p. 282.

¹⁰³ ISABEL DA TRINDADE – UR, 25.

¹⁰⁴ BOSSUET – *Élévations*, p. 258.

Porém, o termo “começo” da expressão «no começo era o Verbo» (Jo 1,1)¹⁰⁵, de João Evangelista, indica algo mais.

Observemos todo o versículo, citado por Agostinho: «*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus*» (Jo 1,1)¹⁰⁶.

Em primeiro lugar, se conseguíssemos temporalizar a eternidade (colocando-lhe um início), de forma a ligá-la, de forma contínua, ao início do tempo (e, portanto, ao início da criação), o termo “começo” ou “princípio” de Jo 1,1 indicaria o início de tudo ou, por outras palavras, indicaria o início do “período” que antecede a existência de qualquer criatura.

Em segundo lugar, e tal como afirma Agostinho, «é, na verdade, evidente que por Verbo de Deus entendemos o Filho único de Deus, do qual mais adiante se diz: *E o Verbo se fez carne* [Jo 1,14], por causa do nascimento da sua encarnação, que se fez no tempo no seio da Virgem»¹⁰⁷.

Em terceiro lugar, estando o Verbo em Deus, então o Verbo está «escondido [...] [no] seio do Pai, ou [...] [na] Essência divina, invisível a todo o olhar mortal, inacessível a toda a inteligência humana»¹⁰⁸, tal como refere Isabel, citando João da Cruz.

Em quarto e último lugar, se alguma dúvida resta a alguém acerca da Divindade do Filho, esta citação retira-a. Com efeito, e tal como refere Agostinho, «nesse passo, João afirma não somente que o Verbo é Deus, mas também que é da mesma substância com o Pai, uma vez que, tendo dito *E o Verbo era Deus*, acrescenta: *No princípio ele estava junto de Deus; todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito* [Jo 1,2-3]»¹⁰⁹.

Mas que significado tem a frase “todas as coisas foram feitas por Ele”?

Afirma Agostinho que significa “todas as criaturas foram feitas por Ele” ou, por outras palavras, que foi *por meio d’Ele que todas as coisas [criaturas] foram feitas* (atributo

¹⁰⁵ ISABEL DA TRINDADE – UR, 25.

¹⁰⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9.

¹⁰⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9.

¹⁰⁸ JOÃO DA CRUZ, Santo – *Cantique spirituel*. In JOÃO DA CRUZ, Santo – *Vie et oeuvres spirituelles*. 3ª ed. Paris: Oudin, 1892, vol. 4, p. 22. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 1.

¹⁰⁹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9.

aplicado ao Filho, por Agostinho) e daí que o Verbo (Filho) seja o *Princípio no qual Deus fez o céu e a terra* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho).

E uma vez que o Verbo (Filho) fez todas as coisas e, sem Ele, nada foi feito, então Ele próprio não foi feito, não sendo, portanto, criatura. E se o Verbo (Filho) não é criatura, então só pode ser da mesma substância que o Pai¹¹⁰, porque «toda a substância que não é Deus é criatura, e aquela que não é criatura é Deus. E se o Filho não é “da mesma substância de que é o Pai”, então é substância criada; se é substância criada, não *foram todas as coisas feitas por ele*; mas se *todas as coisas foram feitas por ele*, então ele é de uma única e, portanto, da mesma substância com o Pai»¹¹¹.

Podemos concluir que o Filho é *Verdadeiro Deus*¹¹² (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho), sendo Consustancial ao Pai.

E uma vez que o Filho é Deus, então todos os atributos de Deus (Pai) também são do Filho ou, melhor dizendo, tudo o que é de Deus (Pai) é do Filho, tal como o próprio Filho afirma, após Incarnar, tendo João Evangelista registado e Agostinho citado: «*Tudo o que o meu Pai tem é meu*» (Jo 16,15)¹¹³.

Tendo em conta o que Deus (Pai) É, nomeadamente A Sabedoria e A Verdade, então o Filho também é A *Sabedoria* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho) e A *Verdade* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho), confirmando a seguinte frase dita pelo próprio Filho, após Incarnar, e que foi registada por João Evangelista e citada por Agostinho: «*Eu sou a Verdade*» (Jo 14,6)¹¹⁴.

Mas se o Filho é A Sabedoria, porque razão afirma Ele que não falou por Si mesmo, na citação acima referida de Jo 12,49-50 (e que nós, agora, relembramos: «*Eu não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me deu o mandamento do que devia dizer e do que devo ensinar, e sei que o seu mandamento é vida eterna. O que eu digo, digo-o tal como*

¹¹⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9.

¹¹¹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9.

¹¹² Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 9.

¹¹³ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹¹⁴ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 24.

me disse o Pai» (Jo 12,49-50)¹¹⁵) e porque razão afirma Ele que «*o Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vir o Pai fazer»* (Jo 5,19)¹¹⁶?

Foquemo-nos na primeira citação (Jo 12,49-50).

Explica Agostinho que o Filho, ao dizer essa frase, queria declarar que não nasceu de Si mesmo, mas do Pai¹¹⁷. Na verdade, o Filho não poderia querer dizer, de forma literal, que não falou por Si mesmo, uma vez que «se efectivamente a Palavra do Pai fala, diz-se a si mesmo, porque ele próprio é o Verbo do Pai»¹¹⁸. Por outras palavras, como o Filho é a Palavra (Verbo) do Pai, quando o Filho fala, fala a Palavra do Pai, que é Ele mesmo. Assim sendo, quando o Filho fala, diz-se a Si mesmo.

Da mesma forma se deve entender a expressão – referida por João Evangelista e citada por Agostinho – «*o Pai deu-me»* (Jo 5,36)¹¹⁹, utilizada diversas vezes pelo Filho Incarnado¹²⁰. Com efeito, a expressão “o Pai deu-me” – conforme explica Agostinho – não pode significar que o Pai deu ao Filho alguma coisa que, existindo Ele já, não a tivesse¹²¹. Por exemplo, na frase «*assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o ter a vida em si mesmo»* (Jo 5,26)¹²² – já mencionada anteriormente – não significa que, existindo o Filho já e não tendo a vida em Si mesmo, o Pai Lha deu¹²³. Com efeito, o Pai, ao gerar o Filho, deu-Lhe «o próprio dar para que tivesse e o próprio gerar para que fosse»¹²⁴ ou, por outras palavras, deu-Lhe tudo Aquilo que o Pai É, nomeadamente a Vida (Existência) e a Divindade (Essência) – que, em Deus, coincidem.

¹¹⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹¹⁶ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹¹⁷ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹¹⁸ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹¹⁹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹²⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹²¹ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹²² AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹²³ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹²⁴ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

E o Filho *É* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho) precisamente porque é Vida¹²⁵ – tal como refere Agostinho – e, «por conseguinte, *deu ao Filho o ter a vida em si mesmo* significa “gerou o Filho ser vida imutável”, que é a vida eterna»¹²⁶.

De notar que *Vida Imutável* e *Vida Eterna* são atributos aplicados ao Filho, por Agostinho.

Foquemo-nos agora na segunda citação (Jo 5,19).

Agostinho refere que o sentido desta citação é exactamente o mesmo que foi dado à primeira. Por outras palavras, dizer que “o Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vir o Pai fazer” é o mesmo que dizer que “o Filho vem (nasceu) do Pai”¹²⁷. Com efeito, como o Filho vem do Pai, então «o Filho recebeu o seu operar daquele de quem ele próprio vem, isto é, do Pai; e o Filho vê o Pai de tal modo que, porque o vê, por isso mesmo é Filho [cf. Jo 6,46]. Na verdade, para ele, vir do Pai, isto é, nascer do Pai, não é outra coisa senão ver o Pai [...] e por isso *o que vir o Pai fazer* significa que vem do Pai»¹²⁸. Por isso, a frase “o Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vir o Pai fazer” não significa que o Filho se assemelha a um «pintor que pinta [...] quadros da forma como vê outros quadros pintados por outro pintor»¹²⁹ que, neste caso, seria o Pai. Com efeito, “ver o Pai operar” «não é outra coisa senão operar conjuntamente com ele; mas não por si mesmo, porque não vem de si mesmo»¹³⁰. Daí que o Filho, após Incarnar, – tal como regista João Evangelista, sendo citado por Agostinho – diga que «*Todas as coisas que o Pai faz, as mesmas as faz o Filho, e do mesmo modo*» (Jo 5,19)¹³¹. De notar – tal como realça Agostinho – que o Filho não diz «*apenas as mesmas, mas também do mesmo modo, [...] [revelando assim que] a operação do Pai e do Filho é inseparável e igual, mas a do Filho vem do Pai. Por isso *o Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vir o Pai fazer*»¹³².*

¹²⁵ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹²⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹²⁷ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹²⁸ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹²⁹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹³⁰ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹³¹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹³² AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

É também por causa da inseparabilidade que existe entre o Pai e o Filho que Este, após Incarnar e estando com os Apóstolos, afirma a seguinte frase, registada por João Evangelista e citada por Agostinho: «*Há tanto tempo que estou convosco e vós não me conhecestes? Filipe, quem me viu, viu também o Pai*» (Jo 14,9)¹³³. O Filho Incarnado respondeu desta forma ao seguinte pedido do Apóstolo Filipe (séc. I)¹³⁴, sendo também este registado por João Evangelista e citado por Agostinho: «*Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta*» (Jo 14,8)¹³⁵. O Filho Incarnado, ao responder da forma como respondeu, afirmou – conforme menciona Agostinho – que “ver o Filho” é a mesma coisa que “ver o Pai”, porque «nenhum dos dois pode ser mostrado sem o outro»¹³⁶.

E o Filho, prosseguindo o diálogo com Filipe, esclarece ainda mais a relação de inseparabilidade que existe entre Ele e o Pai, quando diz: «*Não acreditas que eu estou no Pai e o Pai está em mim?*» (Jo 14,10)¹³⁷. Com efeito, não é só o operar (acção) que é inseparável n’Eles, mas tudo (vontade, inteligência, ideias, palavras, existência, essência, sentimentos, emoções, etc.), porque ambos – tal como refere Agostinho – «são um só, tal como Cristo diz: *Eu e o Pai somos um só* [Jo 10,30]. Em [...] virtude dessa mesma inseparabilidade, às vezes é suficiente dizer que ou só o Pai ou só o Filho nos há-de encher *de alegria com o seu rosto* [Sl 16(15),11]»¹³⁸, isto é, que só a visão do Pai ou só a visão do Filho nos basta, porque «quando o Pai é manifestado, também é manifestado o Filho, que é no Pai; e quando o Filho é manifestado, também é manifestado o Pai, que é no Filho»¹³⁹.

Podemos concluir que o Filho e o Pai, apesar de diferentes na existência (pois têm existências distintas), são iguais em essência, isto é, na condição Divina.

¹³³ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 17.

¹³⁴ Filipe era «de Betsaida e depois de ter sido chamado para apóstolo, levou Natanael [...] a Cristo [...]. Quando certos gregos queriam ver Jesus, foi a Filipe que se dirigiram [...]; e foi o seu pedido na Última Ceia, “Senhor, mostra-nos o Pai” que provocou a resposta de Cristo: “Quem me vê a mim vê o Pai... Eu estou no Pai e o Pai em mim”» (FILIPE. In ATTWATER – *Dicionário de Santos*, p. 156).

¹³⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 17.

¹³⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 17.

¹³⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 17.

¹³⁸ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 17.

¹³⁹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 18.

Como quer o Pai, quer o Filho são Deus e como o Filho foi gerado pelo Pai, então o Filho é *Deus de Deus* (atributo aplicado ao Filho, por Agostinho).

E uma vez que o Pai é Deus e Deus é Luz, então o Pai é Luz ou, por outras palavras, é Esplendor¹⁴⁰, pelo que o Pai é *Luz Eterna* (atributo aplicado ao Pai, por Agostinho).

Como o Pai é o Princípio de toda a divindade, então d'Ele emana (procede) a Luz. Assim sendo, o Pai é a *Luz da qual emana a Luz* e *Pai das Luzes* (atributos aplicados ao Pai, por Agostinho). E como o Filho é Deus, tendo sido gerado pelo Pai, então o Filho é *Luz da Luz*, *Luz que emana da Luz*, *Luz da Luz Eterna*, *Luz co-eterna com a Luz da qual emana a Luz*, *Esplendor de Deus-Pai*, *Emanação pura do Esplendor de Deus Omnipotente* e *Esplendor da Luz Eterna* (atributos aplicados ao Filho, por Agostinho).

Mas sendo o Filho Deus – e, como tal, além de Verdadeiro, também é A Verdade, não mentindo, nem se contradizendo – como se explicam algumas das Suas afirmações que parecem contraditórias?

Damos, como exemplo, as seguintes afirmações do Filho Incarnado, referidas por João Evangelista e citadas por Agostinho:

- «*Se alguém não ouve as minhas palavras, eu não o julgarei. [...] A palavra que eu disse, ela mesma o julgará*» (Jo 12,47-48)¹⁴¹;
- «*A minha doutrina não é minha*» (Jo 7,16)¹⁴²;
- «*Quem crê em mim, não crê em mim*» (Jo 12,44)¹⁴³.

Vejam as possíveis contradições.

Em relação à primeira afirmação, refere Agostinho que esta poderia ser reescrita da seguinte forma: «*não julgarei eu, mas a Palavra do Pai julgará*»¹⁴⁴. Mas uma vez que a Palavra do Pai é o próprio Filho (conforme já constatamos anteriormente), então aquela frase poderia

¹⁴⁰ Cf. ESPLENDOR. In *GRANDE Dicionário*, vol. 4, p. 607; BRILHO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 2, p. 417; LUZ. In *GRANDE Dicionário*, vol. 6, p. 546.

¹⁴¹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 26.

¹⁴² AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁴³ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁴⁴ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

ser novamente reescrita, ficando assim: «eu não julgarei, mas eu julgarei»¹⁴⁵, fazendo surgir uma possível contradição. Contudo, não há qualquer contradição, porque tendo o Filho, após Incarnar, duas naturezas (a Humana e a Divina), Ele, enquanto Homem, não julgará, mas, enquanto Deus, julgará. Por outras palavras, o Filho, segundo o poder humano, não julgará, mas, segundo o poder do Verbo (Palavra do Pai), julgará¹⁴⁶.

Em relação à segunda afirmação, refere Agostinho: «Como pode ser minha e não minha? De facto, ele não disse: “essa doutrina não é minha”, mas sim *a minha doutrina não é minha*; aquela que ele disse sua, essa mesma disse que não era sua. Como pode isto ser verdadeiro a não ser que tenha dito “sua” segundo um aspecto, e “não sua” segundo outro»¹⁴⁷. Com efeito – e tal como aconteceu na primeira afirmação – o Filho Incarnado afirma “sua”, segundo a Sua condição de Deus, e “não sua”, segundo a Sua condição Humana (ou, como lhe chama Agostinho, Sua condição de Servo)¹⁴⁸. Afirma Agostinho que isso salta à vista quando se observa o seguimento da citação em questão: «*A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou*» (Jo 7,16)¹⁴⁹. Com efeito, se a doutrina do Filho é a doutrina do Pai (porque foi o Pai quem enviou o Filho) e uma vez que «a doutrina do Pai é o Verbo do Pai, o qual é o único Filho do Pai»¹⁵⁰ – conforme refere Agostinho e conforme também já constatamos anteriormente – então a doutrina do Filho é o próprio Filho ou, por outras palavras, a Sabedoria é o próprio Filho de Deus. A este respeito, afirma Agostinho:

«Evidentemente, na condição de Deus, assim como o Filho não é uma coisa, e outra coisa a sua vida, mas o Filho é a própria vida, assim também o Filho não é uma coisa e outra a sua doutrina, mas o Filho é a própria doutrina. E por isso, assim como as palavras *deu ao Filho a vida* não se entendem de outro modo senão como ‘gerou o Filho, que é a vida’, assim também quando é dito: ‘deu ao Filho a doutrina’ se entende correctamente: ‘gerou o Filho, que é a doutrina’; e a afirmação: *A minha doutrina não é minha, mas daquele que me*

¹⁴⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁴⁶ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁴⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁴⁸ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁴⁹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 2, 4.

¹⁵⁰ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

enviou, entenda-se como se tivesse sido dito: ‘eu não vim de mim mesmo, mas daquele que me enviou’»¹⁵¹.

Em relação à terceira afirmação, pergunta Agostinho: «Como é possível crer nele e não crer nele? Como se pode entender algo tão contrário e oposto a si mesmo [...]?»¹⁵². No entanto, se aplicarmos o mesmo raciocínio que Agostinho aplicou nas afirmações anteriores e se tivermos em conta o que imediatamente se segue na passagem bíblica em questão – «*Quem crê em mim, não crê em mim [...], mas naquele que me enviou*» (Jo 12,44)¹⁵³ – podemos concluir, com a ajuda de Agostinho, que aquilo que o Filho pretende dizer é que quem crê n’Ele, não crê naquilo que vê (na Sua condição Humana), mas na Sua condição Divina (que é igual à do Pai), acreditando n’Ele da mesma maneira que acredita em Deus (Pai)¹⁵⁴. Com efeito, há uma passagem bíblica, de João Evangelista, que é citada por Agostinho, que diz exactamente isso: «*Crede em Deus e crede em mim*» (Jo 14,1)¹⁵⁵.

Podemos concluir que não há qualquer afirmação do Filho Incarnado, presente na *Sagrada Escritura*, que revele algum tipo de contradição ou de mentira, nem mesmo naquelas em que o Filho afirma que o Pai é maior do que Ele, como, por exemplo, a seguinte, registada por João Evangelista e citada por Agostinho: «*Se me amardes, alegrar-vos-eis porque vou para o Pai, porque o Pai é maior que eu*» (Jo 14,28)¹⁵⁶. Com efeito, o Filho é sempre menor do que o Pai, quando se tem em conta a Sua condição Humana, assumida aquando da Sua Incarnação. Isso mesmo é revelado pelo próprio Filho, após a Sua Incarnação, na seguinte afirmação, registada por João Evangelista e citada por Agostinho: «*O Pai não julga ninguém, mas deu ao Filho todo o julgamento [...] E deu-lhe o poder de julgar, porque ele é Filho do*

¹⁵¹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 2, 4. De notar que o Filho é vida e doutrina ou, por outras palavras, é prática e teoria. Daqui podemos concluir que o Cristianismo não é prática (vida) sem teoria (doutrina), nem teoria (doutrina) sem prática (vida)!

¹⁵² AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁵³ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁵⁴ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁵⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 12, 27.

¹⁵⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 18.

Homem» (Jo 5,22.27)¹⁵⁷. E o Filho é sempre igual ao Pai, quando se tem em conta a Sua condição Divina, como, por exemplo, nas seguintes frases, onde a primeira foi registada por João Evangelista e a segunda, por Paulo de Tarso, sendo ambas citadas por Agostinho: «*Eu e o Pai somos um só*» (Jo 10,30)¹⁵⁸; «*Não se prevaleceu de ser igual a Deus*» (Flp 2,6)¹⁵⁹.

Assim sendo, e conforme refere Agostinho:

«Há nas Escrituras certas expressões acerca do Pai e do Filho que são ditas de tal maneira que indicam a unidade e a igualdade de substância [...]. Outras, no entanto, são ditas de tal modo que mostram o Filho menor em virtude da condição de servo, isto é, em virtude da criatura de substância mutável e humana que assumiu [...]. Outros passos, entretanto, são ditos de tal modo que ele é então mostrado nem menor nem igual, mas em que apenas se diz que vem do Pai, como é o caso de: *Assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o ter vida em si mesmo* [Jo 5,26] e o caso de: *Na verdade o Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vir o Pai fazer* [Jo 5,19]. [...] [Com efeito, nestes dois últimos casos, as palavras foram] ditas no sentido de que a vida do Filho é imutável assim como a do Pai, e todavia vem do Pai; e que a operação do Pai é inseparável da do Filho, mas todavia o Filho recebeu o seu operar daquele de quem ele próprio vem, isto é, do Pai»¹⁶⁰.

Mas não só o Filho e o Pai – apesar de diferentes na existência (pois têm existências distintas) – são iguais em essência (na condição Divina), como também o Espírito Santo.

Como o Pai é Deus e o Filho é Deus, e como o Espírito Santo procede de ambos por inspiração – ou, por outras palavras, por insuflação – não é de estranhar que Agostinho aplique o atributo *Sopro de Deus* ao Espírito Santo. Além disso, há, pelo menos, um caso, relatado na *Sagrada Escritura*, em que o Espírito Santo aparece como “Sopro”. Estamos a referir-nos àquele caso, que é relatado por João Evangelista e citado por Agostinho, em que o Filho Incarnado, soprando sobre os discípulos, diz: «*Recebei o Espírito Santo*» (Jo 20,22)¹⁶¹.

¹⁵⁷ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹⁵⁸ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹⁵⁹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹⁶⁰ AGOSTINHO – *Trin*, II, 1, 3.

¹⁶¹ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

Como Tudo em Deus é Eterno e Infinito, então o Sopro de Deus (que é o Espírito Santo) é Eterno e Infinito. Daqui decorre que o Espírito Santo é Co-eterno ao Pai e ao Filho. E uma vez que só Deus é Eterno e Infinito, então o Espírito Santo é Deus.

Com efeito, o Espírito Santo não é criatura e quem assim afirma é Agostinho¹⁶². Mas o que leva Agostinho a afirmar que o Espírito Santo não é criatura?

Observando a *Sagrada Escritura*, Agostinho constatou que nela são utilizados dois termos gregos para significar “serviço” (ou algum dos seus derivados), sendo um deles usado unicamente quando se refere ao Criador (Deus) e o outro, quando se refere à criatura. Como exemplo, refere Agostinho que, na *Sagrada Escritura*, «nos é ordenado servir não à criatura, mas ao Criador [cf. Rom 1,25], não segundo o modo com que se nos ordena que nos sirvamos uns aos outros em caridade [cf. Gal 5,13], o que em grego, se diz *douleuein*, mas sim segundo o modo em que se serve somente a Deus, o que, em grego, se diz *latreuein*»¹⁶³. Assim sendo, o termo *latreuein* só é usado quando nos estamos a referir a Deus, enquanto que o termo *douleuein* só é usado quando nos estamos a referir a alguma criatura. Vejamos outro exemplo: Agostinho afirma que na frase, dita pelo Filho Incarnado (recordando Dt 6,13) e registada pelo Evangelista Mateus, «Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás» (Mt 4,10)¹⁶⁴, o termo usado para o “serviço”, que a criatura deve prestar a Deus, é *latreuseis*¹⁶⁵.

Observando novamente a *Sagrada Escritura*, Agostinho constatou que há uma frase relativa ao Espírito Santo em que o termo usado é aquele que é aplicado unicamente a Deus e não aquele que é aplicado à criatura, mostrando, desta forma, que o Espírito Santo «é Deus e não criatura»¹⁶⁶. A frase em questão é de Paulo de Tarso, sendo ela citada por Agostinho: «Na verdade, a circuncisão somos nós, os que servimos ao Espírito de Deus» (Flp 3,3)¹⁶⁷. Nesta

¹⁶² Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁶³ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13. Indica a nota 62 desta edição que «a tradição cristã dos primeiros séculos três tipos de culto: culto da *latría* (adoração) reservado apenas a Deus; culto da *dolia* (veneração, serviço) aos santos, aos mártires, etc., e culto de *hiperdolia* (uma mais alta veneração) a Maria, Mãe de Jesus».

¹⁶⁴ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁶⁵ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁶⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁶⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

frase, o termo usado para o “serviço”, que a criatura deve prestar ao Espírito de Deus (que é, conforme já constatamos, o Espírito Santo), é *latreuontes*¹⁶⁸.

De notar que o próprio Agostinho alerta para o facto de ele ter encontrado, em algumas versões da *Sagrada Escritura*, uma frase diferente da exposta, onde «em vez de “servimos ao Espírito de Deus”, encontramos “servimos a Deus em espírito”»¹⁶⁹. Contudo, isto aconteceu só em alguns exemplares latinos, estando a primeira versão na maioria dos latinos e em todos (ou quase todos) os gregos, conforme refere o próprio Agostinho¹⁷⁰.

Mas se a frase anterior pode levantar alguma dúvida, por causa das diversas versões da mesma, há duas passagens bíblicas que retiram qualquer dúvida acerca da Divindade do Espírito Santo.

Vejamos quais são.

Afirma Agostinho, citando Paulo de Tarso: «*Não sabeis que os vossos corpos são o templo do Espírito Santo, que habita em vós e recebestes de Deus?*» (1Cor 6,19)¹⁷¹. Por sua vez, afirma Isabel, citando também Paulo de Tarso: «O templo de Deus é santo e vós sois esse templo» (1Cor 3,17)¹⁷².

Através da citação de Agostinho, conclui-se que o corpo do ser humano é templo do Espírito Santo. Por sua vez, a citação de Isabel informa-nos que o mesmo corpo é templo de Deus. Daqui decorre que o Espírito Santo é Deus, porque como o corpo humano é simultaneamente templo do Espírito Santo e templo de Deus, então o Espírito Santo só pode ser Deus. Além disso, o Apóstolo Paulo, ao utilizar o termo “templo” na primeira citação, está já a dar a entender que o Espírito Santo é Deus, visto que por “templo” comumente se entende «qualquer monumento erigido em honra de uma divindade»¹⁷³ e uma vez que o corpo

¹⁶⁸ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁶⁹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁷⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁷¹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁷² ISABEL DA TRINDADE – UR, 13.

¹⁷³ TEMPLO. In *GRANDE Dicionário*, vol. 11, p. 544.

humano é o templo do Espírito Santo, então o corpo é o monumento erigido¹⁷⁴ em honra do Espírito Santo.

A este propósito, refere Agostinho que «o Espírito Santo não é criatura, porque àquele a quem damos o nosso corpo como templo é necessário que devamos aquele culto com o qual ninguém, a não ser Deus, deve ser servido, o qual, em grego, se chama *latreia*»¹⁷⁵.

Podemos então concluir que o Espírito Santo é Deus, sendo este o motivo – conforme afirma Agostinho – pelo qual Paulo de Tarso afirma o seguinte: «*Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo*» (1Cor 6,20)¹⁷⁶.

Como o Espírito Santo é Deus e o Filho é Deus e uma vez que Deus Pai não procede de ninguém, procedendo d'Ele o Filho e o Espírito Santo, podemos concluir que o Pai é *O Princípio de toda a divindade ou, melhor dizendo, de toda a deidade* (atributos aplicados ao Pai, por Agostinho).

Mas não só o Espírito Santo é Deus, como é igual ao Pai e ao Filho.

Com efeito, o Espírito Santo não é inferior, nem superior ao Filho, mas igual a Ele. E como o Filho é igual ao Pai, então também o Espírito Santo é igual ao Pai.

Mas como sabemos que o Espírito Santo não é inferior ao Filho, se o próprio Filho diz o seguinte, registado por João Evangelista e citado por Agostinho: «*Quando vier o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a Verdade. Pois ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir, e anunciar-vos-á coisas que hão-de vir. Ele glorificar-me-á, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará*» (Jo 16,13-14)¹⁷⁷?

Com efeito, esta passagem está a afirmar que o Espírito Santo não falará por si mesmo, anunciando o que ouvir. Isto soa-nos a familiar! Na verdade, isto já foi dito do Filho em relação ao Pai, como, por exemplo, na seguinte passagem de João Evangelista, citada por Agostinho: «*o Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vir o Pai fazer*» (Jo

¹⁷⁴ De notar que o corpo é erigido aquando da sua criação.

¹⁷⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁷⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁷⁷ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

5,19)¹⁷⁸. Mas tal como no caso do Filho em relação ao Pai, «estas palavras não indicam que seja menor, mas sim que vem do Pai»¹⁷⁹ – tal como afirma Agostinho – «assim também não se segue daqui que o Espírito Santo seja menor, uma vez que foi dito: *Pois ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir*; segundo estas palavras, o que foi dito é que procede do Pai»¹⁸⁰.

E o que dizer da frase: *receberá do que é meu e vo-lo anunciará*? Não afirmará ela que o Espírito Santo é inferior ao Filho, uma vez que o Espírito Santo recebe do que é do Filho? Vejamos a frase que se lhe segue imediatamente: «*Tudo o que o meu Pai tem é meu; por isso eu disse: porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará*» (Jo 16,15)¹⁸¹. Esta passagem diz-nos que o Espírito Santo, ao receber do que é do Filho, recebe do que é do Pai, porque tudo o que é do Pai é do Filho. Por outras palavras, «o Espírito Santo tem do que é do Pai do mesmo modo que o Filho»¹⁸², como refere Agostinho.

Além disso, a seguinte passagem bíblica de Paulo de Tarso, e que é citada por Agostinho, conjugada com o facto dos corpos humanos serem templo do Espírito Santo, esclarece-nos sobre este assunto: «*Os vossos corpos são membros de Cristo*» (1Cor 6,15)¹⁸³.

Com efeito, sendo os corpos humanos simultaneamente templo do Espírito Santo e membros de Cristo, então os membros de Cristo são templo do Espírito Santo. Na verdade, «que há de mais insensato e de mais sacrílego do que alguém ousar dizer que os membros de Cristo são [...] templo de uma criatura inferior a Cristo?»¹⁸⁴, conforme pergunta Agostinho.

Podemos concluir que o Espírito Santo não é inferior ao Filho.

Mas será Ele superior ao Filho?

Há passagens bíblicas que parecem dar a entender que sim, como, por exemplo, as seguintes, ditas pelo Filho Incarnado, registadas por João Evangelista e citadas por Agostinho:

¹⁷⁸ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹⁷⁹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹⁸⁰ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹⁸¹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹⁸² AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹⁸³ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁸⁴ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

«*Eu pedirei ao Pai, e ele dar-vos-á outro advogado para que fique convosco para sempre, o Espírito da Verdade*» (Jo 14,15-17)¹⁸⁵; «*Quando vier o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a Verdade*» (Jo 16,13)¹⁸⁶.

Com efeito, e conforme explicita Agostinho, a partir da primeira citação, poder-se-ia pensar que o Pai dará outro advogado, porque não basta só o Filho e, a partir da segunda citação, que além do Espírito Santo bastar sozinho, de forma absoluta, também o Filho não ensinou toda a Verdade, sendo necessário vir o Espírito Santo para ensinar aquilo que o Filho ensinou de forma incompleta¹⁸⁷.

Contudo, nenhuma destas formas de pensar está certa.

Na verdade, basta observar com mais atenção a primeira citação, para saltar logo à vista o facto de o Filho Incarnado dizer que o Pai dará *outro* advogado. Isto significa que Ele é tão Advogado como o Espírito Santo, realçando, desta forma, a igualdade que existe entre os Dois.

Além disso, o Filho é A Verdade e A Sabedoria (conforme já constatamos anteriormente), pelo que Ele jamais poderia ensinar de forma incompleta. E uma vez que o Filho diz que o Espírito da Verdade – que é o Espírito Santo – *ensinará toda a Verdade*, podemos concluir que também o Espírito Santo é A Verdade (como, aliás, assim tinha de ser, porque o Espírito Santo é Deus, tendo e sendo todos os atributos Divinos).

Mas então porque disse o Filho Incarnado aquelas frases?

Porque – e usando as palavras de Agostinho – o Espírito Santo «*não se aniquilou a si mesmo como o Filho, que assumiu a condição de servo*»¹⁸⁸. Por outras palavras, como o Espírito Santo não assumiu a condição humana, possuindo só a natureza Divina, Ele, quando comparado com o Filho Incarnado em termos da Sua Humanidade (ou seja, quando comparado com o Filho do Homem), é evidentemente superior.

¹⁸⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 18.

¹⁸⁶ AGOSTINHO – *Trin*, II, 3, 5.

¹⁸⁷ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 18.

¹⁸⁸ AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 18.

Se olharmos para o próprio Filho Incarnado, e O relacionarmos Consigo mesmo, constataremos que Ele mesmo é inferior a Si mesmo e superior a Si mesmo. Vejamos o que diz Agostinho a este respeito: «na condição de Deus, também ele é maior que si mesmo, e, na condição de servo, é menor também que si mesmo»¹⁸⁹. Com efeito, se tivermos em conta as duas naturezas (Humana e Divina) que o Filho, após Incarnar, possui, constataremos facilmente que Ele, enquanto Homem, é inferior a Si mesmo (enquanto Deus) e que Ele, enquanto Deus, é superior a Si mesmo (enquanto Homem).

No que concerne à Substância Divina, podemos concluir que o Espírito Santo não é nem inferior, nem superior ao Filho, sendo igual a Ele. Donde se conclui que o Espírito Santo é Deus.

Como o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, então cada um possui todos os atributos de Deus, nomeadamente a Sua Inteligência Infinita (e, por isso, cada um é Alguém Pensante e Inteligente), bem como o Seu Amor Infinito (e, por isso, cada um é capaz de se relacionar, de forma íntima e emotiva, com os outros), concluindo nós que Os Três possuem personalidade. Como já havíamos provado que Os Três são individualidades, então podemos concluir que Os Três realmente são Pessoas.

Mas não só o Espírito Santo é «inteiramente igual ao Pai e ao Filho, e consubstancial e co-eterno»¹⁹⁰ a Ambos – conforme refere Agostinho – como também Ele opera, de forma inseparável, d’Eles.

A este respeito, afirma Agostinho:

«De vez em quando fala-se do Espírito Santo como se ele, por si só, bastasse para a nossa bem-aventurança; e de facto ele, por si só, basta, porque não pode ser separado do Pai e do Filho, do mesmo modo que o Pai, por si só, basta, porque não pode ser separado do Filho e do Espírito Santo, e o Filho, por si só, basta, porque não pode ser separado do Pai e do Espírito Santo»¹⁹¹.

¹⁸⁹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 7, 14.

¹⁹⁰ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 13.

¹⁹¹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 18.

Mas se Os Três operam inseparavelmente e, desta forma, só um d'Eles basta, porque razão o Filho Incarnado insiste com os discípulos de que Ele tem de ir para o Pai, para que o Espírito Santo venha até eles?

Vejamus essa passagem, que foi registada por João Evangelista, sendo citada por Agostinho: *«Porque vos disse estas coisas, a tristeza encheu os vossos corações. Mas eu digo a Verdade: é melhor para vós que eu vá, pois se eu não for, o advogado não virá a vós»* (Jo 16, 6-7)¹⁹².

Para compreendermos bem as razões que levam o Filho Incarnado a dizer que tem que se ausentar para que o Espírito Santo venha, observemos outra passagem, novamente registada por João Evangelista e citada por Agostinho: *«Se me amardes, alegrar-vos-eis porque vou para o Pai, porque o Pai é maior que eu»* (Jo 14,28)¹⁹³.

Comparando as duas passagens, conclui-se que o Filho irá partir para o Pai. Conforme nos ilucida Agostinho, o Filho fala da Sua Ascensão, sendo esta fundamental, principalmente para os Seus discípulos, afim de que estes compreendam que, enquanto estiverem concentrados na criatura e na condição humana que o Filho assumiu, não conseguirão discernir a igualdade que o Filho tem com o Pai, julgando que Ele era somente aquilo que eles viam e, como tal, menor do que o Pai. E isto seria um impedimento à vinda do Espírito Santo a Eles¹⁹⁴ ou, por outras palavras, à acção do Espírito Santo sobre Eles.

Assim sendo, e conforme afirma Agostinho, *«era, pois, necessário, que se subtraísse aos olhos deles a condição de servo»*¹⁹⁵. Por outras palavras, era necessário que o Filho deixasse de estar visível aos seus olhos.

¹⁹² AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 18.

¹⁹³ AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 18.

¹⁹⁴ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 18.

¹⁹⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 18.

Mas pelo facto de deixar de estar visível aos seus olhos, não significava que deixava de estar presente. Com efeito, Ele mesmo prometeu que estaria com eles até ao fim dos tempos (cf. Mt 28,20), que é o mesmo que dizer “até ao fim dos dias”.

Além disso, o Espírito Santo não esteve ausente até ao dia em que Ele veio aos discípulos – «no dia de Pentecostes»¹⁹⁶ – depois da Ascensão do Filho Incarnado e Ressuscitado. Com efeito, houve diversas manifestações da presença d’Ele no meio dos seres humanos, antes do dia de Pentecostes. Agostinho refere algumas:

- *A Sagrada Escritura* «diz abertamente e em muitos passos»¹⁹⁷ que os Profetas, que existiram antes da Encarnação do Filho, estavam cheios do Espírito Santo, falando pelo Espírito Santo¹⁹⁸;
- Acerca de João Baptista¹⁹⁹, o Evangelista Lucas (séc. I)²⁰⁰ afirma o seguinte: «*Será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe*» (Lc 1,15)²⁰¹;
- Acerca de Zacarias²⁰², pai de João Baptista, também a *Sagrada Escritura* diz que ele estava cheio do Espírito Santo quando falou do seu filho (cf. Lc 1,67)²⁰³;
- Iguamente cheia do Espírito Santo, estava Maria, Mãe de Jesus, quando anunciou coisas acerca do Filho que trazia no seu ventre (cf. Lc 1,46ss.)²⁰⁴;
- Também cheios do Espírito Santo estavam Simeão²⁰⁵ e Ana²⁰⁶, quando reconheceram a majestade do Filho Incarnado, quando este ainda era pequenino (cf. Lc 2,25ss.)²⁰⁷;

¹⁹⁶ AGOSTINHO – *Trin*, II, 5, 10.

¹⁹⁷ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

¹⁹⁸ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

¹⁹⁹ João Baptista é «filho de Zacarias e de Isabel, primo e precursor de Jesus, decapitado por ordem de Herodes Antipas» (JOÃO (S.) BAPTISTA. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 408).

²⁰⁰ Lucas era «gentio, um grego, talvez nascido em Antioquia e médico de profissão [...] S. Paulo fala dele como “Lucas, o médico amado” [...]. Foi autor do evangelho que tem o seu nome e da sua continuação, os Actos dos Apóstolos» (LUCAS. In ATTWATER – *Dicionário de Santos*, p. 267).

²⁰¹ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²⁰² Zacarias era «sacerdote» (ZACARIAS. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 828), sendo casado com Isabel, prima de Maria (Mãe de Jesus).

²⁰³ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²⁰⁴ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²⁰⁵ Simeão foi o «ancião que assistiu à Apresentação de Jesus no Templo. Proclamou o Messias esperado [...], abençoou o Seu pai e a Sua mãe e anunciou a esta que uma espada traspassaria a sua alma» (SIMEÃO. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 720).

- O próprio Espírito Santo revelou-se, de forma visível, quando desceu, como pomba, sobre o Filho Incarnado, aquando do Seu baptismo (cf. Mt 3,16; Lc 3,22)²⁰⁸.

Mas, então, como se explica que o Filho Incarnado tenha dito que o Espírito Santo só viria, depois d'Ele partir para o Pai?

Responde Agostinho que só há uma maneira de entender isso: O Espírito Santo, nessa vinda prometida pelo Filho, haveria de «ser como nunca antes fora»²⁰⁹ e haveria de trazer «uma certa propriedade [...], como antes nunca existiu»²¹⁰.

E foi isso mesmo que aconteceu!

Com efeito, e conforme afirma Agostinho, «dez dias após a [...] Ascensão, no dia de Pentecostes, [...] [fez-se] de repente, vindo do céu, um som como se se deslocasse um sopro de vento impetuoso, e apareceram aos Apóstolos umas línguas divididas como fogo, que pousou sobre cada um deles [cf. Act 2,2-3]»²¹¹ e os Apóstolos começaram a falar línguas que não conheciam²¹².

Conclui Agostinho:

«Realmente em parte nenhuma lemos que os homens tenham falado línguas que não conheciam quando o Espírito Santo veio até eles, como então aconteceu, sendo necessário que a sua vinda fosse manifestada por sinais sensíveis, para se mostrar que toda a terra e todos os povos organizados em várias línguas iriam acreditar em Cristo pelo dom do Espírito Santo, a fim de se cumprir o que se canta no Salmo: *Não são falas nem discursos, cujas palavras não sejam ouvidas: para toda a terra saiu a sua voz e até aos confins da terra as suas palavras* [Sl 19(18),4-5]»²¹³.

²⁰⁶ Ana era uma «viúva piedosa que reconheceu em Jesus apresentado no Templo o Messias esperado» (ANA. In *DICIONÁRIO de termos*, p. 51)

²⁰⁷ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²⁰⁸ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, II, 5, 10.

²⁰⁹ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²¹⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²¹¹ AGOSTINHO – *Trin*, II, 5, 10.

²¹² Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²¹³ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

Podemos concluir que o Espírito Santo veio sobre os discípulos, mas o Filho Incarnado não se ausentou, a não ser visivelmente.

Desta forma, são cumpridas ambas as promessas que o Filho Incarnado fez aos Seus discípulos: o Espírito Santo ficará com eles para sempre (cf. Jo14,16) e Ele mesmo estará com eles até ao fim dos tempos (cf. Mt 28,20).

Uma das provas de que o Filho de Deus não se ausentou é o facto d'Ele permanecer dentro dos corpos humanos, da mesma forma como permanece o Espírito Santo. Mas não só Eles permanecem dentro de cada ser humano, como também o Pai. É o próprio Filho Incarnado quem o diz, tendo essa informação sido registada por João Evangelista e citada por Isabel: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai amá-lo-á e viremos a ele, e faremos *nele* a nossa morada»(Jo 14,23)²¹⁴. Daqui decorre que os nossos corpos são templo da Santíssima Trindade e não só do Espírito Santo. Contudo, o desenvolvimento deste assunto não será tratado aqui, porque sai fora do âmbito deste trabalho, uma vez que ele contempla o Mistério de Deus, Uno e Trino, na criação.

Contudo, a propósito da morada da Santíssima Trindade em nós, interessa-nos focar o facto – conforme refere Agostinho – de que o Espírito Santo, que habita os nossos corpos, «não se retirará com a vinda do Pai e do Filho, mas estará com eles para sempre na mesma morada, porque nem ele vem sem eles, nem eles sem ele»²¹⁵, porque além d'Os Três operarem inseparavelmente, também inseparável é a vontade, a inteligência, as ideias, as palavras, a existência, a essência, os sentimentos, as emoções, etc. de cada um d'Eles em relação aos Outros.

No fundo, tudo é inseparável entre Os Três, porque «os três»²¹⁶ – tal como refere Agostinho – «são um só»²¹⁷.

²¹⁴ ISABEL DA TRINDADE – CT, 9.

²¹⁵ AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 19.

²¹⁶ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²¹⁷ AGOSTINHO – *Trin*, I, 8, 18.

Segundo Agostinho, a *Sagrada Escritura* ensina que «o Pai e o Filho e o Espírito Santo insinuam, na indivisível igualdade de uma só e mesma substância, a unidade divina; e que, por isso, não são três deuses, mas um só Deus»²¹⁸.

Vejam, por exemplo, as seguintes passagens bíblicas citadas por Agostinho, sendo a primeira e a terceira de Paulo de Tarso e a segunda, de João Evangelista:

- «*Para nós há um só Deus, o Pai, do qual vêm todas as coisas, e nós somos nele; e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem são todas as coisas, e nós por meio dele*» (1Cor 8,6)²¹⁹;
- «*Todas as coisas foram feitas por meio dele*» (Jo 1,3)²²⁰;
- «*Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência [...] de Deus. Quão insondáveis são os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos! Pois quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro, e lhe foi retribuído? Porque dele e por meio dele e nele são todas as coisas; a ele a glória, pelos séculos dos séculos. Amém*» (Rom 11, 33-36)²²¹.

Começamos pela última citação.

Afirma Agostinho que se atribuímos as expressões “dele”, “por meio dele” e “nele” – contidas na frase *porque dele e por meio dele e nele* – ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, respectivamente, e uma vez que a citação bíblica conclui no singular (*a ele a glória pelos séculos dos séculos*), não resta qualquer dúvida que o Pai e o Filho e o Espírito Santo é um só Deus²²².

Mas porque razão atribuiríamos “dele”, “por meio dele” e “nele” ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, respectivamente?

Observemos a primeira e a segunda citação, relacionando-a com a terceira.

²¹⁸ AGOSTINHO – *Trin*, I, 4, 7.

²¹⁹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 12.

²²⁰ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 12.

²²¹ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 12.

²²² Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 12.

Em primeiro lugar, quando se fala em “todas as coisas”, fala-se em “todas as coisas criadas”, conforme refere Agostinho²²³ e conforme também já referimos nós anteriormente.

Em segundo lugar, e conforme afirma Agostinho, se entendêssemos a terceira citação como unicamente acerca do Pai, «como é então que todas as coisas existem por meio do Pai, como aqui se diz, e todas as coisas existem por meio do Filho, como na Epístola aos Coríntios [primeira citação] [...] e como no Evangelho de João [segunda citação]»²²⁴? Daqui decorre que todas as coisas são por meio do Pai e por meio do Filho²²⁵, como, aliás, já era de supor, porque a operação do Filho é inseparável da do Pai.

Em terceiro e último lugar, também todas as coisas são por meio do Espírito Santo. Com efeito, e conforme refere Agostinho, tendo por base Paulo de Tarso, o Espírito Santo «*opera tudo em todos*» (1Cor 12,6)²²⁶. Mas já era de supor que assim fosse, uma vez que a operação do Espírito Santo é inseparável da do Pai e da do Filho.

Assim sendo, Os Três são Um só e Único Senhor (atributos aplicados à Trindade, por Agostinho).

Mas também já era de esperar, porque além de Deus jamais poder constar de três deuses (visto que – conforme já provamos no capítulo anterior – há um só Deus, não podendo existir mais do que um Deus), também o Pai, o Filho e o Espírito Santo são iguais em essência, formando, desta forma, uma Unidade, mais precisamente – e conforme afirma Isabel – uma «unidade do amor»²²⁷, porque Deus é Amor.

Como a propriedade do amor – tal como refere Isabel, citando João da Cruz – é «a de igualar aquele que ama àquele que é amado [...], porque a recíproca afeição torna tudo comum entre ambos»²²⁸ e uma vez que quer o Pai, quer o Filho, quer o Espírito Santo é Amor Absolutamente Perfeito, então a igualdade entre Eles é Absolutamente Perfeita,

²²³ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 12.

²²⁴ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 12.

²²⁵ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 12.

²²⁶ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²²⁷ ISABEL DA TRINDADE – CT, 1.

²²⁸ JOÃO DA CRUZ – *Cantique spirituel*, p. 307-308. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 15.

nomeadamente na vontade, na inteligência, nas ideias, nas palavras, na existência, na essência, nos sentimentos e nas emoções.

E de tal forma, em Deus, tudo concorre para a união, para a unidade e para a harmonia, que as Pessoas da Trindade – tal como refere Agostinho – não se entendem umas separadas das outras²²⁹. E assim como são inseparáveis, assim também operam inseparavelmente²³⁰.

Contudo, e continuando a seguir o pensamento de Agostinho, a Trindade que, em Si mesma é Inseparável, manifesta-se «separadamente sob a aparência de uma criatura visível»²³¹ como, por exemplo, aquela voz que se ouviu nos Céus que não foi senão a voz do Pai, como aquela carne que nasceu da Virgem Maria e que não foi senão a do Filho e como aquela pomba que apareceu, aquando do Baptismo do Filho Incarnado, e que não foi senão o Espírito Santo²³². Porém, a inseparável operação da Trindade também está «em cada uma das coisas que se dizem pertencer à manifestação quer do Pai quer do Filho quer do Espírito Santo»²³³.

Para se entender melhor o que Agostinho acabou de dizer, ele mesmo dá um exemplo, relacionando a Trindade com a nossa memória, a nossa inteligência e a nossa vontade: cada uma destas três refere-se a algo em particular; contudo, cada uma delas é realizada pelas três em conjunto; do mesmo modo, a Trindade, em conjunto, opera a voz do Pai, a carne do Filho e a pomba do Espírito Santo, embora cada uma destas manifestações se refira a cada uma das Pessoas da Trindade²³⁴.

E porque cada uma das Pessoas da Trindade se manifesta de forma separada, assim também se atribuem propriedades ou actividades a uma determinada Pessoa Divina (devido à

²²⁹ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 9, 19.

²³⁰ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 4, 7.

²³¹ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30.

²³² Cf. AGOSTINHO – *Trin*, I, 5, 8.

²³³ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30.

²³⁴ Cf. AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30.

Sua peculiaridade), que, na realidade, são comuns às três. A estas atribuições dá-se o nome de apropriações²³⁵.

Um exemplo de apropriação é a atribuição da Sabedoria ao Filho. O próprio Agostinho fá-lo, quando refere, por exemplo, o seguinte: «O próprio Filho, falando em outro lugar pela voz da Sabedoria – pois ele é a Sabedoria de Deus – diz: *Sozinha, percorri a abóbada celeste* [Sir 24,5]»²³⁶.

Outro exemplo de apropriação é a atribuição da operação de tudo em todos ao Espírito Santo. Agostinho fá-lo, quando refere, por exemplo, o seguinte: «Com certeza que o Espírito de Deus é um só Espírito, o Espírito do Pai e do Filho, o Espírito Santo *que opera tudo em todos* [1Cor 12,6]»²³⁷. Mas também Isabel o faz, quer quando, citando Ruysbroeck, afirma que o Espírito Santo tem uma «actividade sem descanso»²³⁸ dentro de cada alma (de cada corpo humano), quer quando, citando João da Cruz, afirma que «é, de facto, o Espírito de amor e de força que transforma a alma, porque tendo-lhe sido dado suprir ao que lhe falta [...] opera nela esta gloriosa transformação»²³⁹.

Também o Amor é atribuído ao Espírito Santo, como podemos constatar pela seguinte frase de Isabel: «O Espírito Santo, esse [...] Amor que na Trindade é o laço do Pai e do seu Verbo»²⁴⁰. Isabel chega mesmo a nomeá-lo «Braseiro do Amor»²⁴¹ e «Incêndio de Amor»²⁴², usando, neste último caso, as palavras de Ruysbroeck.

Muitos mais exemplos poderiam ser dados.

Contudo, e em jeito de conclusão, voltamos a referir que estas propriedades ou actividades que se atribuem a uma só das Pessoas da Trindade são, de facto, comuns às Três, uma vez que – tal como refere Agostinho – «o Pai e o Filho e o Espírito Santo são o mesmo na sua substância, na qual os três são um só, sem nenhuma mutação temporal, acima de toda a

²³⁵ Cf. BREUNING, Wilhelm – Apropiações. In *DICCIONARIO de Teología Dogmática*, p. 66.

²³⁶ AGOSTINHO – *Trin*, I, 6, 10.

²³⁷ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 20, 29.

²³⁸ JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 72. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 13.

²³⁹ JOÃO DA CRUZ – *Cantique spirituel*, p. 408-409. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 42.

²⁴⁰ ISABEL DA TRINDADE – CT, 14.

²⁴¹ ISABEL DA TRINDADE – CT, 14.

²⁴² JOÃO DE RUYSBROECK – *Rusbrock*, p. 72. Apud ISABEL DA TRINDADE – CT, 13.

criatura e também sem intervalos de tempo ou de espaço e em simultâneo um só e o mesmo desde toda a eternidade para toda a eternidade»²⁴³.

3.3. Conclusão

Foi nossa preocupação mostrar de que forma Deus, antes de toda e qualquer criação, vive em comunidade, se Ele, antes de toda e qualquer criação, é O único vivente.

Explicamos tal facto através da existência de Três Pessoas, em Deus Único, que, apesar de distintas em existência, são iguais em essência.

De facto, as Três Pessoas são distintas, porque uma das Pessoas é Pai (e nenhuma das outras é); outra Pessoa, procedendo do Pai por geração, é Filho (não havendo quem tenha procedido dessa forma a não ser o Filho e não havendo quem seja Filho a não ser o Filho); e a outra Pessoa, procedendo do Pai e do Filho por inspiração, é dito Espírito Santo (não havendo quem tenha procedido dessa forma a não ser o Espírito Santo).

As Três Pessoas, apesar de terem existência distinta, operam de forma inseparável, vivendo em conformidade uns com os outros e tendo tudo em comum, nomeadamente a Substância Divina. E porque a Substância do Pai, do Filho e do Espírito Santo é Divina, o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus.

E uma vez que cada um d'Os Três é Deus, cada um é realmente Pessoa, porque, além de ter existência distinta, possui personalidade própria. Com efeito, sendo cada um Deus, cada um possui todos os atributos de Deus, nomeadamente a Sua Inteligência Infinita (e, por isso, cada um é Alguém Pensante e Inteligente), bem como o Seu Amor Infinito (e, por isso, cada um é capaz de se relacionar, de forma íntima e emotiva, com os outros).

²⁴³ AGOSTINHO – *Trin*, IV, 21, 30.

Contudo, as Três Pessoas – que formam uma Trindade – não são três deuses, mas Um só e Único Deus.

A Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo é Deus e Deus é a Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo ou, por outras palavras, a Trindade, em Deus, é Una e a Unidade, em Deus, é Trina.

CONCLUSÃO GERAL

Quando se fala em Mistério de Deus, Uno e Trino, não se considera o termo “Mistério” na sua acepção de obscuro e confuso, mas sim na sua acepção de não ser imediatamente perceptível pelos sentidos. Por isso, Deus deve ser procurado por outros meios – nomeadamente através da razão iluminada pela fé – para ser conhecido e compreendido.

Utilizando a razão iluminada pela fé, mostramos, com este trabalho, que o Mistério de Deus, Uno e Trino, além de não ser completamente incompreensível, também não é inútil para a prática da vida cristã, através, sobretudo, dos exemplos de vida e dos respectivos pensamentos de Agostinho de Hipona e de Isabel da Trindade.

Também mostramos que o conhecimento de Deus, Uno e Trino – não só em termos de saber (intelectual), mas também em termos de experiência (vivencial) – é a condição que garante a realização pessoal e eterna de cada ser humano, porque Deus é A Felicidade Plena do homem. A sociedade actual que, de uma maneira geral, ainda insatisfeita e infeliz, deve aperceber-se que só se satisfará e será feliz quando buscar, incessantemente e de forma apaixonada, Deus – tal e qual Agostinho e Isabel o fizeram – tendo a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, O encontrará.

Assim sendo, é de máxima urgência que cada ser humano se dedique tanto ao estudo, à meditação e à reflexão sobre Deus, tendo por base, sobretudo, a *Sagrada Escritura*, como também à oração a Deus, relacionando-se com Ele, convivendo com Ele, amando-O e deixando-se amar por Ele, agindo e deixando-se agir segundo a Sua Vontade, de forma a configurar-se n’Ele.

De forma a ajudar a sociedade a buscar e a encontrar Deus – O Verdadeiro Deus, que é a Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo – elaborámos este trabalho, tendo sempre a preocupação de que tudo quanto fosse escrito pudesse ser entendido por qualquer ser humano. Daí que tenhamos pormenorizado e explicado tudo quanto pudemos (para que quem não

esteja dentro do assunto, o compreenda), dentro do tempo disponibilizado para a elaboração deste trabalho, de forma a tornar o tema – que, por si só, é complexo – acessível a todo o ser humano.

Consideramos que esta é uma das originalidades que o trabalho apresenta.

Contudo, há mais.

Consideramos que foi original juntar Agostinho de Hipona com Isabel da Trindade, para o tema do Mistério de Deus, quer “entrelaçando”, com a ajuda de ambos, a Teologia e a Mística, quer “encaixando” as suas sabedorias (intelectuais e vivenciais) no “período” anterior à criação (até porque Isabel é mais conhecida pelo tema do relacionamento Deus-homem). Também foram originais os quadros apresentados no decurso do trabalho, após a pesquisa minuciosa dos atributos que Isabel e Agostinho aplicaram a Deus, ao longo das obras em questão, e que, além de serem os mais relevantes, correspondiam ao “período” anterior à criação. A dedução de todos os atributos expostos no quadro (aos quais se juntaram outros, por necessidade e por relevância), a partir de uma única premissa, bem como a explicação do que se entende por cada um deles contribuíram também para a originalidade deste trabalho.

Por fim, gostaríamos de olhar sobre as perspectivas de investigações futuras, relativamente ao tema do Mistério de Deus, Uno e Trino, com o contributo de Agostinho de Hipona e de Isabel da Trindade.

Uma vez que este trabalho só se debruçou sobre o “período” anterior à criação, consideramos que os outros dois “períodos” (isto é, “da criação até ao fim do mundo” e “após o fim do mundo”) podem vir a ser tratados no futuro, continuando a ter por base Agostinho e Isabel.

BIBLIOGRAFIA

- **Fontes:**

AGOSTINHO [DE HIPONA], Santo – *Trindade De Trinitate*. Edição bilingue. Coordenação de Arnaldo do Espírito Santo; introdução e notas de José Maria da Silva Rosa; tradução de Arnaldo do Espírito Santo [et al.]. Prior Velho: Paulinas, 2007.

ISABEL DA TRINDADE, Beata – *Obras completas*. Edição crítica de Conrad De Meester; tradução e anotações complementares de Carlos H. do C. Silva. Avesadas: Edições Carmelo, 2008.

- **Estudos:**

ANCILLI, Ermanno [et al.] – “*Ho creduto al Dio presente*”: *Saggi sulla spiritualità di Sr. Elisabetta della Trinità*. Torino: Marietti Editori, 1971. Aggiornamento.

ARDENS – *Mergulho no Divino: Vida e pensamento da Irmã Isabel da Trindade*. Tradução de Jerónimo de Jesus Correia. Oeiras: Edições Carmelo, 1986. Retratos do Carmelo; 2.

ASIMOV, Isaac – *O universo da Ciência: O que é a Ciência? O universo. O sistema solar. A terra. A atmosfera*. Tradução de Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1987, vol. 1.

BALTHASAR, Hans Urs Von – *Elisabeth de la Trinité et sa mission spirituelle*.
Liminaire de François de Sainte-Marie; traduction de Jeanne Ancelet-Hustache. Paris:
Éditions du Seuil, 1959.

BERTRAND, Luís – *Santo Agostinho*. Tradução de A. Cardoso. Porto: Apostolado da
Imprensa, 1930.

BOCHET, Isabelle – *Saint Augustin et le désir de Dieu*. Paris: Institut d'Études
Augustiniennes, 1982. Études Augustiniennes; 95.

BOULENGER, A. – *Manual de apologética*. Resumido e adaptado da 7ª edição
francesa por G. P.. 2ª edição. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1950.

CAETANI, Francesco M. – *Deus*. Tradução de João A. de Sousa. Lisboa: Livraria
Sampedro Editora, 1961. Ecclesia; 5.

DE MEESTER, Conrad; CARMELO DE DIJON – *Isabel da Trindade: Procuro-te
desde a aurora: Evocação de um rosto e de um coração*. Oeiras: Edições Carmelo,
[196?].

FERRIER, Francis – *Santo Agostinho*. Tradução de Isabel Maio Gonçalves. Mem
Martins: Publicações Europa-América, 1993. Saber; 225.

FOULQUIÉ, Paul – *A vontade*. Tradução de Artur Pistacchini Galvão. 2ª edição.
Mem Martins: Publicações Europa-América, 1976. Saber; 22.

PANIKKAR, Raimon – *A Trindade: Uma experiência humana primordial*. Tradução de Maria Irene Bigotte de Carvalho. Lisboa: Editorial Notícias, 1999. Religiões.

PAPINI, Giovanni – *Santo Agostinho*. Tradução de M. G. da Costa. Braga: Livraria Cruz, 1949. Critério; 21.

POINSENET, Marie-Dominique – *Questa presenza di Dio in te...: Elisabetta Catez, Suor Elisabetta della Trinità o.c.d. 1880-1906*. Milano: Editrice Ancora; Roma: Postulazione Generale Carmelitani Scalzi, 1971. Spiritualità Carmelitana; 19.

VANDEUR, Eugène – *O mon Dieu: Trinité que j'adore: Élévations, Augmentés, Complétées*. 4ª edição. Wépion: Monastère de Marlagne; Louvain: Abbaye du Mont-César, 1931.

- **Dicionários e Enciclopédias:**

ATTWATER, Donald – *Dicionário de Santos*. Tradução de Jorge Pinheiro. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1983.

CURSO de Português. Dir. Américo Areal. 19ª edição. Porto: Asa, 2006. Enciclopédia Estudo.

DICCIONARIO de los Santos. Dir. C. Leonardi; A. Riccardi; G. Zarri. Madrid: San Pablo, 2000, vol. 1-2.

DICCIONARIO de San Agustín: San Agustín a través del tiempo. Dir. Allan D. Fitzgerald; traducción de Constantino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001.

DICCIONARIO de Teología Dogmática. Dir. Wolfgang Beinert. Barcelona: Herder, 1990.

DICCIONARIO de Teología Fundamental. Dir. René Latourelle; Rino Fisichella. 2ª edição. Madrid: San Pablo, 2000.

DICCIONARIO Teológico El Dios Cristiano. Dir. Xabier Pikaza; Nereo Silanes. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1992.

DICIONÁRIO de Espiritualidade. Dir. Stefano de Fiores; Tullo Goffi. Tradução da edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra e Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

DICIONÁRIO de termos da fé. Dir. Olivier de la Brosse; Antonin-Marie Henry; Philippe Rouillard. Tradução de A. Maia da Rocha. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1989.

DIZIONARIO patristico e di antichità cristiane. Dir. Angelo Di Berardino. Genova: Casa Editrice Marietti, 1983, vol. 1.

DÓRIA, António A. – *Dicionário Francês-Português.* 4ª edição. Porto: Editora Educação Nacional, [194?].

ENCICLOPÉDIA Verbo Luso-Brasileira de cultura: Edição século XXI. Dir. João Bigotte Chorão. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2001, vol. 19.

ENCICLOPÉDIA Verbo Luso-Brasileira de cultura: Edição século XXI. Dir. João Bigotte Chorão. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2003, vol. 28.

FERRATER MORA, José – *Dicionário de Filosofia.* Edição abreviada preparada por Eduardo Garcia Belsunce e Ezequiel de Olaso sob a orientação do Autor. 5ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

GRANDE Dicionário da Língua Portuguesa. Org. José Pedro Machado. Lisboa: Amigos do Livro, 1981, vol. 1-12.

PINHEIRO, Eduardo; DÓRIA, António A. – *Dicionário Português-Francês.* 3ª edição. Porto: Editora Educação Nacional, 1945.

TAVARES, Jorge – *Dicionário de Santos: hagiológico, iconográfico, de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores de música religiosa.* 3ª edição revista. Porto: Lello Editores, 2004.

ÍNDICE

Dedicatória	1
Siglas e abreviaturas	2
Introdução geral	4
1. Isabel e Agostinho	11
1.1. O teólogo místico	12
1.2. A mística teóloga	44
1.3. Conclusão	67
2. Deus Uno	69
2.1. Porque Deus é Aquele que É...	81
2.2. Porque Deus é Eterno e Infinito...	85
2.3. Porque Deus é Imutável...	91
2.4. Porque Deus é Absolutamente Perfeito...	97
2.5. Conclusão	114
3. Deus Trino	116
3.1. Deus é a Trindade	121
3.2. A Trindade é Deus	141
3.3. Conclusão	169
Conclusão	171
Bibliografia	173
Índice	178